



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL**

CLENILDE SOUZA LIMA

**ELAS POR ELAS - NÓS POR NÓS: A REINVENÇÃO DOS MODOS DE (RE)-
EXISTIREM NA COMUNIDADE/FAVELA NAS DOBRAS DA ARTE DO
ENCONTRO, NO ENCONTRO NA ARTE E CUIDADO.**

RIO DE JANEIRO 2021

CLENILDE SOUZA LIMA

**ELAS POR ELAS - NÓS POR NÓS: A REINVENÇÃO DOS MODOS DE (RE)-
EXISTIREM NA COMUNIDADE/FAVELA NAS DOBRAS DA ARTE DO
ENCONTRO, NO ENCONTRO NA ARTE E CUIDADO.**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Programa de Pós-Graduação em
Psicossociologia de Comunidades e Ecologia
Social, Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do
título de Mestre Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social

Orientadores: Emerson Elias Merhy
Kathleen Tereza da Cruz

**RIO DE JANEIRO
2021**

CLENILDE SOUZA LIMA

**ELAS POR ELAS - NÓS POR NÓS: A REINVENÇÃO DOS MODOS DE (RE)-
EXISTIREM NA COMUNIDADE/FAVELA NAS DOBRAS DA ARTE DO
ENCONTRO, NO ENCONTRO NA ARTE E CUIDADO.**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Programa de Pós-Graduação em
Psicossociologia de Comunidades e Ecologia
Social, Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do
título de Mestre Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social

Aprovada: _____

TITULARES:

Prof. Dr. Emerson Elias Merhy, Interno, EICOS-UFRJ

Profa. Dra. Maria Paula Cerqueira, Interna, EICOS-UFRJ

Profa. Dra. Erminia Silva, Pesquisadora Grupo Circus-FEF UNICAMP

Prof. Mestre. José Franciso Almeida Pacheco da Escola da Ponte de
Portugal (CONVIDADO ESPECIAL)

Suplentes,

Prof. Dr. Paulo Mendonça, IESC-UFRJ - RJ

Prof. Dr. Helvo Slomp Junior, EICOS-UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

LL732i LIMA, CLENILDE
intitulado ELAS POR ELAS - NÓS POR NÓS: A
REINVENÇÃO DOS MODOS DE (RE)-EXISTIREM NA
COMUNIDADE/FAVELA NAS DOBRAS DA ARTE DO ENCONTRO,
NO ENCONTRO NA ARTE E CUIDADO / CLENILDE LIMA. --
Rio de Janeiro, 2021.
118 f.

Orientador: Emerson Elias Merhy.
Coorientadora: Kathleen
Tereza da Cruz.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2021.

1. Psicossociologia. 2. Comunidades . 3.
Palhaçaria. 4. Cuidado. 5. Pandemia . I. Merhy,
Emerson Elias, orient. II. Cruz,
Kathleen Tereza da , coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Agradecimentos,

Apesar de parecer uma tarefa fácil, agradecer é bastante desafiador. Foram muitas as pessoas que andarilharam comigo nessa construção. Algumas já não estão no plano terreno, partiram prematuramente para compor um universo infinito.

Começarei por duas pessoas que muito me ensinaram, meu irmão Beto, que me ensinou a perseverança, a fé, a alegria, a determinação e a luta desenfreada pela vida. Com ele aprendi o cuidado genuíno, onde um corpo pode nada e pode tudo, nem mesmo, a tetraplegia foi capaz de pará-lo. O corpo orgânico deu lugar ao corpo fala, arte, pulsátil, onde cada minuto que vivemos fez da vida uma grande Brincança. A saudade que habita em mim, saúde a saudade que habitou em você.

A minha querida amiga Angelica Rente, de uma doçura singular de sorriso e força inesquecível. Partilhamos encontros intensos na jornada desse mestrado. Sua defesa póstuma foi fantástica, à sua altura. Creio que de algum modo você sempre estará conosco Uma das mulheres mais inteligentes e sensíveis que encontrei no meu caminhar. Angélica, Presente!!! A lembrança que habita em mim, saúde a lembrança que habitou em você.

Continuando pelas andarilhagem de gratidão. Ao Emerson, meu amigo e orientador do mestrado, pelo acalanto, suporte e parceria. Por cada conversa, cada café, por rir e chorar comigo. Por dar asas para um voo poético, estético e amoroso nessa construção.

À Mina, que compartilhou toda generosidade que carrega consigo, que me fez perguntas inquietadoras, essenciais para essa produção. Aos dois pelo carinho com que abriram a porta de suas Vidas, me permitindo viver uma experiencia de amor e carinho inovadoras no meu vivido. O amor que habita em mim, saúda o amor que habita em vocês.

As minhas irmãs, amigas e parceiras da vida, Kathleen e Tatiana Clarkson, por toda disponibilidade e carinho. Abarcando meus medos e angústias produzidos ao longo dessa andarilhagem. A solidariedade que habita em mim, saúda a solidariedade que habita em vocês.

Aos meus filhos e netos, Bruna, Thais, Kaio, Lucas e Mallu. Gratidão por fazerem parte dessa construção. Cada um a seu modo, moveram as pedras da

saudade, da distância física que me assombrava, dando lugar na produção de encontros viáveis. Aprendo muito com cada um de vocês. O afeto que habita mim, saúda o afeto que habita em vocês.

Aos Meus tios queridos, Queza e Dário, que sempre tiveram uma palavra de esperar. Sempre de braços e ouvidos atentos. A afeição que habita mim, saúda a afeição que habita em vocês.

Aos amigos de turma, que dividiram cafés, saberes, alegrias e desafios, minha gratidão. Aprendi a força da construção e partilhas de saberes instigadores, desafiadores e afáveis. A amabilidade que habita mim, saúda a amabilidade que habita em vocês.

Ao querido amigo e educador Zé Pacheco, que compartilhou generosamente seus saberes e experiências, de um vivido educacional transformador, afetuoso e inovador. A educação que habita em mim, saúda a educação que habita em você.

Ao Coletivo da Linha Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde pelo carinho, amizade, solidariedade, referência – ou seja, minhas alteridades –, junto provocaram estranhamentos e encantamentos na produção de conhecimentos em mim. Com vocês aprendi a me desafiar e brincar com saberes e sabores. A palhaça que habita em mim, saúda as e os palhaços(as), que habitam em vocês. Saudações Borboletais.

A todos que habitam no Complexo do Alemão, a cada encontro vibrátil, que deslocou meu corpo, meu olhar, me proporcionando um dos encontros mais potentes na trajetória do meu viver. Com vocês aprendi em ato, resistência, resiliência, potência, alegria e luta. A resistência e afabilidade que habita mim, saúda a resistência e afabilidade que habita em vocês.

Deixo aqui uma poesia para cada um de vocês aqui citados;

Sou livre para o silêncio das formas e das cores.

“Sou livre para o silencio das formas e das cores.

Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feitiço.

A poesia não existe para comunicar, mas para comungar.

A palavra é o nascedouro que acaba compondo a gente.

A palavra amor anda vazia. Não tem gente dentro dela

Melhor ser as coisas do que entendê-las.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as Insignificâncias (do mundo e as nossas).” Manoel de Barros

Memorial

1.0 Eu Leitora de mim mesma!

“Quem mata a criança que tem dentro de si não vira adulto: adultera-se.” Ruben Alves

Início estas memórias por passagens que foram fundamentais para compor meu corpo-multidão.

- Menina calce os chinelos, se aquiete um pouco, você não cansa de tantas traquinagens?

Frase comum de minha mãe ao ver minhas peraltices.

Lembro-me com clareza da casa sem muro, o chão de terra, o encanecido poço que abastecia alguns vizinhos e a grande horta cuidada por minha mãe e minha avó com muito esmero. Horta que me era muito útil na hora de minhas brincadeiras, principalmente o pé de pimenta, que me chamava a atenção pela sua cor viva, e me exacerbava a curiosidade. Como pode uma pimenteira tão bonita, quando carregada, fosse pimentas verdes ou vermelhas, ser algo que ardia tanto a boca. Claro que eu degustava, ainda sabendo da consequência, mas não havia uma só vez que eu não ficasse indignada a respeito da pimenta que, claro, fazia parte de uma das minhas brincadeiras de faz de conta, raras as vezes que ficava no imaginário.

O córrego, que passava atrás de minha casa, com muitas espécies de flores à sua margem, mormente o jasmim, cujo cheiro sinto até hoje quando fecho os olhos, tinha sua água límpida. Gostava muito de ouvir o coaxar dos sapos, que, por sinal, sempre desvaneciam ao sentir a minha presença. Era como se tivessem um sexto sentido. Eu estava por perto e... traquinagem à vista, compreensível tal presságio.

As noites eram embaladas pelas estórias que meu pai e meu tio contavam e que davam medo. Afinal, qual a criança que não tem medo de lobisomem, alma penada, mula sem cabeça, Saci Pererê?

Eu ia dormir pensando no dia seguinte, acordava bem cedo, já maquinando o que eu iria aprontar e já contando com as ralhadas que eu poderia levar. Mas, como toda criança, não temia em me aventurar, pois um dia sem uma traquinagem estava sempre fora das minhas cogitações.

A sexta-feira era o dia mais esperado por mim, porque era dia de velório, isso mesmo, velório. Saía bem cedo à procura de algum animalejo que pudesse ter morrido naturalmente como tatuzinhos, joaninhas, baratas, formigas dentre outros, e recolhia-os. Logo apareciam meus amigos, pois já sabiam que tinham uma empreitada: colher flores na margem do córrego e preparar o campinho perto de casa, onde tínhamos um cemitério para os pequenos insetos, achar a caixinha de fósforo ou de sapato, tudo com muita reverência até que, depois de tudo nos conformes, começávamos o cortejo fúnebre. Eu, na frente, vestida com um vestido branco da minha mãe, em alta, voz dizendo:

- A formiga morreu!....

E todos respondiam:

- Amém!....

Era inevitável, a vizinhança desabava a rir, principalmente em me ver imitar o vigário, que sempre brigava ao saber dessa brincadeira, pois dizia ele que não devíamos brincar com mortos, mas acabava soltando um risinho e um balancete de cabeça, das peraltices que eu aprontava.

Hoje, quando me recordo e vejo o velho poço lacrado, o velho córrego putrefato e o velho rio também poluído, a horta, puro cimento, embalo-me nas lembranças de minha infância. É incontestável: Como fui feliz!

Nos dias atuais, as crianças se lambuzam com os controles remotos das televisões, os tablets, celulares, dentre outros. Um novo mundo foi introduzido a elas e, por vezes, as afastam de ser o que são: crianças.

Meu encontro com a escola se deu em 1976. Confesso que não foi algo estimulante, ou interessante. Na época, a pré-escola não era obrigatória,

apesar do desejo de ir para aquela “escolinha” onde todas as crianças que para lá iam, diziam ser muito divertido. Entretanto, sempre tive dúvidas sobre tais falas. Ficava horas pensando sobre o assunto, depois de muitos anos, descobri que não era não divertida assim.

Então, fui direta para o 1º ano. Lembro-me da minha professora dona Araci que me apresentou ao “Ivo viu a Uva”; coisa que, na minha cabeça, não fazia nenhum sentido. Mas algo ainda mais intenso me marcou: A comparação que minha professora fazia todos os dias de um aluno com o outro, seja com os cadernos caprichados e bem copiados, com as provas onde se reproduzia quase a lousa do dia a dia, ou a boa repetitiva leitura da velha cartilha Caminho Suave.

Algo se rompia ali, era como se não mais fossemos crianças, onde brincar era proibido. O que me intrigava. Um monte de crianças juntas com cara de paisagem, numa sala em que só se podia repetir coisas. E, quando algo não saía de acordo com as “normas”, sofriamos punições.

Já que a escola era reprodutora e bancária, eu criava e recriava a escola dos meus sonhos. Aprendíamos com as brincadeiras, com o dia a dia, com as vivências e com o meio.

A narrativa acima se faz importante para maior compreensão das escolhas que esta educadora-pesquisadora-brincante-palhaça, mãe e vó, percorreu e percorre em sua trajetória.

Nascida na cidade de Barueri em São Paulo, filha de um pedreiro e de uma dona de casa, migrantes nordestinos do Sul da Bahia, com culturas arraigadas no tal conservadorismo de sua “época”. No caso de minha família, mulher deveria aprender a ser “dona de casa” – estudar para quê?

Comecei a trabalhar precocemente numa feira livre, que acontecia próxima a minha velha casa. Aos onze anos, fui ser babá de uma criança de três meses. Ali naquele trabalho, vislumbrei a possibilidade de um dia ir para a universidade, a contragosto de meus pais, que, afinal, educaram as três filhas para serem do lar e um irmão, que carregava o peso das projeções machistas dos pais.

Foi inevitável: quebrei as regras familiares, ainda que um pouco tardiamente.

Me casei muito cedo, ainda na adolescência. Tive três filhos, sendo duas meninas e um menino. Me divorciei muito cedo, assumindo a maioria das responsabilidades pela educação e cuidados dos meus filhos, como fazem milhares de mulheres pelo mundo afora. Me tornei a mais jovem avó no meu núcleo familiar. Sou avó do Lucas e da Mallu, e espero ser de mais crianças adoráveis como eles.

Deixei de lado o terninho, o início de um curso em comércio exterior e o trabalho em uma multinacional. Mergulhei no mundo do brincar. Mundo esse que me despertou o desejo de uma graduação que me aproximasse do universo do ser criança, como também a formação do curso de medicina.

Graduando-me em Pedagogia pela FIZO - Faculdade Integração - Zona Oeste (2007). Passei dois anos pela Brinquedoteca Municipal de Barueri, Centro de Apoio ao Desenvolvimento Educacional da Criança (Cadec). Naquele espaço pude experimentar uma grande experimentação dentro dos encontros com cada criança que frequentava aquele espaço. Ali criei alguns personagens, como: a princesa Atiría, a bruxinha Aicá, a cachorrinha Loli, a pintura D´Cleozante, a boneca Neca. Já na transição para outro espaço, a boneca Dra. Maluquinha. Neste lugar descobri a quão ricas foram as minhas brincadeiras de infância, me reencontrei com minha alma brincante e não mais a desencontrei.

Ainda nesta brinquedoteca, fui produtora Pedagógica no Programa de rádio Palavra Cantada, pela rádio América de São Paulo, onde aprendi com duas jornalistas e quatro crianças extraordinárias a encantar um público, que não víamos com palavras e músicas.

Depois de dois anos, fui para a primeira versão da Brinquedoteca, no antigo Pronto Socorro de Barueri. Após cinco anos, fui a idealizadora e implementadora da Brinquedoteca do novo Pronto Socorro Infantil, experiência que me possibilitou a escrita do livro “Crônicas de uma Doutora Borboleta – Reinventando a Saúde pelo afeto”, lançado pela editora Rede Unida.

Foi neste pronto socorro que nasceu a palhaça Dra. Borboleta. Vale a pena ressaltar que atuava como palhaça no horário das oito (08:00h) as dezessete (17:00h), marcando o ponto digital. Esse personagem ofertou uma guinada na minha

trajetória de vida e formação, me inspirando na construção de outros modos de atuar frente os enfrentamentos, como uma compreensão de modos de produção de vida.

Na minha trajetória no Pronto Socorro Infantil (PSI), tive a oportunidade de acompanhar a classe hospitalar e atendimento educacional a crianças portadoras de várias síndromes e com necessidades “especiais”. Posso dizer que todas eram especiais, cada uma a seus modos de existência.

No ano de 2009, mudei para a cidade do rio de Janeiro, conhecida por cidade maravilhosa, como a canta Caetano Veloso: – Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil, cidade maravilhosa coração do meu Brasil(...). Há um paradoxo, nesta letra.

Em 2010, comecei a trabalhar na Secretaria Municipal de Saúde da cidade do Rio de Janeiro, sem imaginar que teria um dos mais marcantes e importantes encontros no mundo trabalho. Tive o privilégio de encontrar pessoas maravilhosas, que vivem entre momentos de alegrias e tristezas, em pleno território de guerra armada. Após um mês, trabalhando na Coordenação de Promoção da Saúde, desenvolvi o Projeto Brincança/Espaço Lúdico na Clínica da Família Zilda Arns, no Complexo do Alemão, na histórica incursão no Complexo. Com a ofensiva da Polícia Militar do Rio de Janeiro, com o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) , em conjunto com a Polícia Civil do Rio de Janeiro, com a Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE), com o Corpo de Fuzileiros Navais, com a Força Nacional, com o Batalhão de Polícia Florestal e com o Exército Brasileiro.

Não se passou muito tempo da pacificação no Alemão e outra fatalidade me desafiaria, numa intensidade que eu ainda não havia experimentado. A tragédia na escola Tasso da Silveira, onde um jovens de 23 anos, invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes, sendo que matou doze deles, com idade entre 13 e 15 anos, e deixou mais de 22 feridos.

Atendi alunos, parentes diretos e indiretos das vítimas. Tudo se deu dentro de um espaço lúdico, na Clínica da Família Olímpia Esteves, em Realengo. Ali, a dor era expressa com cores, massa para modelar, poesias, músicas, teatro e

tudo que pudesse aliviar a carga emocional que cada criança e adolescente traziam.

Participo de vários Congressos, colóquios e seminários, como ouvinte, conferencista e palestrante. De entre os trabalhos apresentados, destaca-se: A Importância do Ato de Brincar; A boniteza do Complexo do Alemão; Ponto e Contra Pontos de uma Brinquedoteca Hospitalar, O Brincar e as ferramentas na Recuperação da Criança Hospitalizada, Colaboro com o grupo de trabalho na organização de encontros e congressos na Associação Rede Unida trata-se de uma entidade internacional, sediada no Brasil, que se estrutura por uma Coordenação Internacional, Coordenações Regionais no Brasil, Núcleos Internacionais nos quais mantém relações de cooperação e Fóruns Temáticos, sendo o de Residências em Saúde; dos Direitos Humanos, da Diversidade e da Equidade de Raça e Gênero; Fazer-SUS; Internacional da Rede Unida; e Fórum Povos.

Em 2011, mais um encontro potente, encontro este que me instigou a ser uma pesquisadora in-mundo. Passei a frequentar os encontros do Coletivo da Linha Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, que acontecia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Neste encontro descobri uma outra universidade. Uma universidade viva, perguntadora, presente, artística, que encanta pesquisadores. Aquele coletivo aposta na construção coletiva de saberes. Nele estou, até a data desta escrita. Ali encontrei escuta, partilhas, carinho, amizade, apoio, parceria, referência – ou seja, minhas alteridades –, pessoas que enfrentaram comigo as descobertas e provocações. Construimos saberes com novos sabores, nunca tivemos um encontro sequer parecido com outro, sempre foi um abrir para novos encontros e provocações.

Passei a ser conferencista em vários congressos de saúde, arte e educação, construindo e ministrando oficinas, bem como aulas como educadora convidada em vários cursos. Destaco o curso de medicina, enfermagem, pedagogia, arquitetura, artes, dentre outros.

No ano de 2020, mais um desafio batia a minha porta Vida, Ingressei no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia, conhecido como “EICOS”. Tive o privilégio de encontrar pessoas com quem muito

aprendi e troquei saberes, uma construção viva. Na pós, optei pela Linha de pesquisa *Psicossociologia da Saúde e Comunidades*.

Neste mesmo ano, participei da pesquisa pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) do cuidado da pessoa com deficiência, coordenado pelo professor Emerson Merhy, com um grupo de pesquisadores composto por várias universidades. Uma experiência extraordinária, onde tive a oportunidade de olhar o serviço a esses usuários-cidadãos por um outro ângulo, de encontrar profissionais desejantes em aprender novas construções de fazeres e saberes. Como, também, usuários potentes na reinvenção de modos de existir.

Meu caminho vem sendo cruzado por enfrentamos e desafios. Minha experiência no complexo do Alemão me provocou a trilhar por um caminho que já havia passado, o da educação. Mas não essa, onde se produz e reproduz a educação para o capital, como escreve, István Mészáros, dentre outros. Fui ao encontro de uma educação que faz sentido, o Aprender em Comunidade, uma educação inovadora, realizada no Projeto Ancora, Escola Aberta de São Paulo, e iniciada na Escola da Ponte, em Portugal. Em meados do ano de 2020, fui convidada a fazer parte de uma grande transformação educacional pelo educador José Pacheco. Eram criados os primeiros protótipos de comunidade de aprendizagem, no Brasil e em Portugal.

Vale a pena registrar nessas memórias que passei uma das maiores crises sanitárias da humanidade, a Covid 19. Milhares de pessoas perderam suas vidas, sendo muitas das perdas evitáveis. Para nós, brasileiros, para além do enfrentamento da pandemia, ainda enfrentávamos a atuação de um desgoverno de um presidente da república, hediondo genocida.

Mas, apesar de o ano de 2021 ter sido um ano de perdas importantes de amigos(as), parentes, também vivi a experiência da solidariedade de um povo. Participei de movimentos coletivos importantes, no enfrentamento da pandemia, através de organização de entregas de cestas de alimentos e higiene, para algumas comunidades, orientações construídas junto com o coletivo da Micropolítica.

Em agosto de 2021, parti para Portugal, onde estou morando e aprendendo no chão da escola como fazer acontecer uma Comunidade de Aprendizagem, onde Educação, Saúde, Cultura e Arte não se separam.

Resumo,

Esta pesquisa visa propor uma reflexão sobre diversas questões enfrentadas e suas tensões, vivenciadas e experienciadas no trabalho vivo em ato, em uma das maiores comunidades/favelas brasileiras, o Complexo do Alemão, na produção de fluxos de cuidado e não cuidado, o imprevisível e a composição saber-fazer no mundo onde algumas vidas valem menos que outras vidas.

O se re-inventar na produção do cuidado em meio às adversidades de caóticos cenários, com base nas citações de memórias escritas num diário de campo, à partir dos encontros produzidos no território, possibilitou produzir uma pesquisa dessas narrativas e experiências do vivido, bem como um processo cartográfico vivenciado nos encontros com esses modos de viver no cotidiano da comunidade/favela, frente às inúmeras violações dos direitos sociais e humanos, que essa comunidade e as vidas em contextos de intensa vulnerabilização vêm enfrentando, há décadas, pelas precariedades materiais básicas, para a construção de um viver decente.

Busco apresentar as potências dos encontros e sinais, que esses viventes cidadãos(ãs) produzem na reinvenção da vida, como forma de re-existências, elementos fundamentais para se manterem minimamente vivos nestes contextos comunitários.

Palavras-chave: Psicossociologia; Comunidades; Favelas; Vulnerabilização; Necropolítica; Palhaçaria, Violência; Cuidado; Cartografia, Pandemia.

SUMÁRIO

1. Cena 1 – Tomada 0.0: O Olhar pelo Caleidoscópio, um Deslocamento do Olho Retina	02
2.1. Cena 1 – Tomada 0.1: Uma Mescla Borboletal de uma Palhaça de Pés Descalços.	07
2.1 Cena 1 – Tomada 2: Pistas Cartográficas de uma Aspirante a Palhaça	13
2.2 Cena 2 - tomada 3: Pistas da Comunidade – Os Múltiplos Olhares no Encontro com o Brincar.	17
2.3 Cena 2 - tomada 3: Pistas da Comunidade – A caixinha	18
2.3 Cena 2: Tomada 4: O Menino Debaixo da Cama – A Saída do Casulo!	24
2.5 Cena 3: Tomada 5: O encontro da Borboleta com uma Aranha fiandeira, na dobra das tessituras.	27
2.6 Cena 4 - Tomada 6: Liga dos cantantes: Encontro Cantantes autopoieticos: Lá - Sol - Fá - Mi - Ré : Ré- Começos, Mi - Amo, Fá - Zedores - Sol - lidariiedade - Lá - lá , lá.	32
2.7 Cena 4 - tomada 7: O encontro de Cantor com a música um paradoxo existencial	39
2.8 Cena 4: tomada 7 – Um encontro mais que “real”: Uma Liga Cantante com o príncipe de Gales.	45
2.9 Cena 5: Tomada 8 – Entre favelas e asfalto, um pé lá e outro cá.	54
2.10 Cena 5 :Tomada 9 – Aspirante a traficante que gorou – Experimentações Borboletais.	58
2.11 Cena 5: Tomada 10: No meio do lixo, um corpo desejante	64
2.12 Cena 6: Tomada – 11: Elas por Elas - Nós por Nós: A reinvenção dos modos de (re)-existirem na comunidade/favela em tempos Pandêmicos	72
2.13 Cena 6: Tomada 12 - A polifonia da pandemia ecoando nas favelas	74
2.14 Cena 7:Tomada 13- Cartografia do cuidado: Elas por Elas - Nós por nós.	79
2.15 Cena 8: Tomada: 14 - Considerações	91
2.16 Cena 9: Tomada: 15 – Problema, o objeto e a pesquisa	92
2.17 - Cena 10: Tomada: 16 - Narrativas teóricas: a curiosidade da pesquisa	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

**ELAS POR ELAS - NÓS POR NÓS: A REINVENÇÃO DOS MODOS DE (RE)-
EXISTIREM NA COMUNIDADE/FAVELA NAS DOBRAS DA ARTE DO
ENCONTRO, NO ENCONTRO NA ARTE E CUIDADO.**

**1. Cena 1 – Tomada 0.0 : O Olhar pelo Caleidoscópio, um Deslocamento do
Olho Retina.**

*“ Você não percebeu que você é o único representante do seu sonho
na face da terra?”*

Emicida

Aos leitores,

A mescla da palhaça Dra. Borboleta e a pesquisadora iniciam está escrita, imprimindo alguns dos acontecimentos e as potências do agir em comunidades que operou e opera no viver dos (as) cidadãos (ãs) na favela/comunidade, por volta do dia 23 de novembro de 2010, quando mais uma onda de violência tomou conta da cidade do Rio de Janeiro e a mídia apresentava carros e ônibus sendo incendiados nas imediações da zona norte do Rio, nas proximidades do Complexo do Alemão.

Entretanto, será apresentado ao longo desta escrita um breve histórico sobre o Complexo, a partir de outras operações policiais tão enfáticas e fatídicas quanto as outras para os (as) cidadãos(ãs) habitantes desse território.

As mídias televisivas apresentavam imagens que, inevitavelmente, produziam um estado de medo na população carioca e no Brasil. O poder paralelo (leia-se: tráfico de drogas, milícias) se afirmam num lugar de comando, com demonstrações violentas, ateando fogo em ônibus e carros em algumas das avenidas principais da cidade, colocando o Estado em xeque¹. Instaura-se um chamamento à uma guerra urbana. Os holofotes midiáticos se voltaram para o Complexo do Alemão; e numa iniciativa ainda não experimentada pelas diferentes forças policiais, se anunciava o que seria a continuidade da chamada pacificação das favelas cariocas.

¹Operações no Rio retoma o Conjunto de Favelas do complexo do Alemão: <https://globoplay.globo.com/v/1402379/>

Foi uma semana em que os canais televisivos mostraram repetidas vezes as mesmas cenas de violência do cotidiano na favela/comunidade do Complexo do Alemão. Entretanto, pouco se mostrava das notícias produzidas no próprio território. Naquela época o jornal Voz das Comunidades² se destacava através do Twitter viralizando as informações de dentro da comunidade.

A resolução anunciada pelas esferas governamentais apresentava uma fusão entre as forças do Exército Brasileiro, Polícia Civil, Polícia Militar e Polícia Federal, para a consecução do objetivo de tomada ou invasão do Complexo do Alemão, tornando-se uma das maiores incursões militares³ já vistas no Estado e no Município do Rio e no Brasil.

Foi diante deste cenário que, no dia 24 de novembro, começaram as articulações da equipe da coordenação de educação e promoção em saúde da Secretaria Municipal de Saúde do município do Rio de Janeiro, na qual eu trabalhava, há apenas 45 (quarenta e cinco) dias, juntamente com outras frentes de trabalho.

A proposta consistia em cada trabalhador(a) da equipe traçar planos que acolhessem a comunidade do Complexo, naquele momento de extrema vulnerabilização. Foi através desta demanda que a equipe teve ciência sobre a incursão, algo que se confirmou nos telejornais do dia seguinte. A invasão era fato. Como pensar ações sem perpassar pelo sentimento estorpecido do medo que atravessava o corpo?

A construção de um corpo medroso⁴ foi inevitável. As tensões que operavam na equipe de trabalhadores dos programas da secretaria de saúde eram reforçadas pelo discurso do medo. Mesmo para alguns profissionais com anos de conhecimentos nesses territórios acabavam por reproduzir as construções realizadas, ora pelas mídias televisivas midiáticas dos telejornais de fora da

²Entrevista com Rene Silva criador do Voz das comunidades :

<https://www.youtube.com/watch?v=tr1vZDYB-9w>

Matéria destaca o importante papel do Voz das Comunidades na Tomada do Complexo do Alemão em 2010: <https://oglobo.globo.com/rio/jornal-voz-da-comunidade-completa-16-anos-com-tiragem-150-vezes-maior-conseguimos- virar-referencia-diz-rene-silva-1-25153380>

A Voz da Comunidade que corre no Rio:

https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/05/politica/1428194084_073598.html

³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Atos_de_viol%C3%Aancia_organizada_no_Rio_de_Janeiro_em_2010

⁴ Para maior compreensão da construção de um corpo medroso aqui citadas, sugiro ler o artigo de EmersonMerhy: <https://www.semanaon.com.br/coluna/21/9496/a-producao-do-medo-e-a-construcao-de-corpos-medrosos>.

comunidade, que apresentavam um cenário de extrema violência, ora por falta de uma construção coletiva no processo de trabalho atuando na ponta dos serviços de saúde junto com equipes e usuários do serviço de saúde.

Surgiam supostos conhecimentos de como o tráfico e as milícias operavam nas favelas, do risco eminente de ser alvejado por uma bala “perdida”. Entretanto, *há de se levar em conta de que qualquer um está fadado a ser alvejado por uma bala perdida* dentro de uma favela/comunidade, porque se tratava de uma guerra urbana em que o ápice era a tomada de um território através da violência. O que se constituiu aí um paradoxo.

Como o Estado opera e compreende a então chamada “pacificação”? Como construir e garantir a “pacificação” empunhando armas e disparando balas que atravessam paredes, muros e corpos despidos do direito fundamental à vida, como está previsto na Constituição Brasileira?

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição⁵.

O que se tecia entre os profissionais da equipe eram os fiapos do despreparo para um enfrentamento diante de uma situação, em que ir para o fronte tratava-se de uma loucura. E por aí discorria os argumentos.

Todos esses fiapos de enunciados colocavam o corpo em estado de alerta acompanhado por uma certa letargia e dúvida: Não conhecer o território, não conhecer a cidade, apresentava uma espécie de jogo de “roleta russa”, onde pode dar certo como pode dar errado, mas algo operava diante daquele medo, uma força que ia se irradiando. Era urgente explorar a potência que o medo também pode produzir, era urgente interromper essa captura produzida por esses fiapos de enunciados midiáticos. E foi o devir cuidado que prevaleceu, para ir acolher os (as) usuários (as) cidadãos e cidadãs do Complexo do Alemão.

Há de se reconhecer que era emitente o risco de estar naquele território junto a uma operação de extrema violência como aquela, mas algo emanava no território corpo, dizendo; -Vai, vai e vai... E eu fui.

⁵ Constituição Federal (Texto compilado até a Emenda Constitucional nº 90 de 15/09/2015). Art. 6º http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.09.2015/art_6_.asp

Despida de certas roupagens que vão operando em nós, desde a formação acadêmica e no próprio mundo do trabalho, aberta para o encontro com o outro, o devir cuidado era a válvula motriz que me direcionava para o então desconhecido do que se intitulava Favela/Comunidade.

Não havia tempo: Era Conhecimento + Práxis = Trabalho Vivo em Ato.

Como ativar a caixa de sentintes (Cruz,2016,pg.70) que opera em nós, deslocar o olhar retina? Experimentar o olhar caleidoscópico? Quais as multidões que operam num corpo de uma profissional de saúde brincante e palhaça? Como seria aquela experimentação dentro de uma outra experiência ainda não vivida no mundo do cuidado?

A caixa de sentintes seria semelhante a caixa de Pandora da mitologia grega? O que essas caixas podem produzir num corpo múltiplos de saberes, fazeres, sentimentos? Se a caixa da mitologia grega carregava em seu interior os males até então desconhecidos pelos homens e aprisionando a esperança, a caixa de sentintes análoga a caixa de Pandora, carrega em seu interior os dissabores, morte, tristezas, impotência, sabores, felicidade, potência e vida.

A caixa de sentintes que habitava em meu corpo abria-se na dobra do sentir de um corpo multidão⁶, atravessado, ora por indignação, ora por alegria, mesmo que, em muitos momentos avariado por uma dor quase translúcida. Também era capaz de operar simultaneamente a alteridade na imanência da produção de vida. Os agenciamentos entre esses dois polos forjavam ferramentas para o enfrentamento daquele acontecimento. (Cruz,2016).

Estava dado. Era urgente cuidar daquela população em extrema situação de vulnerabilização. (Lima, 2015), havia toda uma população esperando e se esperançado por cuidados. Parafraseando a música “O Pulso”, interpretada por Arnaldo Antunes, que genialmente brinca com doenças x pulsar: “A vida Pulsa”.

⁶ O corpo multidão aqui mencionado, é aquele onde a riqueza dos modos de existir, traz para a cena do cotidiano dos encontros, seja a natureza que for, uma multiplicidade e riqueza de tensões que estão ali atuando onde as multiplicidades habitam e coexiste num só corpo. O corpo brincante, o corpo artista e artístico, o corpo das tensões, dos afetos, dos medos, da produção de vida frente a morte. Para melhor entendimento sugiro a leitura do artigo As vistas dos pontos de vista. Tensão dos programas de Saúde da Família que pedem medidas. http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/artigo_emerson_merhy.pdf

As vidas aqui apresentadas estão no epicentro do cuidado e é justamente nessa dobra do pulsar que vamos discorrer os reverberados sinais e sons, como de um aparelho multiparamétrico onde podemos ouvir os batimentos cardíacos ecoando: pim, pim, pim. Torne-se uma espécie de equação:

Medo x inércia x reação = potência + ação = transformação.

Tornou-se evidente uma escolha naquele momento; ou seja, qual corpo iria operar e como transformar aquele medo numa potência em um manejo criativo⁷. (Merhy, 2018) criando uma resistência frente à impotência do fazer, ou não fazer, uma resistência capaz de construir agires possíveis, para o enfrentamento daquela situação.

Quando a equipe foi convocada a apresentar planos de acolhimento para a comunidade, propus um plano que para muitos parecia demasiado simplório mediante a grave e violenta situação: atuar com Oficinas de Brincadeira, que acolhessem a comunidade através do ato de brincar e da palhaçaria viva em ato.

Isso causou um estranhamento perante muitos membros da equipe, composta de médicos(as), enfermeiras(os), fisioterapeutas, educadores(as) físicos, odontólogos, assistentes sociais, dentre outros, que se colocavam com anos de experiência na saúde. Acharam a proposta ingênua e inexperiente.

A proposta foi subestimada como estratégia relevante naquele momento de extrema violência pela qual atravessavam os(as) cidadãos(ãs) daquela comunidade. Foi imprescindível desconstruir as forças que sobreviviam com aquelas palavras que criavam uma realidade baseada em evidências proferidas por um saber já existente, afastado da possibilidade de criar e cocriar uma nova experimentação dentro da experiência marcada pelo encontro como um acontecer.

“Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras.” (Bondía, 2002 p. 21).

⁷ A banalidade do mal: <https://www.semanaon.com.br/conteudo/9447/a-banalidade-do-mal>

Isto é: As palavras produzem e reproduzem culturas, sentidos e apontam escolhas. Eu optei por viver a experiência.

Outro aspecto que chamava a atenção: a dificuldade de apresentar a proposta como ação de caráter estratégico junto à equipe, uma vez que para muitos não havia clareza onde o brincar e a palhaçaria se inscreviam no mundo no cuidado e suas “caixinhas” terapêuticas, havendo críticas de diversas naturezas. Entretanto, a proposta foi aceita pela superintendência. Não posso afirmar se foi pela escassez de propostas, ou se foi uma grande aposta; prefiro acreditar na segunda hipótese. Outro critério da coordenação é que nenhum membro da equipe seria obrigado a entrar no Complexo no dia da incursão, uma vez que o território estava para travar uma guerra armada urbana.

Nenhum argumento foi suficiente para paralisar aquilo que atravessava meu corpo vibrátil, Rolnik (2006): a força do cuidado do trabalho vivo em ato, tanto de uma profissional de saúde brincante como a mescla Dra. Borboleta, se inscreviam nessa dobra da produção dos acontecimentos. As possibilidades de criação nos encorajavam, nos dava fôlego para seguir rumo ao Complexo do Alemão. Agora despida das palavras dos noticiários: era o devir encontro, experimentação que ativavam.

As oficinas demandaram um “arsenal” demasiadamente simples:

Massa de modelar, lápis de cor, papéis, tecido em algodão cru, tapete emborrachado, canetas hidrográficas, e uma bolsinha de chita com um nariz, uma flor e um óculos: este “arsenal” compunha os primeiros passos das experimentações borboletais.

2. 1. Cena 1 – Tomada 0.1: Uma Mescla Borboletal de uma Palhaça de Pés Descalços.

Retrato do artista quando coisa

A maior riqueza

do homem

é sua incompletude.

Nesse ponto

sou abastado.

Palavras que me aceitam

como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

Manoel de Barros

Dia 26 de novembro de 2010 às sete horas da manhã, o primeiro dia. Disparava algo em meu corpo, os olhos arregalaram-se diante das cenas que se abriam a cada metro percorrido, os ouvidos atentos me colocavam em estado de alerta, o motorista que conduzia o carro sugeriu retornarmos, ***o corpo medroso ressurgia, uma espécie de febre que vai e volta dentro de um processo inflamatório. Entretanto, o siga, vá em frente foi o analgésico do momento.***

As cenas dos tanques de guerra, de várias forças especiais da polícia, do exército, da quantidade de soldados armados até os dentes, dos coletes a prova de balas, os carros passando em velocidade reduzida, vidros abertos, era como se estivesse numa das cenas do filme *Apocalypse Now*, Dirigido pelo diretor Francis Coppola⁸, o filme mostra dentre outras questões os limiares da humanização entre civilização e barbárie, onde o que está em jogo é a vida. Recuar estava fora de cogitação, havia um desejo maior que me movia para dentro daquele encontro. E continuamos o caminho para a Clínica da Família Zilda Arns, lugar que se inscreve como território do “cuidado em saúde”.

⁸Para saber mais sobre o filme sugiro visitar as páginas: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/as-fronteiras-cruzadas-em-apocalypse-now/>

Cheguei ali nua de conhecimentos, nada que ouvi falar despreveria aquele momento. Fui recebida pela gerente da unidade, que não escondia o estado de tensão que operava em seu corpo e tantos outros corpos que trabalhavam naquela unidade de saúde. Por outro lado, ela desconhecia a proposta elaborada pela secretaria de saúde, não houve uma articulação participativa com os trabalhadores da ponta, e isso me colocou em estado de desconforto. Aquele momento carecia de uma escuta mais apurada, entender o que cada profissional de saúde estava sentindo, como estavam vivenciando aquela guerra, em especial os agentes comunitários de saúde que são moradores da comunidade. Havia um silêncio instaurado, acompanhado de uma pressão. Aquele sentimento me remetia a música *Under Pressure* de David Bowie, traduzindo sob *Pressão*. Entretanto havia gritos dentro daquele “silêncio”, era o não dito, mas sentindo.

Under Pressure

Bah, bah, bah, bah, bah, bah, bah, bah
 Bah, bah, bah, bah, bah, bah
 Pressure, pushing down on me
 Pressing down on you, no man ask for
 Under pressure, that burns a building down
 Splits a family in two
 Puts people on streets
 Pressão, me derrubando com um empurrão
 Derrubando você nenhuma pessoa pede isso
 Sob pressão - que incendeia um edifício inteiro
 Divide uma família em duas
 Coloca pessoas nas ruas
 Bah, bah, bah, bah, bah, bah
 Bah, bah, bah, bah, bah, bah(...)

Apesar de não conhecer em que território do cuidado se operava na clínica da família, o que estava em jogo era o território Vida e Cuidado de toda uma comunidade. Aquela vicissitude só aumentava o alerta de que era urgente uma construção coletiva, que alcançasse a comunidade e produzisse um cuidado, que acolhesse tanto os profissionais como a comunidade. Nada estava separado, nada estava pronto ou dado, tudo estava no porvir. Agora o território era outro, mas o

estado de emergência o mesmo, o olhar retina se desloca concomitantemente com mais olhares, ou seja, como se tivesse um estrabismo de várias naturezas, ora estrabismo convergente, ora divergente, ora vertical, ora paralítico, ora acomodativo, ora intermitente, ora pseudo-estrabismo e ora latente, essa composição dava lugar aos olhos vibráteis, que combinado a um pequeno óculo de lentes imaginárias, ofertavam o transver⁹, dando vazão aos múltiplos olhares dentro daqueles acontecimentos e encontros.

A partir da caixa de sentinte a gestão da imprevisibilidade, agenciava todo o saber das improvisações do corpo artista/palhaça, era necessário abrir as várias pastas no HD cérebro, mais precisamente o hipocampo, as respostas eram rápidas em ato. E devido esclarecer que a gestão da imprevisibilidade e os improvisos exigem elaborações rápidas, ter conhecimentos da teoria e alinhá-los ao fazer e foi nessa dobradura que se deu a reinvenção dentro do encontro.

Percebia-se um certo desconforto da gerente, pois esperava-se a chegada de mais psicólogos, médicos, dentre outros profissionais de saúde. Ela logo percebeu que se tratava de outra proposta. Afinal, o que se esperar de uma pedagoga brincante e palhaça, naquele contexto?

Por outro lado, ela sentiu um certo alívio quando viu chegando uma profissional das práticas integrativas em saúde e dos educadores físicos que já compunham a equipe da unidade. Havia uma hierarquização no modo de operar os serviços naquele lugar, tudo seguindo os protocolos. Mas, os protocolos não davam conta dos acontecimentos fora e dentro da clínica.

As tensões produzidas no campo de atuação de uma equipe de trabalhadores de um programa de saúde da família, cobram outras passagens e novos posicionamentos, em termos ético-políticos. É fundamental construir ações que têm no cerne do cuidado a defesa do princípio de que qualquer vida vale a pena, nenhuma vida pode ser descartada, negligenciada. (Merhy, 2014). Naquele momento, se fazia necessário, mais do que esclarecer por que e para que eu estava ali, *fazer e fazer uma construção em ato, na produção de um cuidado acolhedor, escutatório e amoroso*. Todas as vidas têm valor imensurável.

⁹ Manoel de Barros brinca com seus olhos criança/poeta: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê./ É preciso transver o mundo”. Este conceito é trazido para as investigações da Linha Micropolítica e pode ser consultado no livro Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental. (GOMES; MERHY, 2014. Editora Rede UNIDA, 2014

Fui apresentada à equipe da clínica da família, que estava reduzida principalmente pela ausência dos agentes comunitários de saúde (ACS). A maioria desses trabalhadores estavam ilhados dentro da comunidade. Apenas os que moravam bem próximos da unidade conseguiam acesso ao trabalho. As marcas do cansaço nos rostos dos agentes eram visíveis; havia um desgaste emocional e físico registrado naquelas faces.

A unidade se compunha de muitas salas, de um grande auditório, refeitório, almoxarifado, farmácia e centralizado entre mais dois serviços: um CAPS III (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas João Ferreira Filho), que oferta atendimento e reinserção social de pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, e/ou com transtornos mentais decorrentes do uso prejudicial de álcool e/ou outras drogas¹⁰. E a UPA - Unidade de Pronto Atendimento.

Pode-se dizer que se tratava de uma boa estrutura, tudo bem limpo e branco, muito branco; havia grandes quadros de acrílico com várias normativas e informações espalhadas por todos os serviços. Tudo “organizado”.

A caminhada pela unidade abriu a possibilidade de um início de cortejo, o prelúdio de um namoro despretensioso com os funcionários e usuários que surgiam pela frente. Houve uma breve parada para conversar com duas crianças que estavam sentadinhas e em silêncio com seus cuidadores. Aquela cena remetia para a forma de como acontecia a funcionalidade daquela unidade, que a meu ver deveria ser um espaço de cuidado, no sentido mais amplo da etimologia da palavra. Eu me aproximei e estabeleci as primeiras conexões com as crianças e seus acompanhantes. A proposta foi de elaborarmos algumas brincadeiras, e elas concordaram. O espaço sugerido foi o “quintal” da unidade de saúde, onde estavam sendo montadas duas tendas, o que em nada atrapalharia brincarmos. Nada melhor que um bom quintal para uma boa brincadeira.

Com expressões de cansaço, elas me disparavam perguntas: “Por que você está aqui? O que veio fazer? Sabia que está tendo uma guerra no Alemão? Você é de algum projeto?”

Eram muitas as interrogações. Porém, o que cabia naquele momento era dizer que estava ali para brincar com todas (os), para escutá-las (os) e que eu não estava sozinha. Eu estava acompanhada da Dra. Borboleta.

¹⁰Portal de atendimentos em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)
<https://carioca.rio/servicos/atendimento-em-centros-de-atencao-psicossocial-caps/>

As expressões em cada rosto começavam a mudar de um estado tenso para um estado de curiosidade e vibração, era um agir pela e com a alegria, e assim começaram os primeiros encontros, tudo ainda novo, sem nenhuma expectativa do que estava por vir.

“A alegria pode ser também associada à liberdade de todo sujeito de agir, amar e cultivar sua felicidade. Cultivar e cuidar como se cuida de uma planta(...) de alguém ou alguma coisa que se ama, mesmo porque a alegria, como a felicidade, não é uma força “natural”, mas uma criação ética, estética e social”. (Lins, 2008, pag.47).

E assim se deram os primeiros esboços dos desenhos, as primeiras brincadeiras livres, pique-pega, as primeiras gargalhadas. No entanto, percebiam-se olhares e ouvidos sempre atentos. No segundo dia, já tínhamos uma tenda erguida. Quando cheguei, pela manhã, já havia um grupo de crianças me esperando.

Numa das manhãs, enquanto brincávamos na tenda, era notório um risco passando entre o teto e as paredes da tenda. Aquilo me intrigava, até que uma das crianças, ao olhar o traço, me perguntou por que o atirador mirava a tenda. Eu não sabia o que responder e, cautelosamente, saí da tenda para tentar achar de onde vinha aquele traço. Mais uma vez a resposta veio das crianças, quando um dos garotos, com toda naturalidade, diz que tinha um atirador de elite no telhado de um boteco do outro lado da rua. Foi quando me apercebi da existência do soldado e do quanto as crianças iam produzindo uma certa “naturalidade” com aquela cena. Muitos apresentavam irritabilidade, tremor e estado de susto. Aquele contexto só afirmava o quanto se fazia importante um trabalho onde cada um a seu modo pudesse expressar suas fragilidades e potência diante a violência armada a que estavam expostas.

“O Fazedor de Amanhecer”

Sou leso em tratagens com máquinas
Tenho desapetite para inventar coisas prestáveis.
Em toda a minha vida só engenhei

3 máquinas

Como sejam:

Uma pequena manivela para pegar no sono.

Um fazedor de amanhecer

para usamentos de poetas

E um platinado de mandioca para o

fordeco de meu irmão.

Cheguei de ganhar um prêmio das indústrias
automobilísticas pelo Platinado de Mandioca.

Fui aclamado de idiota pela maioria

das autoridades na entrega do prêmio.

Pelo que fiquei um tanto soberbo.

E a glória entronizou -se para sempre

em minha existência.

Manoel de Barros

2.1 Cena 1 – Tomada 2: Pistas Cartográficas de uma Aspirante a Palhaça

A mescla de uma profissional de saúde, educação e arte e a Dra. Borboleta se constituiu no ano de 2001, quando ainda a palhaça Dra. Borboleta adormecia no casulo. O processo de engravidamento da arte da palhaçaria não foi uma gravidez calma, parecia um vulcão prestes a entrar em erupção. No início, tudo era desconhecido, uma espécie de labirinto a ser trilhado, abriam-se e fechavam-se caminhos, provocando movimentos sutis que se compunham dentro de encontros potentes.

A cada encontro acontecia uma transformação, ora na profissional brincante, ora na personagem da Dra. Borboleta. A construção da Dra. Borboleta foi percorrida por acontecimentos vivos em ato, a primeira versão da personagem surgiu através da dra. Maluquinha uma boneca que morava em um baú, composta por um vestido amarelo, estilo jardineira, com barrado estampado de pequenas flores coloridas, um chapéu todo estampado com pequenas borboletas, meias multicoloridas até os joelhos, acompanhados de camiseta colorida e uma sapatilha, e duas borboletas pintadas em ambos os lados da face.

Apesar de ser engraçada e simpática, a dra. Maluquinha não preenchia os encontros com os usuários(as) cidadãos(ãs), havia uma correlação com os

personagens do escritor infantil Ziraldo em sua série “O menino Maluquinho”. E uma professora muito Maluquinha, similaridade esta que criava alguns atravessamentos, que deveriam ser levados em conta na formação de uma aspirante a palhaça, ou seja, havia uma tentativa de formatação da personagem, ser uma boneca que correspondesse com às expectativas da coordenação da equipe do serviço de saúde e da secretaria de cultura, trabalhando através de um planejamento igual, estático e linear com um cunho de entretenimento, animação e formatação da personagem. Não se considerava o trabalho vivo em ato, como também as imprevisibilidades dos acontecimentos em um serviço de pronto atendimento (Lima,2015).

Numa certa manhã, ao chegar no pronto socorro, houve um acontecimento, que contribuiu para o nascimento da Dra. Borboleta. Foi o encontro-encontro, (Merhy, 2014) e o abortar da dra. Maluquinha foi inevitável. Ela sustentou-se por apenas três meses. Ao entrar na sala de urgência e emergência, me deparei com uma criança de mais ou menos cinco anos interagindo com uma das médicas, fitando-me com os olhos em busca de cada detalhe que cabia em seu olhar vibrátil. Neste dia, a vestimenta se compunha de um macacão colorido, cabelos repletos de presilhas coloridas, uma sapatilha e uma mochila no formato de um cachorro, e as duas borboletas pintadas nas faces eram uma espécie de arco-íris falante.

Esse encontro transformou-se num grande acontecimento. A médica me apresentou à criança e nossos olhos se fundiram num mergulho de águas cristalinas. O encontro estava aberto como uma janela escancarada e afável. Desprendido de nenhum constrangimento ele dispara uma pergunta: – Você é uma Borboleta?

A médica, na mesma sintonia da criança, dispara: – Ela saiu do casulo!

Ele, se voltando para mim, diz: – Já sei, você é uma Dra. Borboleta.

Ambos riram e a Dra. Borboleta eclodiu na imprevisibilidade que se produz dentro de um encontro-encontro.

Há quem elenque as várias modalidades na formação e composição de uma palhaça(o). Não vou aqui discorrer sobre todo o processo histórico do surgimento da palhaça (o), mas vamos dialogar sobre alguns pontos, que foram relevantes dentro dessa pesquisa.

Tudo se compunha de experimentações dentro daquela experiência (Marlon, apud Deleghy, 2015). Foi uma construção a partir do universo da

palhaçaria, que suscitou a problematização e configuração do improviso, a partir da minha caixa de ferramentas. Outro aspecto a considerar era achar a formação para palhaços e palhaças, que atuavam em hospitais.

Naquela época, por volta de 2001, uma das referências no Brasil era a dos Doutores da Alegria. As leituras me apontavam para outros caminhos, uma vez que a proposta dos Doutores se constitui em trabalhar com atores em formação das artes cênicas e com linguagem da palhaçaria¹¹, atuando em visitas hospitalares.

Foi ao ler uma matéria jornalística do médico norte-americano Hunter Doherty "Patch" Adams¹², famoso por sua metodologia inusitada no tratamento de enfermos, que despontou um caminho possível para o que foi consolidado na composição da Dra Borboleta. Patch é um médico formado pela Virginia Medical University e o fundador do Instituto Gesundheit, em 1971.¹³

O que havia de diferente entre os trabalhos aqui citados foi justamente o que disparou várias problematizações, que atravessavam meu corpo e a composição como palhaça. Patch é um dos poucos médicos que apresentam dentro da formação da medicina a arte da palhaçaria e do brincante, em sua prática cotidiana no mundo do trabalho.

Ao longo de vinte quatro anos, tenho acompanhado o trabalho do Patch, que sofreu um reducionismo do seu trabalho no Brasil, sendo visto apenas pelas lentes da Política Nacional de Humanização (PNH), criada em 2003¹⁴, apoiando-se apenas no filme baseado na trajetória do médico americano. Filme este em que o próprio Patch faz algumas críticas no programa Roda Viva em 2007¹⁵, como também o coloca à margem da medicina para muitos profissionais médicos, que se limitaram em conhecer seu trabalho vinculando-o apenas ao filme.

Patch apresentava uma possibilidade de pensar a formação dos profissionais da área da saúde e educação centrada na pessoa/usuário cidadão(ã) e não em seu corpo biológico (Foucault,2015), ou centralizada no profissional que usa a roupagem do poder para suprimir os saberes que não estão sob seus domínios.

¹¹ Doutores da alegria: <https://doutoresdaalegria.org.br/>

¹² https://pt.wikipedia.org/wiki/Patch_Adams

¹³ O Instituto Gesundheit é uma organização de saúde sem fins lucrativos 501 (c) 3, cuja missão é reformular e recuperar o conceito de 'hospital': <https://www.patchadams.org/gesundheit/>

¹⁴ Política Nacional de Humanização (PNH): <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizausus>

¹⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Patch_Adams

Patch escancara na sua trajetória de formação o humor o humanista e ativista pela paz mundial. Segundo ele, seu intuito não é apenas mudar, através da alegria, do humor da palhaçaria, a forma como a medicina é praticada hoje. Ele milita por uma sociedade justa, onde a mensagem de amor ao próximo seja uma prática de todos, onde os direitos básicos humanos sejam garantidos. E foi na dobra do trabalho do médico e palhaço Patch Adms, que a Dra. Borboleta foi se inscrevendo no universo da palhaçaria. Ambos não possuímos formação no campo das artes cênicas, mas abiscoitamos a palhaçaria das artes circenses para dentro do cuidado em saúde vivo e em ato.

A Dra. Borboleta foi se constituindo dentro dos encontros autopoieticos, ou seja, foi se autocriando nas experimentações de suas experiências. Devo ressaltar que, até antes desta pesquisa, não havia ainda clareza em que lugar essa personagem se inscrevia no universo da palhaçaria e na saúde. Foi a partir da Linha de Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde que surgiu a problematização em pensar em que lugar da palhaçaria se inscreve a palhaça Dra. Borboleta. Não que essa questão fosse definir sua face artística, suas escutatórias e a autogestão da imprevisibilidade dentro de suas experimentações borboletais. Foram produzidas a partir de conversas e orientações com a historiadora Ermínia Silva¹⁶, uma das mais importantes estudiosas sobre as histórias circense da América Latina, emergindo um tracejar dessa palhaça e sua inscrição nesse universo de cuidado e saúde.

Então, de onde ela veio, onde se inscreve?

Essa questão sempre foi um atravessamento em mim, uma vez que a construção da Dra. Borboleta, passa pelo crivo do encontro com outro, da imprevisibilidade, ou seja, o improviso a partir de um conhecimento tácito que advém de uma formação experiencial que nos ensina a gerir situações inéditas, da carta na manga, do cortejo, do brincar e na potência da relação que se estabelece com o outro. E foi a partir dessa inquietação que realizei uma sistematização de artigos e autores que falam sobre a construção da palhaça (o) em diversos movimentos artísticos.

A construção da palhaçaria está no seu tempo, na sua contemporaneidade (Silva,2007), ou seja, vamos nos compondo dentro dos acontecimentos psicossociais das relações que vão acontecendo nos encontros , no

¹⁶ Para explorar mais essa temática das artes circense recomendo pesquisar o Portal da diversidade circense: <https://www.circonteudo.com/>

caso da Dra. Borboleta passa pelo campo dos afetos, do sensível, da militância, do ativismo pelos direitos humanos na vida do outro e de si. Na ousadia de explorar seu ridículo, esmiuçar as potências em que se pode produzir alegrias, acolher os desafetos produzidos num mundo em que algumas vidas não têm valor.

A partir dessas pistas foi possível sistematizar vários artigos de estudos publicados sobre a construção da palhaça(o) e a riqueza de perceber que a Dra. Borboleta sempre esteve inscrita na gestão da imprevisibilidade.

É nesta dobra sutil que essa mescla entre a Dra. Borboleta e eu fomos e somos resultantes da produção do cuidado vivo em ato, onde afetamos e somos afetadas, onde aprendemos a arte da escutatória, da empatia, do riso, da potência do outro em nós e de nós no e com o outro.

E estávamos prontas para o grande encontro com os viventes do Complexo do Alemão, o que seria aquele encontro? Apenas o viver poderia compor essa história.

2.2 Cena 2 - tomada 3: Pistas da Comunidade – Os Múltiplos Olhares no Encontro com o Brincar.

...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

Quando retornei à tarde, chegaram várias crianças. Passamos a ter aproximadamente um ajuntamento de vinte e poucos adultos reunidos no terceiro dia: estava acontecendo uma polifonia dentro da comunidade, um chamamento para o ato de brincar.

O que eu tinha como construção e noção de “comunidade” começou a ruir em poucos dias. Tinha algo não dito, mas perceptível, potente, a cada – ruído que acontecia naqueles primeiros encontros. Fazia-se necessário aguçar o olhar, perceber os sinais que eclodiram nesses instantes de conversas e brincadeiras, perceber como no encontro entre usuários e trabalhadores abre-se inúmeras possibilidades, como veremos à frente. Não se tratava de um simples encontro de diferentes, mas de um encontro de singularidades de mundos. Isto exigia de mim

agires que operassem outras construções. Algo ali ficou claro: ninguém sabia mais que ninguém e meu olhar vibrátil e minhas lentes verdes me deslocaram para seguir esse lugar-multidão que enriquece o campo da prática e das inúmeras questões psicossociais e políticas, que atravessam uma comunidade/favela. (Merhy,2014).

À medida que as pessoas iam chegando, outras vistas dos pontos¹⁷ se abriam, uma vista que não se encaixava com as notícias televisivas e nem com os fatos contados por alguns profissionais de saúde. Mas algo era fato: os holofotes das mídias estavam sendo mirado para o Complexo do Alemão. Porém, o que a mídia não mostrava era o lado de resistência daquela comunidade, isto é, os novos agires que começavam a se mover na multidão que habitava cada um daqueles moradores.

2.3 Cena 2 - tomada 3: Pistas da Comunidade – A caixinha

Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte)
part. Majur e Pablio Vittar

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte

“Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu

lado

E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro(...)

No dia seguinte, os sinais dos efeitos polifônicos anunciavam como seria o dia: eram muitas crianças e adultos à minha espera, todos ávidos para brincarem.

¹⁷ Artigo de Mehry que aborda :As vistas dos pontos de vista. Tensão dos programas de saúde da família, que pedem medidas.

A tenda cada vez menor, o que não se tornou um obstáculo para seguirmos adiante, na medida que o espaço da tenda diminuía o espaço quintal da clínica da família se ampliava.

Os protocolos não permitiam o uso das paredes da unidade e as negociações com as(os) gestores da unidade não era nada fácil, por vezes me sentia vigiada no fazer, era comum ouvir indagações como: – Você inventa uma coisa atrás da outra? – Não seria mais fácil fazer um plano de atividades? – Por que não faz um espaço Kids, igual ao Shopping?

Estas indagações atravessavam meu corpo como uma faca de dois gumes, causando efeitos tanto da ordem do emocional como da reflexão e do pedagógico, não havia como não problematizar tais questões. *O que causava a falta de desejo desses profissionais em vislumbrar ou abrir-se para outras possibilidades, conhecimentos e experimentações no exercício da micropolítica do cuidado em seu trabalho cotidiano? (CECCIM e MERHY, p.531-42, 2009).*

Seriam suas formações e competências limitadoras, ou castradoras? Ou o exercício da ordem da soberania, diante do desconhecimento de estratégias outras que rompem para além de suas competências limitadoras e protocolares? Seria a falta de escuta empática no cuidado com outro? Seria o encontro frio morno no mundo do cuidado? Seria a limitação formadora e castradora na graduação? Seriam as formações, ou formatações? (Bispo, 2015).

Não vou me ater em dar resposta prontas, vou procurar, talvez, achá-las nas experiências relatadas por esta pesquisadora ao longo dos registros aqui descritos de um pequeno caderno de um vivido entre os desafios e novas práticas no cuidado em saúde, *valorando o que já tinha em minha pequena bagagem teórica e prática, percorrendo o inédito viável (Freire, 1997), para uma construção viva, criativa e amorosa no mundo do trabalho e cuidado em saúde.*

Fizemos um grande círculo com todos os que, ali, estavam brincando, cerca de cinquenta crianças e adultos, numa tarde, e fizemos uma pequena assembleia, para que juntos conseguíssemos uma solução. Então, ficou decidido e registrado que colocaríamos papéis pardos nas paredes, onde todos pudessem realizar suas pinturas, como também que nos dividiríamos em vários grupos, onde algumas mães, crianças e adolescentes se ajudariam uns aos outros. Vale ressaltar que, até aquele momento, eu não tinha uma equipe, era nós com a mescla da Dra. Borboleta no bailar das brincadeiras.

Outro fator importante foi a utilização da tenda de práticas integrativas em saúde, que ofertava massagens e meditação. A profissional buscava formas de atender a todos que procuravam atendimento na tenda. A questão é que para essa proposta o espaço físico era relevante, uma vez que comprometia o atendimento.

Tínhamos também os fatores meteorológicos, estávamos em pleno verão com um calor de 40 graus, o que tornava inviável a realização das práticas integrativas em um espaço sem acomodações acolhedoras que, ao menos, ofertassem sombra e uma temperatura agradável.

Aquele era um atravessamento a ser pensado e, mais uma vez, foi realizada uma assembleia, e todos juntos achamos uma solução. Faríamos um rodízio, de forma que todos pudessem ir à automassagem, à meditação quando assim desejassem. Um outro recurso utilizado, foi um chuveirão, que ficava próximo a um pequeno gramado, que se tornou uma espécie de cachoeira no meio do deserto que batia 40 graus. Foi inevitável, o chuveirão passou a ser uma ferramenta pedagógica de propor minutinhos de alegrias.

Todos os recursos materiais e imateriais que tínhamos estavam expostos: tintas, lápis, giz de cera, papéis, barbantes, varetas, linhas, pedaços de tecidos cortados e o mais potente de todos cada um de nós. Então, surgiu a ideia de fazermos livros de panos, onde cada um registrasse seus desejos, angústias, alegrias, sonhos, enfim, para o que atinassem.

Eu sonho mais alto que drones Combustível do meu tipo?
 A fome Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)
 Pra que amanhã não seja só um ontem
 Com um novo nome
 O abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte)
 Findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais)
 Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
 Estilo água, eu corro no meio das pedra
 Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo
 Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo
 Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em curso
 Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso
 É um mundo cão pra nóiz, perder não é opção, certo?
 De onde o vento faz a curva, brota o papo reto

Num deixo quieto, num tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão, quem riu de nóiz sem teto

Uma criança de 10 anos criou uma história e construiu um livro de pano intitulado A Caixinha, que apresentava uma parte da realidade do vivido na favela/comunidade . Esboçava em pequenos pedaços de pano a vivência de um cotidiano violento.

Vida, morte e curiosidade se misturaram naquelas três páginas. A pequena me entregou e não quis ficar com ele. Ela esclareceu que seu desejo era que todos pudessem ler seu libreto. Essa experimentação deslocava meu olho vibrátil como se abrisse um caleidoscópio, o corpo cada vez mais vibrátil se fazia presente (Rolnik,1989). Aquelas três páginas causavam um esvaziamento em mim, imprimiam em meu corpo dores, solidariedade, empatia e indignação, diante de três pequenas páginas em minhas mãos. Aquele libreto cheio de saberes era um mais convite para um saber de vivenciar abertamente as experiências.

“A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado dos saberes para viver a experiência.” (BONDIA,2006, p.22).

A construção desse libreto revela muito mais do que se pode ler sobre as favelas/comunidades. Cada vez que eu olho e olhava para esse libreto, parto em busca de pesquisadores intercessores¹⁸ que dialoguem e que possam me dar as mãos nesta andarilhagem, para que juntos nos in-mudizemos dentro da pesquisa. Somos todos pesquisadores multidões.(Cerqueira e Merhy,2014, pg. 39-40).

Não há pretensão de falar sobre este libreto pelas lentes da psicologia, ou muito mesmo psicologizá-lo, vou partir pelas lentes da produção de um cuidado onde o outro é e está no centro desse cuidado, com suas

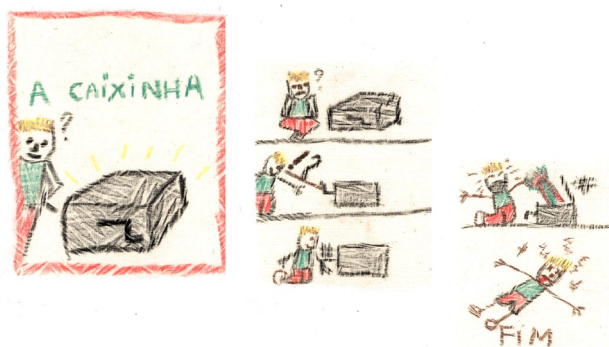
¹⁸ Tomo a ideia aqui de que todos provocam intercessões na trajetória da pesquisa: Para melhor aprofundamento sugiro ler livro Pesquisadores In-Mundo: “O pesquisador e objeto Entretanto, podemos reconhecer outros caminhos e modos de produção de conhecimento que incluem o pesquisador e objeto em um mesmo processo, indo além em uma produção intrínseca e intercessora. Pesquisador/objeto não se diferenciam na construção e no fazer investigativo.

potencialidades e fragilidades, o que esse outro tem a dizer e representar de si próprio é o que me captura, e junto com ele e algumas referências intercessoras podemos pensar em modos de produzir caminhos possíveis dentro das tecnologias leves.

Quando ouvia as narrativas daquela criança escutava uma narrativa de esperança e ao mesmo tempo de medo, percebia o quanto aquele momento de escuta e representação de seu modo de existir possibilitava caminhos que equacionavam os modos de pensar e produzir cuidado, em momentos de extrema vulnerabilização, onde e a vida do outro que está em questão. Aquela construção inter(trans)subjéctiva fazia um convite para equacionar:

Medo X Inércia x Reação = Potência + Ação = Transformação.

E nessa dobra equacional produzia-se a possibilidade de experimentar o cuidado de dentro da comunidade para fora, na unidade de saúde.



Livro de pano

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Figurinha premiada, brilho no escuro, desde a quebrada

avulso

De gorro, alto do morro e os camarada tudo

De peça no forro e os piores impulsos
Só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso
Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr no pulso
Sem o torro, nossa vida não vale a de um cachorro, triste
Hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro
Mano, rancor é igual tumor envenena raiz
Onde a plateia só deseja ser feliz (ser feliz)
Com uma presença aérea
Onde a última tendência é depressão
com aparência de férias Vovó diz,
Odiar o diabo é mó boi, difícil é viver no inferno
E vem a tona
Que o mesmo império canalha,
que não te leva a sério Interfere pra te levar a lona
Revide Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem
devia tá aqui
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

2.3 Cena 2: Tomada 4: O Menino Debaixo da Cama – A Saída do Casulo!

O dia estava muito quente, a tenda estava ficando cada vez menor para atender a todos que vinham para brincar. O quintal continuava sendo nosso apêndice apesar do calor de 38 graus. O chuveirão continuava sendo um brinquedo – Nunca havia pensado que um chuveiro pudesse ser tão potente. Ora quando pensamos no brincar logo nos remetemos a brinquedos, mas é nas brincadeiras que está a graça, a inventividade é um dispositivo importante no mundo do cotidiano do brincar, a imaginação, a criatividade extrapola o que se pode ver, é uma oferta para transver¹⁹. O que para muitos era apenas um chuveiro, aos olhos vibráteis das crianças era uma cachoeira que despontava no meio do concreto.

“Mas quando um moderno poeta diz que para cada homem existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro desaparece, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos?” (BENJAMIN, 1984).

Naquele dia fui procurada por uma senhora, a quem chamarei Margarida. Carregava em sua face cansaço e uma forte tensão. Logo percebi que a Dra. Borboleta teria muito a oferecer e trocar com Margarida. Enfiei a mão em seu saco chital (um saquinho de chita) e saquei as pequenas ferramentas: um nariz, uma flor e os óculos de transver. Margarida ficou meio confusa no encontro, pois esperava uma conversa mais “séria”, como comentou mais tarde. A Dra. Borboleta a acolheu com um abraço desengonçado, grudou na mão de Margarida e abriu os ouvidos escutatórios. Margarida começou a chorar e relatar que seu filho, a quem chamaremos de Mininu, já estava há uma semana debaixo da cama e que ela já não sabia mais o que fazer para tirá-lo de lá, e que ele só saía debaixo da cama para ir

¹⁹ O transver trabalhado nessa pesquisa é abiscoitado do poeta e escritor Manoel de Barros Barros (2007, p.75). “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transver. É preciso transver o mundo.” Este conceito é trazido para as investigações da Linha Micropolítica e pode ser consultado no livro Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental. (GOMES; MERHY, 2014. Editora Rede UNIDA, 2014)

ao banheiro correndo e sem ficar totalmente de pé; ela já havia tentado até o SAMU, (Serviço de Atendimento Médico, utilizado em casos de urgência). Eles disseram que não podiam fazer nada, que ela precisava buscar outro tipo de ajuda pois não se tratava de uma emergência. Relatou que foi ao CAPSad que ficava lado a lado da unidade de saúde, pois foi informada que havia psicólogos que poderiam atendê-lo, mas foi informada que não atendiam crianças, que ela precisava procurar um CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil, para atendê-lo.

Pensei, pensei e nada pensei. Sugeri uma visita a Mininu. Margarida disse morar bem dentro da comunidade e perguntou se não havia problemas . Margarida também perguntou se havia algum remédio que pudesse ajudar, e a Dra. Borboleta ofereceu a ela, após a “anamnese”, um nariz de borracha vermelho, uns pedaços de tecidos e combinaram fazer a visita a Mininu na parte da tarde. Quando veio a tarde, eu me borboletei e segui rumo a visita com um jeito “sei lá de ser”, sem nenhuma pretensão de sequer imaginar como seria aquele encontro, aquele acontecimento. Meus pensamentos fervilhavam, pensava na minha caixa ou saco de ferramentas, como eu chegaria, me apresentaria e a conclusão “penserosa” foi que eu não sabia o que faria e nem sabia o que aconteceria naquele encontro. A mescla Dra. Borboleta, logo se despiu dos pensamentos e subiu o morro. Na entrada foi abordada por um soldado do exército, que não sabia nem o que perguntar, ficou desconcertado e abaixou sua arma. Dra. Borboleta, que estava com seu crachá da secretaria de saúde em volta do pescoço não perdeu a chance: “vou visitar um paciente, esse aqui é meu passaporte”. Ainda assim, o soldado pediu para abrir a mochila, deu uma olhada com os olhos dançando para lá e pra cá, sendo seguido pelo olhar borboletal e seguimos a caminhada. As imagens eram de muitos portões quebrados, outros derrubados, becos com lixo entulhado, e uma ostensiva presença de policiais de todos os segmentos. Alguns olhavam fixados para mim, que acenava. Eu os provocava me escondendo atrás de Margarida ou ao seu lado e percebia o esforço para se manterem sérios. Entretanto, acabavam rindo e acenando com a cabeça, como se dissessem: “o que é isso?!” *A estratégia escolhida para essa caminhada foi a mescla Dra. Borboleta e Cléo. Era uma experiência visceral e ao mesmo tempo um evocar de um corpo sem órgãos²⁰. Se os pensamentos*

²⁰ Uma das melhores intercessões no meu corpo pesquisadora é descrita no livro Agires Militante por (Cruz,). É ofertado uma reflexão do corpo sem órgãos na perspectiva proposta por Deleuze e Guattari (2004).

suscitassem do corpo órgão instituído, certamente não aconteceria o mergulho de viver essa experiência .

“Quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes. Eis o que é prodigioso tanto no corpo como no espírito: estes conjuntos de partes vivas que se compõem e decompõem segundo leis complexas.” (DELEUZE, 2002, p.63)

Quando chegamos dentro da casa, lá estava Mininu, debaixo da cama, falando baixinho e sozinho, como relatou sua mãe. Margarida começou uma conversa com ele, dizendo que tinha uma visita, que ia ter bolo, enfim uma conversa despreziosa. Ele por sua vez deu uma grande resposta, balbuciando um: “ah, tá!”. E ali deitada no chão fora da cama a Dra. Borboleta brincando com as mãos tentava estabelecer um primeiro contato. Mininu virou-se de lado e fitou os olhos em mim. E ali ficamos trocando olhares por um bom tempo, tic, tac, tic, tac... Como dizia Machado de Assis: *“E nossos olhos transmitiam coisas indizíveis e infinitas, que nossas bocas não podiam falar.”*

Aproveitei o olho no olho e comecei um ensaio, balbuciando algumas perguntas, Mininu quer brincar comigo, e nada, comecei a cantar apenas com os lábios, e Mininu sorriu achando graça, até que esticou a mão e mexeu no meu nariz, foi a deixa que esperei por muitos minutos. Perguntei se eu podia entrar debaixo da cama e para minha surpresa ele abriu um espaço e eu entrei, ficamos lá nos entreolhando, até que ele começou a balbuciar uma música e eu, de *back* vocal aceitando o convite de Mininu, aproveitei e tirei os pés pra fora da cama. Para minha surpresa, ele aceitou o convite e tirou os dele também. Começamos então um jogo corpóreo, íamos, aos poucos, nos retirando de debaixo da cama, até que sentamos os dois encostados na cama e ele perguntou se eu queria bolo. Partimos para a cozinha e comemos bolo, tomamos suco e eu perguntei se ele queria brincar comigo na tenda. Aproveitei para trazer a mescla profissional de saúde átona para dentro do encontro. Margarida tentava intervir incentivando-o a ir à tenda. Mininu, por sua vez, não dava atenção a ela, e, falando bem baixinho, topou o convite e partimos eu, Mininu e sua mãe para brincar na Tenda de Brincação na Unidade de Saúde. Ele entrou desconfiado, sentou no tapete, pegou massa de modelar e foi descobrindo

coisas que pareciam dar-lhe prazer e ali se lambuzou nas brincadeiras. Margarida me chamou no canto e perguntou se eu poderia tentar uma consulta para ele com o psiquiatra ou com uma psicóloga. Perguntou o que eu achava de Mininu e me relatou algo bastante interessante: “– Vocês (Dra. Borboleta e sua Mescla) brincaram com meu filho como se ele fosse “normal”; eu não te contei, mas ele é autista e estamos com muitas dificuldades de acesso para cuidar dele”. Respondi: “– Margarida, você não percebeu que eu também não sou normal?” Ela riu e partimos para dentro da Unidade de Saúde. Naquela tarde, Mininu teve sua consulta com a psicóloga e os encaminhamentos para seus cuidados. A rede do cuidado ainda se tecendo com e a partir do território, que apostaram e apostam numa construção de uma rede viva em que os processos de cuidados sejam no acontecimento que pode proporcionar um encontro de pessoas que cuidam com pessoas que precisam de cuidados. (MERHY et all., 2014).²¹

2.5 Cena 3: Tomada 5: O encontro da Borboleta com uma Aranha fiandeira, na dobra das tessituras.

Sentada num pufe na tenda da Brincação, uma jovem senhora a quem vamos chamar de Lia, observava atentamente os acontecimentos na tenda, aproveitava para dar pequenos mergulhos nas brincadeiras. Trocamos algumas conversas nas quais fiquei sabendo que ela era agente comunitária (ACS) na Unidade de Saúde. Lia era observadora e uma grande convocadora de diálogos sobre e pela ótica da comunidade e como estava sendo para eles, moradores, vivenciarem a incursão com tantas frentes militares. Eu começava o entendimento sobre a importância da desaprendizagem, algo que fez todo sentido no processo do cuidado. Percebia, ainda com algumas incertezas, que estava trilhando um caminho frutífero que potencializaria a formação de uma rede viva: era a possibilidade de recolher as experiências produzidas por outros dispositivos, ou seja, as diversas manifestações lingüísticas, o que mais tarde bebi nas leituras da Saúde-Surpreendendo o Instituído nas Redes²² (2016, pag. 218). Lia trazia um relato vivo

²¹De MERHY, E.E. e alls. Pesquisa Saúde Mental - acesso e barreira em uma complexa rede de cuidado: o caso de Campinas, Processo575121/2008 4. Relatório Final. CNPq. 2011.

²² Avaliação compartilhada do cuidado em Saúde-Surpreendendo o instituído nas redes; pg 31, Hexis ed.(2016).

do Complexo, das violações de direitos que os moradores vinham sofrendo, o que também era noticiado em reportagem da BBC Brasil no Rio de Janeiro²³, e do Voz da Comunidade²⁴. A forma ostensiva como as casas estavam sendo revistadas, os abusos militares, as violações de direitos humanos e básicos do cidadão. Eram diálogos potentes para entendermos uma piora relevante na saúde da maioria da população naquele momento.

O número de usuários que vinham para brincar também era expressivo. Não vou ater-me às questões dos adoecimentos, mas à produção de redes de cuidados potentes dos determinantes sociais e determinantes históricos do Complexo. Lia falava sobre as singularidades da comunidade, como a estratégia da saúde da família dividiu o território por micro - áreas, sem considerar os acontecimentos pela ótica da comunidade, apesar do Plano Municipal de Saúde do Rio de Janeiro 2013²⁵, apresentar a relevância da participação da comunidade onde diz considerar que trabalha com conceito ampliado de saúde, respeitando a singularidade dos sujeitos, coletividades e contextos sociais, era possível perceber através das narrativas trazidas pelos usuários cidadãos(ãs) que em muito a Secretaria precisa avançar no processo de organização do processo de cuidado.

Lia uma vivente daquele lugar, apresentava conexões ricas para pensar o trabalho vivo em ato. Ela comentava com certo espanto sobre a quantidade de pessoas que desciam o morro para aqueles encontros brincantes. Eram diversas as experimentações que aconteciam na tenda e no “quintal” da clínica da família; outras pessoas vinham simplesmente para dormirem um pouco; outras ficavam observando as brincadeiras; e por vezes tínhamos famílias inteiras brincando; e com grande frequência de adultos. Lia e outras pessoas falavam dos desejos, das ansiedades e da esperança do verbo esperar de que algo realmente mudasse no Complexo; contava da escassez de equipamentos culturais que estimulassem as crianças e adolescentes desde a infância, da forma que as escolas afastam os jovens em vez de acolhê-los. De como as escolas poderiam ser utilizadas naquele momento oferecendo atividades culturais que aliviasse a população, entretanto, naquele momento de mais vulnerabilização algumas das forças policiais utilizavam algumas

²³Reportagem aponta violações de direitos na incursão militar em 2010 no Complexo do Alemão: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/11/101126_rio_feridos_jc_pai

²⁴RIO - Desde sábado, três jovens moradores do Morro do Adeus fizeram uma cobertura em tempo real pelo Twitter sobre o cerco e a invasão da polícia ao Complexo do Alemão. Liderada por René Silva . 29/11/2010 - 00:00 / Atualizado em 04/11/2011 - 14:34

²⁵Plano Municipal http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/3700816/4128745/PMS_20142017.pdf

escolas como base para suas tropas. Lia que é uma educadora carregava em sua bagagem o sonho de ter no Brasil a mesma escola que Ruben Alves descreve em seu livro : “A Escola Com Que Sempre Sonhei”, Ruben falava da Escola da Ponte em Portugal idealizada pelo educador português José Pacheco, escola esta que não tem mais salas de aulas, horários estabelecidos para o recreio ou trocas de salas, não tem provas (afinal o que prova uma prova?), que não há grades, com uma gestão democrática, uma escola desejada pelas crianças, onde elas são protagonistas da construção dos seus saberes, uma escola em que o saber nasce das interrogações, das inquietações produzidas pela curiosidade e o desejo de aprender. Uma escola onde aprender seja sinônimo de felicidade. A escola da Ponte nem sempre foi assim, era uma escola como muitas que existem pelo mundo afora. Entretanto, o desejo de um educador e junção de pais desejantes por uma educação em que todos aprendam revolucionaram a Escola da Ponte, colocando-a entre uma das escolas mais desejadas e visitadas do mundo. Sugiro para uma maior reflexão ler o Dicionário de Valores.²⁶

“Esperança, em seu sentido mais genuíno, significa fé na bondade da natureza humana. Significa confiar, acreditar ser possível ensinar (e aprender!) o diálogo, o reconhecimento da diversidade, a amorosidade, a solidariedade, a alegria, a justiça, a ética, a responsabilidade social, o respeito, a cidadania, a humanização da escola”: José Pacheco

Lia carrega consigo a utopia de um dia ter a Escola Comunidade/Universidade do Morro, como também o desejo de conhecer a Ponte e seu mentor.

As narrativas de Lia eram provocadoras e instigantes: Ela carregava consigo o desejo de ter um espaço na Unidade de Saúde que acolhesse as crianças, onde pudessem brincar, cantar, como acontecia naquela tenda, dizia que a tempos não se via as crianças , adolescentes , avós , mães e até pais, interagindo através do ato de brincar – *aquele encontro das crianças com o brincar e a palhaçaria produzia mais que saúde, ali se produzia vida*. Aquele encontro ofertava uma potência no campo dos desejos, foi impossível não ser afetada por aquelas

²⁶ O Educador que acredita nas crianças: Publicou dois dicionários: um deles, sobre absurdos da Educação; outro, sobre utopias. Como sói dizer-se, não há dois sem três: farei um dicionário de valores. E, se todos os dicionários obedecem à ordem alfabética, comecemos pela letra A... de autonomia: https://porvir.org/wp-content/uploads/2013/10/Dicionario_de_Valores.pdf

narrativas, aquele encontro. Era uma composição entre o modo de produzir cuidado e a vida como ela é, seja numa comunidade/favela, seja na rua, seja na escola, e por aí vai e vai. Havia muitas implicações dentro daquele diálogo. Havia ali uma convocatória no território vivo a partir das vozes da comunidade, na horizontalidade dos desejos de vida e cuidado, Lia apontava possíveis linhas de fuga para produção no entre das profissões. *O entre se fazia presente, era a comunidade totalmente infiltrada e implicada no processo de construção daquele trabalho, poderia se dizer que era um grande projeto terapêutico coletivo (PTC) com a transversalidade da singularidade que cada usuário do serviço carregava consigo e ofertavam para a construção do trabalho, fossem na produção de desenhos, dos mapas falados, das esculturas em massa de modelar, fossem na inventividades de brincadeiras, da contação de histórias inventadas ou reais, ali davam vazão às cartografias dos afetos. (Rolnik, 1989).* Apesar de não ter uma equipe, todo aquele processo nunca foi um ato solitário, foi tornando-se um acontecimento cada vez mais vivo, o que operava naquele espaço era um grande aprendizado em e com a comunidade. Como diz “– Freire, aprendemos pela mediatização do mundo (Freire,1987)²⁷, foi na potência do e com o outro que se produziram ruídos das potências cravadas no mundo do trabalho.(Merhy e Malta, 2003)²⁸.

A tenda de Brincadeira, ficou por volta de três meses instalada no “quintal” da Clínica, a proposta era migrarmos para dentro, entretanto, surgiram as primeiras barreiras, ou seja, apesar dos relatórios apontar êxito, onde acolheu em três meses um número expressivo de usuários cidadãos de todas as idades, com maior expressividade as crianças, chegando por volta de quinhentos atendimentos, não foi suficiente para garantir efetivar o trabalho em sua plenitude. Ainda que a Clínica apresentasse fisicamente um espaço grandioso, não nos disponibilizaram nenhuma sala, foram muitos diálogos, sugestão de espaço dentro da unidade, na medida em que os espaços eram sugeridos eram apresentados os empecilhos, ora teria que fazer um investimento para criar o espaço, vale ressaltar que o custo desse espaço não ultrapassava um valor de vinte mil reais, na época. Ora o espaço já estava

²⁷ Entrevista do Educador Paulo Freire para a revista Prosa e Arte:

<https://www.revistaprosaversoarte.com/paulo-freire-educacao-como-pratica-da-liberdade-aforismos-e-excertos/>

²⁸ A MICROPOLÍTICA DO PROCESSO DE TRABALHO EM SAÚDE - REVENDO ALGUNS

CONCEITOS: Neste artigo é possível fazer uma análise ampliada desses processos micropolíticos que operam no mundo do trabalho, sua intencionalidade e a sua criatividade:

https://docs.google.com/document/d/18DySw_qG2_2XHlz18vFJqy3yplrYvaoCaCO4IMdV_QY/edit#

previsto para outras demandas, ora não estava escrito no projeto da unidade, e assim seguia. Ora, ora... Oras, também não estava prevista uma invasão militar de extrema violência vulnerabilizando psicossocialmente todo o conjunto de favelas/comunidade do Complexo do Alemão.

Nesta conjuntura de ora, ora e ora marcamos uma assembleia na Tenda com usuários(as) cidadãos(ãs): crianças, adolescentes e cuidadores, e foi sugerido ocupar um corredor grande que dava acesso aos vários consultórios. De certa forma isto me causava um desconforto, entretanto fiz o exercício de desfragmentação do olhar e passei a enxergar por uma outra ótica, e de transver. Se começamos utilizando o “quintal” da Clínica, era apenas uma questão de equacionar:

Brincar + Ação + Brincante = Brincação, ou seja: Brincação é a Ação do Brincar sob o Brincante e do Brincante sob o Brincar.

Não seria por falta de estrutura física que a Brincação não aconteceria, o que interessa é o verbo ação, parafraseando a fala do educador José Pacheco: “Escolas são pessoas e não edifício” : “– Saúde são pessoas e não salas”. A gestão da imprevisibilidade foi o que possibilitou manter o trabalho da Brincação vivo em ato. Com muita criatividade migramos para o corredor e passamos a receber as crianças, adolescentes e cuidadores no espaço improvisado, que nunca saiu de lá. No começo contamos com a pouca participação de alguns profissionais da área administrativa da Clínica e a contratação de três profissionais se deu através da Superintendência de Promoção da Saúde do Município. Estes profissionais tinham a formação como arte-educadores²⁹, mesmo sem experiência no brincar em saúde, tendo em vista que não há uma oferta de curso para formação de brincantes em saúde, só foi possível a contratação dessa modalidade através do NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família). Concomitantemente, foi implementado outro espaço de Brincação na inauguração da Clínica da Família Felipe Cardoso³⁰, no Complexo da

²⁹ Para melhor entendimento da participação do arte-educador na equipe sugiro a visita nos documentos aqui referendados. Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) pg. 21: <https://www.saude.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=Mzc5NTA%2C> PORTARIA Nº 154, DE 24 DE JANEIRO DE 2008: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt0154_24_01_2008.html

³⁰ <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=1376680>

Penha, tendo em vista que o então prefeito do Município do Rio tinha como meta a expansão da Estratégia da Saúde da Família. Entretanto, o enfrentamento foi o mesmo, no que tange espaço físico, apesar da unidade possuir muitas salas, o que estava em voga eram as tecnologias de cuidado de alta densidade material ou protocolar que os profissionais julgavam importante: aparelhos tecnológicos, almoxarifados, seguranças, centro de estudos, dentre outros. A Clínica Felipe Cardoso ofertava uma modalidade de atendimento que se conectava com a Brincadeira, eles contavam com um serviço em musicoterapia, que atendia crianças e adolescentes portadoras de necessidades especiais. Para início do trabalho na Clínica foi possível a contratação de dois arte educadores para atuarem através no espaço de Brincadeira. As capacitações desses arte educadores se deram no trabalho em ato na unidade de saúde. Mesmo com a falta de investimento de recursos materiais, abriu-se um norte para criar um indicador de saúde do brincar e da palhaçaria na saúde, não vou me ater na questão do indicador nesta pesquisa, mas suscitá-lo se faz importante, para desdobramentos de futuros artigos e pesquisas.

Na trajetória desta experiência com o brincar e a palhaçaria na atenção básica, pudemos evocar e problematizar a compreensão sobre as tecnologias de cuidado que operam no cotidiano do trabalho, ou seja, tecnologias-leves-leves-duras e duras³¹. Podemos dizer que a partir destas experiências foi produzido o cuidado uma dinâmica do cuidado em ato, através da relação e interação, nuclear entre as tecnologias leves e leves-duras, sendo que uma não exclui a outra, pois ambas pressupõem o encontro e interação com os usuários cidadãos, como substrato.

O trabalho em conjunto com o musicoterapeuta potencializou ambos os atendimentos, as crianças e jovens atendidas por ele, passaram a frequentar e brincar no espaço de Brincadeira, foi uma experiência rica para todos que a viveram, aqueles encontros proporcionaram mundos outros dentro da experiência do cuidado. A maior parte dessas crianças não tinha um espaço em suas residências que pudessem brincar, muitas de suas varandas eram extensões dos becos, vielas ou ruas. Naqueles encontros brincantes puderam construir brinquedos, cantar, resgatar brincadeiras de roda, todos juntos, não se separava as crianças e adolescentes por

³¹ Este vídeo apresenta de maneira didática e pedagógica as Tecnologias de Cuidado-Emerson Merhy: <https://www.youtube.com/watch?v=IXQZMvM-HU4>

grupo, por faixa etária, por diagnóstico, como dizem na comunidade “todos juntos e misturados”.

2.6 Cena 4 - Tomada 6: Liga dos cantantes: Encontro Cantantes autopoieticos : Lá - Sol - Fá - Mi - Ré : Ré- Começos, Mi - Amo, Fá - Zedores - Sol - lidarietàade - Lá - lá , lá.

Música :Sementes

“Se tem muita pressão

Não desenvolve a semente

É a mesma coisa com a gente

Que é pra ser gentil

Como flor é pra florir

Mas sem água, sol e tempo

Que botão vai se abrir?

É muito triste, muito cedo

É muito covarde

Cortar infâncias pela metade

Pra ser um adulto, sem tumulto não existe atalho

Em resumo

Crianças não têm trabalho, não, não, não,

Não ao trabalho infantil

Emicida e Drik Barbosa

No espaço de Brincadeira, aconteciam encontros potentes e alegres, os usuários, crianças, adolescentes e adultos frequentavam das oito às dezessete horas, ali aconteciam brincadeiras livres, construção de brinquedos, resgates de brincadeiras de rodas, rimas, jogos interativos, como: uno, xadrez, dominó, batalha naval inventada, dentre outras, criavam cidades com peças de encaixes e por aí afora, eles traziam suas bagagens e as despejavam imageticamente e partíamos para uma construção de mundos outros, ou seja, propiciar através (e) dos encontros a leveza um fazer, de uma ação, mesmo com os enfrentamentos de um cotidiano de violências.

Numa tarde em uma roda de conversa, uma das crianças perguntou se poderiam criar um grupo para cantarem, e todos naquele encontro manifestaram

esse desejo. A partir desse encontro foi sugerido que as crianças que desejassem fossem à Clínica aos sábados pela manhã, pois durante a semana o auditório da Clínica já estava ocupado pelos cursos, reuniões de equipe, dentre outros. Faz-se necessário ressaltar que ainda não havia a contratação de uma profissional que atuasse com música, o que não impediu que começássemos os encontros.

“Por que essa troca leva infância, devolve apatia

E é pior na pandemia

Sobra ferida na alma

Uma coleção de trauma

Fora a parte física

E nóiz já tá na parte crítica

Pra que o nosso futuro não chore

A urgência é: precisamos ser melhores, viu?

Se tem muita pressão

Não desenvolve a semente

É a mesma coisa com a gente

Que é pra ser gentil

Como flor é pra florir

Mas sem água, sol e tempo”

Emicida e Drik Barbosa

No primeiro sábado, apareceram cerca de dez crianças, entre dois e dez anos, e neste primeiro encontro produzimos uma lista com músicas que cada um que ali estava gostava. Abriu-se um repertório vasto de que se ouvia em várias partes da comunidade, mas os destaques foram para o Funk e músicas evangélicas tocadas na comunidade. Abriu-se um diálogo para a escolha do repertório, a conversa não se esgotava por aí, era necessário ampliar o debate, afinal como gostar ou sugerir algo que ainda não temos conhecimento ou acesso. Nos manifestamos a partir da construção psicossocial que estamos inseridos como assujeitados e protagonistas, ao mesmo tempo.

Foi uma conversa e uma convocatória incrível, para um encontro com ritmos, músicas e artistas ainda desconhecidos em seus repertórios, os cuidadores que estavam presentes se manifestaram, apresentando o que compunham em suas

lembranças musicais, cantarolando desde cirandas, cantigas de roda , ao funk raiz, dentre outras.

Os cuidadores demonstravam uma preocupação com algumas letras musicais que faziam apologia ao crime e ao sexo, e o debate se aquecia com os posicionamentos de cada um, todos defendiam seus pontos de vistas e o que acontecia ali era um exercício político e pedagógico. Até que uma das mães sugeriu: que escrevessem as letras das músicas e as projetassem no telão e todos lessem. Na medida que íamos lendo os que eram alfabetizados se manifestavam, pontuando para não se ler algumas palavras pois diziam ser “palavrões”, uma criança de pôr volta dos 3 anos sugeriu que falasse “pim” quando surgissem tais palavras. Outro debate foi aberto, ou seja, como eles cantariam músicas substituindo ou cantando “pim” em determinadas palavras? Tínhamos que chegar a um acordo comum, surgiu um combinado, que no próximo encontro os brincantes apresentariam alguns gêneros musicais, e assim foi feito.

No segundo encontro chegaram mais oito novos cantantes, a equipe apresentou, cantores(as) e compositores(as) como: Luiz Gonzaga, Adriana Calcanhoto, Emicida, Palavra Cantada, Chico Buarque, Toquinho, Criolo, Luiz Melodia, música clássica, instrumental, cantigas de roda...Foi uma manhã de perguntas, críticas e troca de conhecimentos. Depois abrimos para sugestão do nome que o Coral teria. Foi um frisson, durante toda a semana eles iam trazendo suas sugestões, enquanto brincavam no Espaço de Brincação. Eles trocavam entre si os possíveis nomes, como também, propostas de músicas e os sonhos de cantarem em lugares fora da comunidade.

O coral a princípio começou com crianças que frequentavam a unidade de saúde e, sem pretensão nenhuma de ser denominado como musicoterapia, era o cantar pelo desejo de cantar, como dizia Gonzaguinha: *“Eu fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita”*.

Os primeiros ensaios foram orquestrados pela mescla da Dra. Borboleta e profissional de saúde, após um mês foi contratada uma arte educadora que atuava como musicista em uma igreja, numa comunidade vizinha. Esse ajuntamento proporcionou vivenciar a potência do encontro a partir de uma experimentação musical, coletiva e afetuosa.

À medida em que se davam os encontros para os ensaios aos sábados pela manhã, o número de crianças aumentava significativamente e, em menos de dois meses já contávamos com quarenta e cinco crianças.

*“Desde cedo, 9 anos, era um pingo de gente
Empurrado a fórceps, pro batente
O bíceps dormente, a mão cheia de calo
Treme, não aguenta um lápis, no fundão de São Paulo (puts)
Se a alma rebelde se quer domesticar
Menina preta perde infância, vira doméstica
Amontoados ao relento, sem poder se esticar
Um baobá vira um bonsai, é só assim pra explicar
Que o nosso povo nas periferia
Precisa encher suas panela vazia
Dignidade é dignidade, não se negocia”
Que botão vai se abrir?
É muito triste, muito cedo
É muito covarde
Cortar infâncias pela metade
Pra ser um adulto, sem tumulto, não existe atalho
Em resumo”(...)*

Emicida e Drik Barbosa

Percebemos que enquanto aconteciam os ensaios, alguns profissionais de saúde deixavam as portas entreabertas, observávamos que seus pés acompanhavam o ritmo das músicas, outros cantarolavam baixinho. A música tem a potência de invadir paredes e corpos, naquele dia o repertório incluía a música Bailarina interpretada por Adriana Calcanhoto, pairava no ar uma certa magia naquele espaço de produção de cuidado.

Para esse feito e efeito – foi fundamental uma musicista fora das “caixas-
peutas”. (caixas terapêuticas instituídas nos protocolos clínicos). Era outra proposta. E assim começamos a formar o coral Liga dos Cantantes, nome escolhido democraticamente pelas crianças. E a polifonia prosseguia. Em poucos meses, as mães e as crianças começaram a convidar os filhos dos vizinhos, os filhos dos agentes comunitários, crianças de outras microáreas. Os encontros continuavam

aos sábados na unidade de saúde. Não passou muito tempo, e uma das médicas me procurou e pediu para colocar no coral uma criança usuária cidadã do serviço. A criança tinha vários problemas escolares, dentre eles, carregando no corpinho um diagnóstico de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), fato bem marcante e biomedicalizante em suas vidas.

A partir daquele dia a criança começou a frequentar o coral, não havia critério para entrar, todos eram bem vindos. A criança chegou foi acolhida por todos, e se destacava na musicalidade, não faltava a um ensaio como também passou a frequentar assiduamente o espaço de Brincação. Reparamos que ela gostava muito de jogar UNO³². Reparem que interessante, o UNO é jogo que exige concentração e estratégia, pensar nas três ações especiais para cada tipo de cor de carta, identificar quando "pular", "comprar as duas" e "inverter", ficar atento as ações especiais com fundo preto, ao "coringa comprar quatro", sendo que para cada carta regular ou de ação, existem duas das mesmas no baralho, com exceção do 0, que só possui uma unidade. Há quatro "coringas que mudam de cor" e quatro "coringas comprar quatro", o que resulta num total de 108 cartas. Para diferenciar o 6 do 9, é utilizado um sublinhado embaixo da carta respectiva, são muitos os detalhes para brincar/jogar UNO. Ela passou a ser exímia jogadora e explicadora (explicadora na comunidade é uma professora que ajuda a tirar dúvidas) do jogo para quem não sabia jogar, ela passou a ser sempre solicitada pelos amigos e em especial os adultos que frequentavam o espaço de Brincação. Foi num desses encontros que conheceu uma jovem senhora de sessenta anos que também era apaixonada pelo jogo e passaram a serem grandes parceiras. Reparem, uma ia para tratar o "TDH" e a outra para tratar de hipertensão. – A oferta daquele espaço se compunha em acolher, escutar, conversar e brincar, fugíamos das "caixas peutas", ou seja, colocar as pessoas em espaço determinados, como se elas fossem uma coisa só, seja na musicoterapia, na ludoterapia, na psicoterapia e todas as "pias" que ofertam os serviços de saúde. Não que não tenham seu lugar e sua necessidade. Mas o espaço

³² O jogo deve ser jogado por maiores de 10 anos,^[2] e entre 2 a 10 jogadores.^[3] O **baralho** é composto por cartas de quatro cores: **verde**, **amarelo**, **vermelho** e **azul**. As fileiras de cada cor variam entre 0 e 9. Existem três ações especiais para cada tipo de cor de carta, identificadas como "pular", "comprar duas" e "inverter". Há também cartas de ações especiais com fundo **preto**, "**joker**" e "coringa comprar quatro". Para cada carta regular ou de ação, existem duas das mesmas no baralho, com exceção do 0, que só possui uma unidade. Há quatro "coringas que mudam de cor" e quatro "coringas comprar quatro", o que resulta num total de 108 cartas. Para diferenciar o 6 do 9, é utilizado um **sublinhado** embaixo da carta respectiva: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Uno_\(jogo_de_cartas\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Uno_(jogo_de_cartas))

de Brincação operava no viés da construção coletiva do cuidado a partir do outro e com o outro e suas produções dentro do encontro com o outro.³³ (Merhy,2021).

*“ Sistema algoz, que o arrancou da escola
E colocou pra vender bala nos faróis
Em maioria, jovens pretos de periferia
Que tem direito a vida plena
Mas só conhece o que vivencia:
Insegurança, violência e medo
Trabalho infantil é um crime e tem cor e endereço
Prioridade nossa é assegurar que cresçam e floresçam
Alimentar a potência delas
A liberdade delas não tem preço
Merecem o mundo como um jardim e não como uma cela”(…)*

Passados dois meses, a mesma médica me relatava os avanços da criança brincante, e queria saber que tipo de terapia fazíamos na Brincação e no Coral, pois sua paciente estava melhorando no que tange a atenção e aprendendo a ler, caminhando para o desmame da medicação. Da mesma maneira, a enfermeira da equipe da senhora brincante nos abordou fazendo o mesmo questionamento, e relatava que sua usuária estava com a pressão controlada, que havia uma mudança de humor significativa. Essas manifestações sempre atravessavam essa pesquisadora e despertava um alerta, pois a de considerar essas falas como pistas importantes para seguirmos adiante problematizando quais as perspectivas que são operadas nas dimensões do cuidado.

*“Crianças não têm trabalho não, não
Crianças não têm trabalho não
Não ao trabalho infantil
Com 8 ela limpa casa de família, em troca de comida
Mas só queria brincar de adoleta
Sua vontade esconde-esconde
Já que a sociedade pega-pega sua liberdade
E transforma em tristeza
Repetiu na escola por falta, ele quer ir mas não pode
Desigualdade é presente e tira seus direitos
Sem escolha: trabalha ou rouba pra viver”(…)*

³³Corpo Vida, mais um na multidão. Merhy; pdf: <https://docero.com.br/doc/svsn5ce>

Por vezes percebia que algumas crianças não sabiam ler apesar da idade. Entretanto, elas recebiam as letras das músicas, independente de saberem ou não ler, de colocarem o papel de ponta cabeça ou não. Isto acontecia frequentemente. Por vezes, a arte educadora que trabalhava com as crianças dizia que não via sentido algum em dar as letras das músicas para crianças que não sabiam ler. Esses momentos eram ricos pois abriam-se possibilidades para repensarmos nossas práticas, sobre a forma que as escolas reproduzem a educação do século XVII, e o quanto estão longe de despertar o desejo nas crianças por um aprendizado significativo e criativo, abandonando as velhas práticas reprodutoras, bancária e adoecedora que as afastam do desejo brincante de aprender e sucumbi sua curiosidade. Que sentido faz aprender o que não faz sentido? Porém também percebíamos que algo estava mudando: era perceptível que muitas crianças já estavam se conectando com a alfabetização através dos símbolos, das letras musicais e estes acontecimentos me atravessavam cada vez mais.

*“Se tem muita pressão
 Não desenvolve a semente (não)
 É a mesma coisa com a gente
 Que é pra ser gentil
 Como flor é pra florir
 Mas sem água, sol e tempo
 Que botão vai se abrir? (me diz)
 É muito triste, muito cedo
 É muito covarde (muito)
 Cortar infâncias pela metade (é quente)
 Pra ser um adulto, sem tumulto, não existe atalho
 Em resumo (diz)
 Crianças não têm trabalho, não, não, não
 Crianças não têm trabalho, não
 Apenas não ao trabalho infantil.”*

2.7 Cena 4 - tomada 7: O encontro de Cantor com a música um paradoxo existencial

“Cantar e Cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz .”

Gonzaguinha

Num sábado fui procurada por um pai com seu filho de dezoito anos, a quem vou chamar de Cantor, a pedido da médica da unidade que o atendia. Ele relatou que seu filho parou de falar por volta dos oito anos e que tinha muita dificuldade de se relacionar com as pessoas. Eu sugeri ao pai que trouxesse ele para participar do Coral e frequentasse o espaço de Brincação. O pai ficou meio desconfiado e novamente afirmou a falta da fala em seu filho. Conversamos mais um pouco e expliquei a ele que não há apenas uma forma de linguagem, que existem várias formas de pensar o cuidado de Cantor. Foi proposto que ele trouxesse Cantor aos ensaios. E no sábado lá estava Cantor acompanhado de seu pai. Chegou mais tímido do que o comum, sentou ao lado de outras crianças, cabeça abaixada e pequenos olhares de soslaio. Quando as crianças começaram a organização para o ensaio foi ofertada a Cantor a letra da música que iria ser ensaiada, ele ainda de cabeça baixa aceitou a oferta. E iniciou-se o ensaio. Essa cena era um convite intercessor à cartografia:

“A vida na rede é disciplinada, repetitiva e ordenada; essa repetitividade é a maneira encontrada pelas presenças próximas para estabelecer as condições propícias para as crianças autistas de um viver apaziguado. É graças a esse campo imutável, fabricado por eles, que os autistas podem tomar parte nas atividades”. ((Marlon, apud Deleghy, 2015p.65)

Cantor acompanhava as músicas com movimentos dos pés seguindo o ritmo, e discretamente mexia os lábios sem emitir nenhum som. Com esse corpo desterritorializado, ele partiu para a construção de seu próprio território. Para as crianças, Cantor era mais um a somar com o Coral. Todos o acolheram com amorosidade e respeito. Era interessante perceber que alguns dos amigos percebiam sua evolução, que fosse ainda com leves palmas buscando o ritmo da música. Havia um cuidado afetivo que harmonizava os ensaios, e isto entusiasmava

Cantor a cada ensaio. Ele continuava a balbuciar as músicas e não faltava aos ensaios. Tínhamos agendado uma apresentação do coral para o Seminário Municipal de Direitos Humanos do município do Rio de Janeiro. Estavam todos ansiosos pela apresentação que aconteceria no Centro de Convenções do município, um importante espaço da cidade.

O dia tão esperado chegou e lá foram as sessenta crianças para a apresentação. Cantor estava ansioso, ficou um pouco nervoso ao ver tantas pessoas, nervosismo comum a todos os artistas antes entrar no palco. Ficamos em uma espécie de coxia , antes da apresentação, todos esfregavam as mãos, espiavam os congressistas que giravam em torno de mil e oitocentas pessoas, lanchamos e caminhamos para o aquecimento vocal e passamos a apresentação mais uma vez.

Aproveitamos para brincar com brincadeiras livres, na tentativa de tornar aquele momento mais descontraído e diminuir a ansiedade, tarefa nada fácil, pois eles eram a apresentação principal.

Quando a mestre de cerimônia anunciou o Coral: Respeitável público com vocês o Coral Liga dos Cantantes!

Via-se em seus rostos um misto de medo e alegria, alguns diziam - "Somos nós".

Todos entraram, se posicionaram e começaram cantar a primeira música:

*CRIANÇA NÃO TRABALHA*³⁴

(Paulo Tatit/ Arnaldo Antunes)

Lápis, caderno, chiclete, peão

Sol, bicicleta, skate, calção

Esconderijo, avião, correria, tambor, gritaria, jardim, confusão

Bola, pelúcia, merenda, crayon

Banho de rio, banho de mar, pula sela, bombom

Tanque de areia, gnomo, sereia, pirata, baleia, manteiga no pão

Giz, merthiolate, band aid, sabão

Tenis, cadarço, almofada, colchão

³⁴Criança não Trabalha: <https://www.youtube.com/watch?v=ZeByseNNEsk>

Quebra-cabeça, boneca, peteca, botão, pega-pega, papel, papelão

Criança não trabalha

Criança dá trabalho

Criança não trabalha

Lápis, caderno, chiclete, peão

Sol, bicicleta, skate, calção

Esconderijo, avião, correria, tambor, gritaria, jardim, confusão

Bola, pelúcia, merenda, crayon

Banho de rio, banho de mar, pula sela, bombom

*Tanque de areia, gnomo, sereia, pirata, baleia, manteiga no
pão*

Criança não trabalha

Criança dá trabalho

Criança não trabalha

Giz, merthiolate, band aid, sabão

Tenis, cadarço, almofada, colchão

Quebra-cabeça, boneca, peteca, botão, pega-pega, papel, papelão

Criança não trabalha

Criança dá trabalho

Criança não trabalha

1, 2 feijão com arroz

3, 4 feijão no prato

5, 6 tudo outra vez

De repente, ouvimos uma voz potente: o cantor soltou o que estava preso em sua garganta. E cantava e cantava, colocava seu corpo e voz a serviço da musicalidade que o invadia, gesticulando suas mãos, cantando afinado: Criança não Trabalha(...), em seguida Aquarela de Toquinho, em alto e bom som:

AQUARELA

Composição: Toquinho & Vinícius de Moraes

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
 Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
 E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
 Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do
 papel

Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul
 Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
 Pinto um barco a vela branco navegando
 É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e
 grená

Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
 Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
 E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
 Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
 De uma América a outra consigo passar num segundo
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o
 mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro
 E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
 E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
 Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
 Sem pedir licença muda nossa vida
 Depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
 O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
 Vamos todos numa linda passarela
 De uma aquarela que um dia enfim
 Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
 Que descolorirá
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
 Que descolorirá
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o
 mundo
 Que descolorirá

Todos do coral se entusiasmaram e seguiram as pequenas coreografias improvisadas por Cantor. Todos foram contagiados pela alegria que Cantor irradiava. O público colocou-se de pé e acompanhava com vibrantes palmas. Ao final de cada música eram aplaudidos de pé. No término da apresentação, as crianças se abraçaram e Cantor, olhando para Borboleta e para a musicista proferiu três palavras que nos marcaram profundamente: “- Eu sei cantar!”

O público presente não podia imaginar o que aquela apresentação significava para todo o Coral. A Dra. Borboleta sentia em seu corpo vibrátil as ondas sonoras, que reverberaram em todos os que estavam cantando. Aquela apresentação extrapolou qualquer expectativa esperada.

Os olhos de Cantor se cruzaram com os da Dra. Borboleta, e no silêncio em que a alegria acontecia, diziam tudo que precisava ser dito! Gratidão Cantor pela sua existência! Gratidão às crianças por não desistirem de si!

A história de Cantor tinha um percurso longo e árduo: seu pai ficara viúvo, com dois filhos, uma menina de oito anos e Cantor com seis anos. Seu pai relata que Cantor sempre foi introspectivo. Porém ele falava e brincava, principalmente, com a mãe. Ela veio a falecer de uma doença degenerativa. A partir daí, Cantor se recolheu para dentro de si, olhava cada vez menos para as pessoas e ficava tão amuado que não se adaptou à nenhuma escola. Foi encaminhado para fazer um tratamento em saúde mental. No entanto, não era possível levá-lo em todas as consultas, pois o pai tinha que trabalhar e a irmã era quem cuidava de Cantor.

Ambos ficavam trancados em casa, enquanto o pai estava no trabalho, sob o olhar de uma vizinha próxima. E as consultas foram sendo cada vez menos. Mesmo tendo o pai constituído uma nova família, Cantor tinha dificuldades de se relacionar com a madrasta e com os irmãos do segundo casamento. O pai era quem acompanhava Cantor nas consultas com a médica de família. Apesar da evolução notória de Cantor, o pai tinha dificuldades de horário para acompanhá-lo aos ensaios e nas oficinas de Brincança.

Foi sugerido ao pai que, se possível, a madrasta o acompanhasse para os ensaios, como também os outros irmãos. E assim se deu. Sua irmã passou a acompanhá-lo. Após aproximadamente um mês, sentei com a equipe que cuidava daquela família e começamos a traçar os cuidados para Cantor: foi articulada uma reunião com a CRE (Coordenação Regional de Educação) e o atendimento na saúde mental. Cantor voltou para a escola alfabetizado, passou a ter algumas prosas com o pai e a interagir com a família, relacionava-se com os amigos do coral e fazia planos. Desejava escrever músicas, ser compositor.³⁵

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. Heidegger (p. 143)

2.8 Cena 4 : tomada 7 – Um encontro mais que “real”: Uma Liga Cantante com o príncipe de Gales.

³⁵Em Heidegger (1987) encontramos uma definição de experiência em que soam muito bem essa exposição, essa receptividade, essa abertura, assim como essas duas dimensões de travessia e perigo que acabamos de destacar.

O início do ano de 2012 foi marcado pelas manchetes de várias mídias, como: BBC News ³⁶, Isto É, edição nº 2695 10/09, Agência Brasil³⁷, Gazeta Brasil³⁸, dentre outras, com a visita do príncipe Harry ao Brasil, sendo o Complexo do Alemão um dos roteiros mais planejados nos três dias de visita do príncipe³⁹.

Esse evento mobilizou várias pastas da prefeitura do Município do Rio e do Estado, dentre elas a saúde. As reuniões aconteciam no consulado britânico e se intensificavam à medida que a data se aproximava. Foi quando uma colega de trabalho, que estava fazendo parte da organização, me falou que Lia tinha sugerido que A Liga dos Cantantes recebesse o príncipe. Porém houve muitas críticas, uma vez que já tinham pautado a possibilidade de que alunos da Zona Sul de uma escola britânica no Rio de Janeiro, pudessem recebê-lo no Complexo. Para além da falta de originalidade, o preconceito era impresso por uma classe média burguesa.

Na mesma tarde, recebi uma ligação do Consulado Britânico, solicitando mais informações sobre o Coral Liga dos Cantantes e se havia interesse em participarem na recepção do príncipe. Fui ativada para entrar na disputa dessa pauta. No dia seguinte, fui convidada para participar de uma reunião no consulado, para conversar sobre o Coral, mas não ficou apenas por aí.

No mesmo dia, usamos a rede social e mensagens no celular para perguntar às famílias e às crianças o que pensavam da proposta e do convite e se desejavam participar. Todos ficaram ativados com a proposta e aceitaram.

No dia seguinte, parti para a reunião com a certeza de que essa participação seria muito importante para cada criança, familiares, cuidadores e toda comunidade/favela do Complexo do Alemão.

A reunião aconteceu no Consulado Britânico, onde fui recebida pela equipe que estava à frente da organização da agenda do príncipe Harry. A primeira pergunta foi de qual escola o Coral fazia parte. Foi explicado que não se tratava de uma escola, mas de uma unidade de atenção básica à saúde, leia-se Clínica da Família.

Houve um estranhamento e a conselheira indagou: - Um coral na pasta da saúde? Em geral, os corais ficam na pasta da escola ou cultura, como relatou um

³⁶ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120310_harry_alemao_jc

³⁷ <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-03-10/principe-harry-visita-complexo-de-favelas-do-alemao-no-rio>

³⁸ <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/principe-harry-visita-complexo-do-alemao-e-quebra-protocolo-7ncpioph4gc6qr9nb7stsv9se/>

³⁹ https://istoe.com.br/193280_PRINCIPE+HARRY+NO+COMPLEXO+DO+ALEMAO/

dos membros do consulado. Pois bem, a saúde atravessa todas as pastas, todos somos rede vivas em busca do comum na diferença, redes produtoras de arte e cuidado .(Cerqueira e Merhy, 2014). Ao apresentar o Coral apresentei o que significaria a participação de cada criança e para cada morador do Complexo do Alemão. Não se tratava apenas de um grande evento, mas da afirmação da potência de cada vivente daquele território.

No dia seguinte, já se espalhava por toda a comunidade/favela, que as crianças cantariam para o príncipe. Era um acontecimento! Os coralistas se reuniram na Clínica da família, para decidirem o repertório e, no meio da conversa, uma das crianças, de seis anos, propôs que o coral cantasse em inglês para o príncipe.

Os sinais reverberados dos corpos cantantes de cada uma daquelas crianças afirmam o quanto emana a potência dos desejos e do querer fazer, não um qualquer feito, mas o fazer do verbo, onde todos fazem juntos transformações em ato. Somos criadores de utopias:

O Menino Que Carregava Água Na Peneira

*Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e sair
correndo com ele para mostrar aos irmãos.*

*A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
e até infinitos.*

*Com o tempo aquele menino
 que era cismado e esquisito
 porque gostava de carregar água na peneira
 Com o tempo descobriu que escrever seria
 o mesmo que carregar água na peneira.
 No escrever o menino viu
 que era capaz de ser
 noviça, monge ou mendigo
 ao mesmo tempo.
 O menino aprendeu a usar as palavras.
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
 E começou a fazer peraltagens.
 Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro
 botando ponto final na frase.
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
 O menino fazia prodígios.
 Até fez uma pedra dar flor!
 A mãe falou:
 Meu filho você vai ser poeta.
 Você vai carregar água na peneira a vida toda.
 Você vai encher os
 vazios com as suas
 peraltagens algumas pessoas
 vão te amar por seus despropósitos.*

Ma

noel de Barros

Aquelas crianças carregavam um mar de sonhos e desejos em suas peneiras. O desejo pulsante de romper com estigmas sociais firmados por sociedade hegemônica, racista, elitista, os movia em busca de seu lugar no mundo da reinvenção de si.

Essas crianças e adolescentes, como toda população adulta, vêm sentindo em seus corpos as consequências psicológicas das guerras policiais e do narcotráfico, travadas em seus territórios. Suas vidas são expostas a essa dura realidade durante todo seu cotidiano, são olhos que assistem mortes violentas, armas de pequeno e grande porte, execuções julgadas por poderes paralelos.

Não há como não serem impactadas em seu desenvolvimento sócio emocional, educacional e psicossocial, crianças e adolescentes cidadãos(ãs) travam uma verdadeira luta para sobreviverem a tudo isso, procuram maneiras de expressarem essas experiências brutais a que são expostas. São fissuras, que atravessam seus corpos e mentes, muitas são manifestadas nos olhos aterrorizados, na falta de resoluções para seus conflitos, desde o mais simples desentendimento em uma brincadeira a problemas de ordem educacional ou familiares.

A falta de equipamentos de cultura, saúde e educação nos territórios são fatores que operam necropolítica. (Mbembe,2018). Há décadas, o Complexo do Alemão é alvo de operações policiais e militares, como aconteceu em 2007, com a participação das Força Nacional⁴⁰, ou de disputas dos territórios entre facções rivais.

Não que não houvesse tentativas políticas de trazer a paz para esse território do Alemão. Em 2008, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, visitou o Complexo, juntamente com o prefeito, governador e atores políticos importantes como Benedita da Silva, dentre outros, foi anunciado pelo presidente o plano de segurança no Complexo do Alemão como também outras obras. Dentre essas obras destaco a Praça do Conhecimento.⁴¹

O Centro de Cultura Digital Praça do Conhecimento disponibilizava em sua primeira versão não apenas um espaço de acesso a internet gratuita, ofertava dispositivos importante para jovens, adultos e crianças como: jogos eletrônicos, cursos de formação em mídias digitais e novas tecnologias da informação e comunicação, oficinas, palestras, exibição de vídeos e atividades de educação, cultura, arte e lazer.

A Praça teve em sua coordenação, até 2015, Nailton de Agostinho, mestre em Educação, em parceria com o CECIP (Centro de Criação de Imagem Popular). Trata-se de uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos e não-

⁴⁰ Operações necropolítica em comunidades no Rio de Janeiro. A favela do Jacaré foi quase uma repese da chacina em 2007 no Complexo do alemão: <https://exame.com/brasil/operacao-no-jacarezinho-e-a-mais-letal-da-historia-do-rio/>
Massacre no complexo no Complexo do Alemão: https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_policial_no_Complexo_do_Alem%C3%A3o

⁴¹ Fotos do cotidiano na Praça do Conhecimento: <https://pt.foursquare.com/v/pr%C3%A7a-do-conhecimento/4f2934d4e4b018a0a0d7c3b>
Memórias do Conhecimento: <http://memoriasnovabrasilia.blogspot.com/p/depoimentos.html>
Reportagem: https://www.youtube.com/watch?v=5t2m_XBHd6k

partidária, que desde 1986 se dedica ao fortalecimento da cidadania por meio da educação e da comunicação.

Para além do espaço físico e equipamentos, o que acontecia na Praça do Conhecimento era encontros potentes, criativos e de construções de saberes, o que aquele espaço propiciava ultrapassava as questões tecnológicas, era uma construção para um possível caminho do paradigma da aprendizagem e da comunicação. (Pacheco, 2019)

No ano de 2015, houve uma mudança radical da Praça do Conhecimento. Passou a ser chamada “Naves do Conhecimento”⁴² a trabalhar em outra lógica, com serviços da LanTable e Biblioteca Digital, uma espécie de Lan House.

Anterior a esta transição, as crianças do coral, fizeram vários encontros na Praça do Conhecimento, estávamos pleiteando uma rádio onde cultura, saúde e educação ocupasse todo o Complexo do Alemão, uma rádio feita por crianças para crianças, mas não foi possível. Mas, isso não parou os jovens, que passaram pela Praça. Muitos se tornaram líderes de movimentos importantes para a comunidade.

A reinvenção e o protagonismo destes jovens cidadãos(as), se presentificam a partir dos encontros e experimentações produzidos por eles(as), na reinvenção ética e estética de vivências e militâncias em defesa de seus territórios e suas vidas.

O esperar de políticas, que findem a necropolítica e assegure a tão esperada pacificação, findando uma guerra urbana armada, continuaram e continuam para uma comunidade que traz como marca a violência em seu território. Agora, contemplava outras manchetes: Destaque do jornal G1⁴³ - “Harry chega ao Alemão, no Rio, e é saudado por coral de crianças”, seguida e outros jornais como BBC News⁴⁴, Agência Brasil⁴⁵.

Começamos a pensar o repertório e fui informada de que poderíamos ter problemas com o ECAD (Escritório Central de Arrecadação). O ECAD é um órgão privado, fundado em 1976 para arrecadar os direitos autorais de cada música tocada "em execução pública" no Brasil. A questão é que não tínhamos como pagar. Esse

⁴² <https://www.facebook.com/NavesDoConhecimento/>

⁴³ Visita de Príncipe Herry no Brasil: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/03/harry-chega-ao-alemao-no-rio-e-e-saudado-por-coral-de-criancas.html>

⁴⁴ Ler na íntegra: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120310_harry_alemao_jc

⁴⁵ Ler na íntegra: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-03-10/principe-harry-visita-complexo-de-favelas-do-alemao-no-rio>

não seria um empecilho, pois há algum tempo eu vinha compondo músicas em parceria com um voluntário e assim a música intitulada “Toda Criança quer”, nascia.

Começa a organização para os ensaios, pois tínhamos quatro encontros até ao evento. Contudo, outras questões foram surgindo. O consulado britânico sugeriu outros encontros na sua sede no Aterro do Flamengo para possíveis desdobramentos para o Complexo, como, por exemplo, a reestruturação da ONG EDUCAP (Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção) coordenada por Lúcia Cabral, moradora e ativista de direitos humanos no Complexo do Alemão.

A equipe do consulado demonstrava uma sensibilidade para várias questões da favela/comunidade, o que ocasionou uma mudança nos planos já traçados: ao invés de uma grande festa fechada no Complexo com vários convidados e celebridades, com show da cantora Maria Gadu, foram propostas várias atividades junto com os moradores, dentre elas uma Mostra da produção do cuidado em saúde no território, a reforma do campo onde crianças e adolescentes jogavam críquete e tacobol.

A proposta da Mostra da saúde foi fundamental, pois a partir dela surgiram várias questões não pautadas pela Secretaria de Saúde e pela Coordenação de Área Programática, como por exemplo, uma área conhecida como Beco da Miséria, que estava sem cobertura da Estratégia de Saúde da Família. Outro aspecto foi a oportunidade da Dra. Borboleta e a pesquisadora, que aqui vos escreve, conhecer todo o território do Alemão, uma vez que estava à frente das articulações – e organização junto ao consulado, com as demais pastas do município e do estado.

Foi sugerido pelo consulado que Lucia coordenadora do EDUCAP e eu acompanhássemos a equipe de segurança britânica responsável pela segurança do príncipe, aceitei na hora, pois era uma grande oportunidade de ampliar e sentir todo aquele território, realizar uma cartografia sentinte dos afetos que estavam presentes ou não no território, observar as demandas de saúde ausentes nos mapas geográficos, suscitar as demandas de cuidado pelo mapa falado dos viventes a cada curva, becos, ruas, escadões.

Ao passar dos dias, o consulado anunciou uma visita da conselheira do consulado britânico à Clínica da Família Zilda Arns para conhecer um pouco da realidade das crianças e da comunidade.

Ao comunicar a visita da conselheira na secretaria, o coordenador da área programática foi informado e ambos os gestores sugeriram um café da manhã para receber os visitantes do consulado, como também sair do corredor e ocupar uma sala. Eu achei que ali haveria uma grande chance de ter um espaço onde as crianças pudessem se sentir mais à vontade, onde as pessoas não mais passariam no meio das atividades e brincadeiras, onde seriam respeitadas nos seus fazeres brincantes e como usuários cidadãos.

No sábado da visita todos os familiares estavam presentes, a empresa contratada estava montando a farta mesa para realizar o “cofeebreak” . Os visitantes chegaram e os demais convidados ilustres também, ou seja, as crianças e seus familiares.

Esta visita se tornou um encontro para um café na unidade de saúde: foi um encontro entre as crianças e os visitantes. Aquela seria uma oportunidade para dialogarmos com o coordenador da área programática a fim de ampliarmos o espaço de Brincadeira dentro da unidade de saúde, uma vez que esta pauta não ganhava força desde sua criação.

O foco era sobre o cuidado biológico das pessoas: todo aquele movimento poderia despertar possibilidades outras na integralidade do cuidado. Outro aspecto foi que aproveitamos o ensejo para estreitarmos vínculos com os familiares, havia ali uma atmosfera de satisfação e orgulho de cada familiar presente, pais, mães, avós e ou cuidadores. Com o repertório já ensaiado cantaram para o grupo, conversaram sobre seus sonhos, desejos e utopias.

Todos vibravam com a mesa farta de guloseimas e sucos que muitos nunca haviam provado. Foi um dia de festa. A conselheira e a equipe do consulado estavam notoriamente encantadas, rasgavam elogios às crianças, o que, nitidamente, afetou os pais, cuidadores, parentes e amigos, que não se faziam de rogados, mas mostravam o orgulho que tinham dos seus filhos, netos, sobrinhos, amigos.

Na semana que se seguiu regressamos aos velhos atravessamentos da gestão, ou seja, a sala foi desmontada e passou a ser mais um consultório, aliás muito pouco usado. Voltamos para o velho e nem sempre bom corredor. Quando

relato a questão do corredor não quero dizer que não seria possível trabalhar naquele espaço, a questão era justamente a falta de respeito aos pequenos e seus cuidadores, que tinham suas atividades por vezes interrompidas por um vai e vem de profissionais e usuários, que faziam daquele espaço um caminho de passagem. Vale ressaltar que, antes, o mesmo local não era aberto a travessia. O que havia mudado? Por quê passou a ser liberado? Por que crianças usuárias/cidadãs não tinham seus direitos garantidos na sua integralidade?

Brincar, como saúde, educação, dentre outras é um direito:

3. ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II - opinião e expressão;

III - crença e culto religioso;

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;

V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;

VI - participar da vida política, na forma da lei;

VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.

O fato era, que mesmo apresentando muitos resultados quantitativos e qualitativos dos atendimentos anual , nada mudava na valoração do que fazíamos ,não sei dizer se pelo desconhecimento de outros modos possíveis de pensar e produzir cuidado em saúde dos usuários cidadãos , ou por falta de desejo de investir em um processo de inovação no cuidado, tendo em vista que ainda não havia se experimentado a tecnologia-leve brincante na atenção básica. Prefiro acreditar na primeira opção.

Um fato era certo: foram momentos especiais para todos. O grande dia com o príncipe chegou, todos arrumados e ansiosos por aquele encontro. Combinamos de nos encontrar mais uma vez na unidade de saúde para passar o

repertório e dar a primeira coletiva para a imprensa, não tenho como mensurar a alegria e curiosidade que transbordava dos corpos daquelas crianças, mas meu corpo sentinte vazava por todos os lados.

Partimos para a estação do teleférico Palmeiras, onde seria a primeira parada do príncipe, todos posicionados, a imprensa nacional e internacional a postos⁴⁶. O príncipe chegou de teleférico, com uma camisa polo azul, calça preta e tênis, com uma garrafa de água na mão. As crianças olharam com ar de interrogação, enquanto uma das crianças de três anos me chamou e cochichou no meu ouvido: – Este é o príncipe? Cadê a roupa?”

Harry foi recebido pelo secretário de saúde e duas crianças, uma de três anos e outra de quatro, entregaram-lhe uma camiseta estampada com uma das mãos de cada criança.

O coral soltou a voz. Acompanhado por um violão, cantaram sob as câmeras e lentes de vários lugares do mundo. Quando terminaram a primeira música, Harry, encantado pelas crianças, quebrou o protocolo e sentou-se no chão para abraçar cada uma delas.

As crianças faziam várias perguntas. Queriam saber por que ele era cor de rosa, se ele tinha roupa e espada de príncipe e por aí fora... Enquanto o príncipe respondia às perguntas, a equipe de staff (auxiliares), descabelava-se com os “protocolos” que ele deveria seguir e pediam para Harry seguir a pauta. Após quebrar os protocolos e ir para um encontro afetuoso, o príncipe seguiu sua agenda, deixando a alegria que reinou em cada criança e suas famílias, a valoração, a potência que habita naquele território “Vida”.

Tecer novos arranjos dentro de uma comunidade como o Complexo do Alemão, constitui um fortalecimento das redes existenciais que potencializam o cuidado no trabalho vivo em ato. Olhar para as tessituras possíveis no trabalho vivo através das lentes dos viventes daquele lugar e das experimentações nos permitiam aprofundar na integralidade do cuidado. “A experiência é ‘isso que passa’”(Bondia 2011.p.5).

⁴⁶ TV Record:

<https://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/ministro-do-desenvolvimento-regional-passa-por-procedimento-cardiovascular-para-colocar-stent-17072021>

UOL: <https://jogos.uol.com.br/videos/videos.htm?id=principe-harry-visita-criancas-no-complexo-do-alemao-0402CD1B356EDCA92326>

O coral foi um símbolo da potência das crianças e toda a comunidade, que se via representada por eles; por outro lado, era também uma representação da possibilidade de se reinventar o cuidado. Foi a possibilidade de perceber que a vida não se reduz aos cuidados biológicos (Merhy, 2008), “mas que, antes disso, o corpo biológico é constituído simbolicamente, sendo, portanto, um corpo marcado por diferentes processos de subjetivação”.

2.9 Cena 5: Tomada 8 – Entre favelas e asfalto, um pé lá e outro cá.

Numa tarde, depois de um ensaio do Coral, fui levar um grupo de crianças para sua casa. Ao levar a última delas, entrei para tomar um café com sua avó, a quem vou chamar de dona Bela, uma senhora que gostava de uma boa prosa. Ela era portadora de diabetes⁴⁷ e hipertensão e realizava seu cuidado com a equipe da saúde da família de sua microárea⁴⁸.

Dona Bela, sempre acolhedora, gostava de contar histórias sobre o Complexo, suas falas eram sempre carregadas por um saudosismo dos bons e velhos tempos de um Alemão com festas, sem narcotráfico, milícias, operações policiais devastadoras que levam os jovens prematuramente à morte.

Narrava que os problemas eram de outras ordens, eu buscava não esquecer os detalhes daquelas prosas, dona Bela ia listando uma série de questões que naquele tempo eram os grandes atravessamentos da comunidade/favela, como: a falta de saneamento básico, falta de escolas, creches, a falta de segurança também era um problema. Havia violência, mas em nada comparada com os tempos atuais em que tivemos aquele encontro.

⁴⁷O pé diabético deve ter uma atenção especial, a atenção a lesões na pele, deve ser recorrida a um profissional de saúde, devido à má vascularização periférica frequente na diabetes (o sangue circula com mais dificuldade), as feridas podem demorar mais tempo a sarar, constituindo uma porta de entrada para infecções oportunistas, de gravidade variável. <https://controlaradiabetes.pt/uploads/slide-kit-17jul14-2014-07-28-15-16-55.pdf>

⁴⁸Para entender melhor o avanço da expansão da Estratégia a saúde da Família do município do Rio de Janeiro recomendo visitar a página citada: https://subpav.org/download/biblio/SUBPAV_Manual_de_Orientacoes_para_Expansao_das_Clinicas_da_Familia.pdf

Enquanto conversamos, não hesitei em perguntar se ela tinha ido as suas consultas, ou se a equipe tinha ido fazer as visitas, uma vez que ela se mostrava com dificuldades de locomoção. Me ofereci para fazer o café, mas ela não hesitou em contestar, talvez por eu sempre elogiar o café saboroso que ela fazia com tanto gosto. Aproveitei para continuarmos a conversa sobre seus cuidados, era visível o inchaço em um dos pés, que estava enfaixado com um pano.

Ela relatou que a agente comunitária, passando em frente ao seu portão, perguntou como ela estava e ela respondera que estava tudo bem, que o pé já não doía tanto. Esta resposta me chamou atenção. Eu pedi para ver o seu pé – esclareço, leitor, que não houve nenhuma pretensão de fazer uma anamnese clínica, mas de pelo menos ver o estado geral do pé. Ela retirou o pano e veio o susto dos meus olhos. O pé apresentava uma cor azulada, o que me colocava em alerta. Lembrei-me dos pés diabéticos que já tinha visto em minha trajetória, no pronto socorro em que trabalhei, e o que já havia lido sobre a questão.

Há uma especificidade com a questão dos pés de pessoas portadoras de diabetes, uma vez que os nervos responsáveis pela sensação de dor e tato estão afetados pelo diabetes, pode causar perda da sensibilidade protetora dos pés, deixando-os mais sujeitos a machucados, feridas, ou até mesmo amputação de parte dos membros inferiores (dedos, pés, perna)⁴⁹.

É atribuição da equipe que acompanha o usuário cidadão estar atento a esta questão. Por mais que quisesse ser otimista, não me parecia ser possível fazer muita coisa para salvar o pé de dona Bela, agora era correr para salvar sua vida.

A partir daquela olhada, começamos a conversar sobre a urgência de ela ir para um pronto atendimento. Expliquei que o aspecto do pé não estava bom e ela, meio relutando, acabou aceitando. Foi justamente neste momento que ouvimos alguns tiros. Ela “correu”, fechou a porta e ficamos à espera de o tiroteio acalmar.

Enquanto isso, liguei para o SAMU, expliquei resumidamente a situação, de forma que não criasse pânico em dona Bela e sua filha, que acabava de chegar. O profissional do SAMU que me atendeu, ainda por telefone, informou-me que não poderiam subir as vielas até a casa dela, que teríamos que descer com ela até o asfalto, mesmo eu argumentando que teríamos dificuldades, pois ela mal conseguia se locomover dentro de casa.

⁴⁹ Para melhor compreensão] da diabetes sugiro a página descrita:<https://aps.bvs.br/aps/porque-os-diabeticos-sao-mais-vulneraveis-a-amputacao-de-dedos-pes-ou-pernas/>

Não foi argumento suficiente. Eles deixaram claro que não era possível subir o morro, os conflitos armados eram um risco iminente à vida de todos. Minha cabeça parecia dar uma volta de 360 graus, pensando em como a levaríamos até o asfalto. A filha disse que poderia chamar dois vizinhos para ajudar; o problema era o tiroteio. Foi quando me lembrei de uma mãe que conhecia bem aquela área. Liguei para ela explicando a situação.

Enquanto isso, o tiroteio se intensificava. Depois de alguns minutos, ela me ligou e disse que estava esperando o retorno de um conhecido para ver como poderiam ajudar. Era a rede da rede, o rizoma da solidariedade pela defesa e cuidado da vida. Depois de alguns minutos, ela me informou que teríamos uns trinta minutos para descer com Dona Bela.

Aos poucos, o tiroteio foi cessando, os vizinhos vieram ajudar e começamos a levar Dona Bela. Na metade do escadão já era possível avistar o carro do SAMU, o que a acalmou e a todos. Eles me retornaram a ligação, pedindo que descessem o mais rápido possível. Tínhamos que descer com muito cuidado um escadão com muitos degraus. Os vizinhos, com muito cuidado, fizeram uma espécie de cadeira humana, o que não era nada fácil, pois Dona Bela tinha sobrepeso. Estávamos todos apreensivos, os últimos degraus foram como se tirássemos um saco de cinquenta quilos das costas. Encaminhamos Dona Bela até a ambulância e partimos para o pronto atendimento mais próximo no Complexo.

Eu a acompanhei, juntamente com a filha. O médico fez algumas perguntas e informou que ela teria que ser encaminhada para o hospital, pois se tratava de uma situação grave. Eu me lembro da Dona Bela falando com o médico se ela iria perder o pé. Ele disse que fariam o que fosse possível. Infelizmente não foi o suficiente: ela teve o pé amputado, no dia seguinte.

Liguei no hospital, para saber notícias, fui acompanhando os cuidados junto com a família. As netas continuavam no coral e íamos dando continuidade ao rizoma e as redes vivas dos cuidados,(Gomes e Merhy, 2014).

Assim que a Dona Bela teve alta hospitalar, fui visitá-la para um novo café. Fui recebida com um sorriso ímpar e uma alegria contagiante, apesar da dor pela perda do pé, ela estava retomando sua vida, esperançosa que dias melhores estavam por vir.

Quando penso naqueles encontros e nos múltiplos olhares que vamos desenvolvendo, reflito sobre quais os dispositivos da rede de cuidado falharam no

cuidado de Dona Bela. Não vou entrar no mérito da responsabilização, o fato é que houve uma falha no cuidado, que acarretou uma perda inestimável para aquela senhora, perda evitável, se acompanhada com a devida atenção.

Para tanto há uma ementa que tramita na câmara do Município do Rio de Janeiro,⁵⁰

EMENTA:

*Dispõe sobre a política de prevenção e combate às amputações
Em pacientes diabéticos e dá outras providências,*

Autor(es): vereador Thiago k. Ribeiro

Art. 1º Fica instituída no âmbito do município do Rio de Janeiro a Política de Prevenção e Combate às Amputações em Pacientes Diabéticos, decorrentes do diabetes, que será desenvolvida nos termos desta Lei.

Art. 2º A Política de Prevenção e Combate às Amputações em Pacientes Diabéticos tem como diretrizes: (...)

Fábricas desejanter: Histórias cruzadas na produção do desejo

2.10 Cena 5 :Tomada 9 – Aspirante a traficante que gorou – Experimentações Borboletais.

*Música: Levanta e anda
Emicida*

*Era um cômodo incômodo
Sujo como o dragão de komodo*

Úmido, eu homem da casa

Aos seis anos

Mofo no canto, todo TV

Engodo pronto pro lodo

Tímido, porra!

50

Somos reis, mano
Olhos são elétrodos, sério
Topo, trombo corvos
Num cemitério de sonhos (...)

O território é algo vivo, vibrátil, com seus meandros. Perseguindo essas pistas, a mescla Borboleta e profissional de saúde, vão discorrer sobre as cartografias existenciais e psicossociais desse território, dos encontros e desencontros, das experiências do vivido e do que não se viveu. Porém, do que ficou impresso nos corpos e em suas entrelinhas.

“Graças a leis, planos
Troco de jogo vendo roubo
Pus a cabeça a prêmio, ingênuo
Colhi sorrisos e falei vamos
É um novo tempo, momento
Pro novo a sabor do vento
Me movo pelo solo onde reinamos
Pondo pontos finais na dor como

Naquela manhã estava à nossa espera um menino de nove anos, a quem vou chamar de Lindu. Estava todo arrumado, camiseta limpa, calçado com seus chinelos, e com um cordão prateado no pescoço, mostrava-se ansioso para começar a brincar. Lindu se mostrava solícito e desejoso em ajudar na organização da tenda. Foi separando os lápis do dia anterior, que estavam sem ponta, a fim de apontá-los, ajeitando as almofadas, demonstrando sua capacidade de gentileza, uma vez que tanto os funcionários da unidade de saúde como as outras crianças demonstravam uma certa antipatia e o rechaçavam, por vezes o tratando pejorativamente; por “atentado, mal-educado, tralha”... e daí por diante.

Naquele dia, levei uma câmera fotográfica com dupla função, tanto filmava como fotografava. Ao vê-la, Lindu se inspirou e pediu para que fizesse uma gravação dele – dizia gostar de ser filmado, como os artistas da televisão. O pedido

foi aceito e se iniciou a gravação despretensiosa, onde valia falar o que sentisse desejo, e a conversa se abriu com Lindu;

"- Câmera, ação, gravando!" E assim se iniciou aquele depoimento. Sorrindo, fez um sinal de arma e disparou a falar sobre seu desejo de ser o chefe do tráfico, que ele usaria cordões de ouro, teria uma moto bem grande, um AR-15 (fuzil) e muitas namoradas. Aquela fala era um convite a uma interseção borboletal.

*Doril, Anador somos a luz do Senhor
E pode crê, 'tamo construindo
Suponho não, creio, meto a mão
Em meio a escuridão pronto acertamos
Nosso sorriso sereno hoje é o veneno
Pra quem trouxe tanto ódio pra
Onde deitamos
em costuma vir de onde eu sou (...)*

Emicida: Levanta e anda

A Borboleta assume a câmara e abre o diálogo a partir dos desejos de Lindu e do ponto de vista dele e seu território vida. Ele relatava sorrindo que já havia visto um homem ser morto a facadas no coração e que lá na favela era assim mesmo, quem vacilasse morria fácil. Para ter respeito tinha de ser do tráfico, o que, *a priori*, parecia-lhe uma boa alternativa de sobrevivência.

Borboleta ouviu com os olhos esbugalhados, o corpo enfiando para dentro de si, e o queixo caindo gradativamente. Fitando nos olhos de Borboleta, Lindu se desmanchava de rir – ficou nítido que o voo borboletal o havia capturado. Ao encerrar a gravação, começaram um breve ensaio dançante que o inspirava a brincar, enquanto outras crianças chegavam.

A Borboleta recolheu seus depoimentos desejos e guardou, pois sabia que aquela prosa não pararia por ali. Lindu entrou numa disputa pela atenção de Borboleta com as outras crianças, amontou-se numa almofada e retrucava com todos.

*“Às vezes não tem motivos pra seguir
 Então levanta e anda, vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
 Coisas que te faz prosseguir
 Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
 Irmão, você não percebeu
 Que você é o único representante
 Do seu sonho na face da terra
 Se isso não fizer você correr, chapa
 Eu não sei o que vai
 Eu sei, sei cansa”(...)*

Emicida

Borboleta saiu de cena e continuamos uma mediação brincante. A tenda estava com muitas crianças, quando, de repente, Lindu se levantou, partiu ao meu encontro e lascou um beijo na minha boca. As crianças gritaram com ele, o que o deixou desconcertado. Uma agitação surgia depois do fato ocorrido, ao mesmo tempo que pairava uma expectativa do que viria depois, isto é, qual seria minha reação, qual atitude eu tomaria?

Propus que sentássemos e conversássemos sobre o ocorrido. As crianças se manifestavam querendo expulsá-lo da tenda, fazendo alegações violentas, depreciando Lindu. A proposta ofertada foi de sentarmos em roda e abirmos um diálogo sobre o ocorrido. Lindu se manifestou e disse estar apaixonado: queria casar-se comigo e com minha mescla, a Borboleta – fala que a convocou imediatamente.

Entrou em cena e sutilmente desmontou aquela atmosfera. Conversou com Lindu demonstrando afetuosamente e desengonçadamente sua insatisfação com o ocorrido. Disse: -“Lindu, tu és uma lindeza, mas esse troço de menino beijoqueiro que não sabe pedir beijo, não tá certo, não”. No entanto, se propunha a ser uma grande amiga dele, se assim ele desejasse. Lindu ficou decepcionado e

uma tristeza abateu seu rosto, pegou uma almofada, foi para o canto da sala e por vezes olhava de soslaio para a mescla de nós duas e respirava profundamente.

Aquele episódio envolvia mais coisas do que se poderia imaginar. Uma das mães me procurou e contou que Lindu era um garoto bom, mas tinha vários problemas e tomava remédios para dormir e ir à escola. Agradecemos as informações e continuamos a Brincação.

*“Quem morre ao fim do mês
 Nossa grana ou nossa esperança
 Delírio é equilíbrio
 Entre o nosso martírio e nossa fé
 Foi foda contar migalha nos escombros
 Lona preta esticadas, enxada no ombro
 E nada vim, nada enfim
 Recria sozinho
 Com a alma cheia de mágoa e as panela vazia
 Sonho imundo só água na geladeira
 E eu querendo salvar o mundo
 No fundo é tipo David Blaine”(…)
 Emicida: Levanta e anda*

No final da tarde, procurei a agente comunitária de Lindu, em busca de pistas que pudessem desvendar um pouco mais sobre aquele garoto. A agente me informou que ele era cuidado pela sua avó, que trabalhava em uma barraca vendendo doces na entrada da unidade de saúde e que ele passava o dia perambulando por lá. Depois daquela conversa, fomos comprar um doce. A cuidadora aproveitou para perguntar como ele estava se comportando – comer o doce foi estratégico para alongar aquela prosa.

*“A mãe assume, o pai some de costume
 No máximo é um sobrenome
 Sou o terror dos clone
 Esses boy conhece Marx
 Nós conhece a fome*

*Então serra os punho sorria
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazias
Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda, vai, levanta e anda”(...)
Emicida: Levanta e anda*

Ela relatou que ele gostava demais de brincar na tenda, que estava até mais calmo. Fiquei atenta àquelas narrativas. Ela narrava sobre as dificuldades que tinha com Lindu. Contou-nos que ele viu seu pai ser morto pelo atual padrasto e que não era cuidado pela mãe, que o empurrava para ela cuidar. Revelou ainda que ele tomava medicações para dormir e para se acalmar. Aquelas pistas eram potentes para pensarmos o cuidado daquela criança.

No dia seguinte, conversei com a médica que cuidava de Lindu. Ela confirmou a narrativa da cuidadora e complementou que o garoto precisava ser acompanhado por um(a) psicólogo(a). Entretanto, não havia Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi) próximo, o que dificultava o cuidado. Lindu continuou a frequentar a Brincação e se mostrava interessado por música e xadrez.

A equipe que cuidava de Lindu, acreditava que ele não daria conta de jogar xadrez e muito menos cantar, uma vez que sua dificuldade de atenção não cooperaria para essas atividades, em especial o xadrez. Apostamos nos desejos dele e o inserimos no coral.

Outro quesito importante era a afinidade que ele tinha com a arte-educadora, que passou a jogar xadrez com ele todos os dias. Em uma das oficinas a educadora me chamou para relatar que Lindu jogava xadrez muito bem, aprendera rápido o jogo e tinha um ouvido aguçado para o coral. Logo marcamos uma oficina de Brincação, ou seja, era imprescindível brincar com Lindu, eu me via curiosa em brincar com ele, sentir os movimentos dentro das brincadeiras, era uma experiência dentro de uma experimentação, (Marlon, apud Deleghy, 2015).

No dia da oficina, Lindu, todo arrumado, feliz com o encontro, propôs uma partida de xadrez, o que me rendeu um bom tempo. Não hesitei em convidar a

médica para uns dez minutos junto conosco. Ela aceitou uma partida de xadrez e rapidamente se surpreendeu. Questionou sobre a medicação da qual ele fazia uso e seu diagnóstico de TDAH. Lindu relatou que não tomava as medicações com frequência, pois sua mãe o deixava com a avó, mas não mandava os remédios. Será que havia algum equívoco naquele tratamento? Depois de um mês, numa conversa com a médica, ela relatou que resolveu desmedicalizá-lo: Lindu continuava a cantar, jogar xadrez, reclamar, chorar, brigar e seguir sua trajetória de criança.

Algo foi produzido nesses encontros, diria que um enriquecimento existencial de um aspirante a traficante gorado para um aspirante a músico, que não gorou. Lindu passou a estudar flauta em um projeto de música na comunidade.

*“Vai, levanta e anda
 Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
 Coisas que te faz prosseguir
 Então levanta e anda, vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
 Somos maior, nos basta só sonhar, seguir”*

Composição: Emicida / Rael Da Rima

2.11 Cena 5 : Tomada 10: No meio do lixo, um corpo desejante

Música: Principia (part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário)

*“Com o cheiro doce da arruda
 Penso em buda, calmo
 Tenso, busco uma ajuda
 As vezes me vem um salmo
 Tira a visão que iluda
 É tipo um oftalmo
 E eu, que vejo além de um palmo
 Por mim, tu, ubuntu, algo almo
 Se for pra crer no terreno*

*Só no que nóiz ta veno memo
 Resumo do plano é baixo, pequeno
 Mundano, sujo, inferno e veneno
 Frio, inverno, sereno
 Repressão e regressão
 É um luxo ter calma, a vida escalda
 Tento ler almas para além de pressão”(...)⁵¹*

As relações de poder e força que se estabelecem nesses territórios passam pela ausência do estado de direito e se estendem até o extermínio de vidas, cujos corpos não têm valor, capital nenhum, são simplesmente descartáveis para a camada hegemônica da sociedade. Porém, nesses territórios, emergem relações de resistência frente a estas diversas situações de violência. Há um deslocamento nas relações de força e poder, “[...] as relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável” (FOUCAULT, 2006, p. 232).

Essa cartografia narra um encontro brincante da Dra. Borboleta e a sua mescla ou vice e versa, com jovens em uma cena de uso de *crack* e outras drogas próximas a uma estação de trem em algum lugar na Zona Norte do Rio de Janeiro.

O cenário se localizava em um dos principais eixos viários da Zona Norte do Rio, debaixo de uma ponte, onde viviam viventes com histórias de vidas inimagináveis por muitos que vivem a parte dessa miséria estruturada pautada na desigualdade social. As miseráveis têm nomes, desejos, devaneios e utopia. Mas, há quem não se canse de produzir distopia. Para melhor refletir sobre distopia, trago para a cena a série “Black Mirror”, criada por Charlie Brooker. – Ao assisti-la, e debater alguns episódios nos encontros da Linha de Pesquisa da Micropolítica, meu corpo foi atravessado pela frase do escritor e dramaturgo Oscar Wilde:”– A vida imita a arte.” Meu corpo entrou numa colisão entre realidade e ficção. Havia algumas paridades naquelas cenas. Aqueles episódios, envolvendo um futuro distópico, com disputas e conflitos atuais na área de políticas e necropolítica, possibilitava

⁵¹ Ouça AmarElo: https://smb.lnk.to/AmarEloEmicida_

problematizar possíveis modos de produção de uma distopia. No meio do lixo, um corpo desejante.

Há mais de setenta anos, diversos países se juntam para dialogar, pactuar e produzir documentos com o intuito de garantir o cumprimento de Leis Internacionais que foram construídas pelos diversos países, após a Segunda Guerra Mundial, visando a defesa do direito à vida e a cidadania de qualquer povo, como: A Carta Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de (1948)⁵²; Carta das Cidades Educadoras ,a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965); O Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966); A Convenção sobre os Direitos da Criança (1989); A Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990); A Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais (1994); A 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher celebrada em Pequim (1995);A Carta da Terra (2000), A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001); A Carta Mundial pela Direito à Cidade (2005); A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006); O Acordo de Paris sobre o Clima (2015) e na Agenda 2030 sobre o Desenvolvimento Sustentável (2015).

Todos os documentos acima citados evidenciam o quanto os direitos dos cidadãos brasileiros são violados, e a miserabilidade que está presente na vida de muitos destes cidadãos, fortalecendo as experiências de políticas de cunho necropolítico, apesar de alguns avanços importantes, iniciados a partir de 2003, na gestão do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, terem se contrapostos a isto: Os programas sociais⁵³Fome Zero, Programa Universidade para Todos (ProUni), Bolsa Família , Minha Casa Minha Vida, Água para todos, Bolsa Atleta, Projovem, Tarifa Social , dentre muitos.

Debaixo daquela ponte viviam viventes cidadãos, com sonhos

⁵² Para acessar a carta de direitos humanos na integra :
<https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>

⁵³Sugestão de algumas matérias que apresentam os programas citados acima:
<https://www.ufrgs.br/humanista/2018/09/27/lula-e-o-presidente-que-mais-fez-inclusao-social-no-brasil-diz-propaganda-do-pt/>
<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,veja-os-principais-programas-sociais-do-governo-lula,130446>
https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/brasil_em_debate_vol_4_aloizio_mercadante.pdf

interrompidos, famílias que se formavam ao meio do caos, jovens, em sua maioria negros(as), faziam uso de *crack* e de *outras drogas* – alguns apresentavam aspecto de adoecimento—, uns sentados, outros revirando os lixos à procura de latinhas de alumínio para vender em um depósito de ferro velho próximo, outros se organizando em grupos para garantir o almoço e a janta, através de mendicação.

Naquele local, que é uma comunidade de viventes, há a produção de várias organizações dos modos de existir e re-existir. Ali acontecem conversas, namoros, brigas, disputas de narrativas, disputas por microterritórios. Essa maneira de operar torna aquele território dos excluídos, pulsante.

Cheguei com uma pequena “caixa de ferramentas”⁵⁴ contendo alguns artefatos simples como: disposição para experimentar improvisos, nos encontros-acontecimentos, óculos retina sem lentes para o olhar vibrátil, ouvidos atentos, diálogos potentes, um nariz vermelho de látex, uma flor de pano, massa para modelar, alguns copos com água, varetas, papel, cola branca, linha, alguns chocolates, acompanhados pelo desejo de brincar e borboletear juntamente com aquela comunidade de viventes – assim nos descrevemos dentro daquela cena.

Sentada sobre um pedaço de papelão no chão, o convite começava a tomar corpo, e ação. Os artefatos davam uma espécie de materialidade ao convite do imaginário. A brincadeira começou a partir da tentativa de fazer uma pipa. Ora, a pipa tem dentro de sua feitoria vários mecanismos, para que possa voar, foi justamente esse dispositivo que capturou os primeiros jovens. Ao ver as dificuldades da brincante frente àquela construção, se ofereceram para participar e desvendar os segredos da pipa.

Aos poucos, a cena foi se tornando um espaço de movimentos de viventes brincantes, afetuosos, pujantes em suas narrativas, apostando na alegria de viver aqueles momentos. Foram três horas de “Brincadeira”, ou seja, a ação do brincar em ato, sem direcionamento, o brincar livre e vivo indicava o processo criativo e vibrátil daqueles rostos cansados.

Aqueles(as) jovens desafiavam-se a construir pipas criativas, a fazer super-heróis de massa de modelar, narrar suas brincadeiras prediletas, rir e expressar a saudade da infância que lhes fora roubada em algum momento de suas histórias.

⁵⁴ O ato de Cuidar: <https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/territorio/o-ato-de-cuidar.pdf>

Principia (part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário)

Nações em declive na mão desse barrabás
 Onde o milagre já
 Só prova a urgência de livros
 Perante o estrago que um sabre faz
 Imersos em dívidas ávidas
 Sem noção do que são dádivas
 Num tempo onde a única que ainda corre livre aqui
 São nossas lágrimas
 Eu voltei pra matar tipo infarto
 Depois fazer renascer, estilo um parto
 Eu me refaço, farto, descarto
 De pé no chão, homem comum
 Se a benção vem a mim, reparto
 Invado cela, sala, quarto
 Rodei o globo, hoje tô certo de que
 Todo mundo é um

Algo me chamava a atenção. Próximo de onde estávamos brincando, havia um local onde se jogava lixo a céu aberto. Por vezes, eu via algo se mexendo no meio do lixo. De longe parecia um bicho qualquer. Perguntei para um dos meninos se era perceptível a ele que algo estava se mexendo naquele lugar. Para minha surpresa não era o que, mas sim quem estava se mexendo naquela montoeira de lixo, entre, cães, ratos, moscas e chorume. Sim, leitores, tratava-se uma pessoa, uma vivente cidadã em situação de rua. Uma adolescente a quem vou chamar de Minina. Um dos meninos contou que ela passava quase o tempo todo mergulhada no meio do lixo e estava grávida.

Eu fiquei por alguns momentos buscando dentro deste desafio de um encontro completamente imprevisível como poderia abordá-la. Convoquei a Dra.Borboleta para a cena. Ela ficou de longe conversando e palhaçando com todos que ali passavam e de longe, viu que Minina estava de pé com as mãos na barriga, observando e acenando a cabeça como se estivesse dizendo algo. Borboleta sorria, acenava para ela, mostrava o copo d'água, se escondia atrás de alguns dos jovens

que ali estavam, e todos riam. Apesar da distância os corpos iam se encontrando.

Principia (part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário)

Cale o cansaço

Refaça o laço

Ofereça um abraço quente

A música é só uma semente

Um sorriso ainda é a única língua que todos entendem

Cale o cansaço

Refaça o laço

Ofereça um abraço quente

A música é só uma semente

Um sorriso ainda é a única língua que todos entendem

A estratégia naquele momento era despertar a curiosidade de Minina. O copo com água também foi um facilitador. Minina se aproximou desconfiada e perguntou o que estava “rolando”. Borboleta contou sobre a Brincadeira e a convidou para brincar e beber um copo de água.

Ela sentou-se próxima dos materiais, pegou um lápis e esboçou um desenho, comentou sobre o dia quente, sobre o bebê. Assim começou a prosa, ora com a Borboleta, ora com a pesquisadora que vos narra esta experiência do vivido.

Perguntei sobre o pré-natal e ela se mostrou reticente, revelando o medo de ir às consultas, pois temia que retirassem seu bebê, como aconteceu com outra menina que fez direitinho o tal pré-natal.⁵⁵ Propus a ela fazer a consulta na rua e ela concordou. Combinamos de nos encontrar no outro dia; no entanto, a consulta não era a principal proposta, mas sim a construção de um livrinho de pano feito por ela para seu bebê.

No outro dia, fui à unidade de saúde, na tentativa de estabelecer uma primeira aproximação dela com a equipe da Clínica da Família. Se fazia necessário

⁵⁵ Proponho que leiam o Suplemento Temático nº 1/2018 da revista Saúde em Redes, originado pela Chamada Pública de Manuscritos nº 01/2018 livro “Separação compulsória de mães e seus filhos: quando a lei e a cidadania se confrontam”.

acionarmos o Consultório na Rua⁵⁶, atendimento este que tem por objetivo promover a ampliação do acesso da população em situação de rua aos serviços da Atenção Primária à Saúde, contando com equipes multidisciplinares formadas por médicos, enfermeiros, agentes sociais, psicólogos, assistentes sociais, dentistas, entre outros. Esta equipe é responsável por realizar busca ativa e atender a população.

Infelizmente perdeu-se a oportunidade de atendê-la por demanda espontânea⁵⁷, uma vez que ela havia me acompanhado até a Clínica, isto porque, para a burocracia dos serviços, a demanda espontânea caracteriza-se como: *“Todo usuário que busca atendimento na Unidade de Atenção Primária sem estar agendado (programado), portanto, caracterizando demanda espontânea, encaminhado de outro ponto de atenção ou por conta própria, deve ser atendido no mesmo dia e receber a resposta pertinente à sua necessidade, no tempo adequado, o que pode refletir em consulta ou em outra oferta de cuidado, no mesmo dia ou a ser agendada”*(2012).

A consulta de Minina foi marcada para dois dias depois. Voltamos com o mesmo material para o mesmo local onde havíamos nos encontrado. Embaixo do pontilhão, Minina colocava afetos e desejos naqueles pequenos retalhos de pano, que aos poucos foi se tornando o livrinho. Ela aos poucos ia dando vida à capa do libreto, com suas flores coloridas, com o sol e as nuvens, depois colocou o título “Para meu neném”. Continuava a colorir as páginas seguintes. Era perceptível que ela queria terminar naquele dia – e terminou. Fez um livrinho de umas dez páginas, o qual enrolou e colocou por dentro da bermuda, pegou água, chocolate e partiu.

No dia da consulta, a menina já não estava mais naquele território. Alguns moradores do entorno informaram que ela tinha ido para o abrigo: o carro do serviço social passou à noite recolhendo algumas pessoas e levou Minina. Procurei informações nos abrigos do município, sem êxito. Algo estava dado, Minina partiu com seu livreto e a esperança de não tirarem seu bebê.

São muitos os campos dos desejos que atravessam a vida de muitos(as) dos(as) jovens que moram em comunidades, tornando-os presas fáceis para o narcotráfico: ostentar marcas caras de tênis, celulares, cordões

⁵⁶ Sobre o Consultório na Rua na cidade do Rio de Janeiro:
<http://www.rio.rj.gov.br/web/sms/exibeconteudo?id=5501090>

⁵⁷ Protocolos de enfermagem na Atenção Primária à Saúde:
<https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4446958/4111921/enfermagem.pdf>

de ouro, motos, e por aí, vai e vai. Mas a maior captura e disputa ainda é para ter “poder”.

O oportunismo do narcotráfico aproveita dos conflitos familiares, desejos de novas experiências, pelo abandono da sociedade, pela ausência da escola e do Estado, muitos dos caminhos operados pelas políticas neoliberais necropolítica (Mbembe). São muitas as implicações psicossociais, que produzem um estado de miserabilidade e impelem à busca desenfreada pelo *crack* e outras drogas, que ao longo dos percursos desses jovens vão produzindo um estado de vulnerabilização – naquele local tudo é uma questão de sobrevivência diária⁵⁸.

O relato anterior descreve possibilidades outras do que pode, ou não, se produzir num encontro, da possibilidade de se gerar processos cartográficos de viveres que atravessam o campo dos afetos, das afecções, das afetações e dos desejos como forças potencializadores de novos sentidos para a produção das vidas.

A mercantilização da vida operada nas fábricas desejantes que instauram modos de existir subalternizados, não inibem outros fluxos de viveres que atravessam como uma espécie de rizoma a partir do campo do desejo e da construção aberta que sua micropolítica agência de novas possibilidades de formas de existência, outras. É necessário pensar sobre estas redes rizomática⁵⁹ no campo do cuidado e que não são nada lineares, mas férteis e sobretudo a partir da potência intercessora e protagônica que a presença do outro carrega, operando produção de agenciamentos des-territorializantes das vidas subalternizadas.

Cartografar e viver estes movimentos é um convite que pede o desenvolvimento de um olhar sensível sobre essas aquisições desejantes e o que as move.

“A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores

⁵⁸ Moradia é um Direito Humano: http://www.direitoamoradia.fau.usp.br/?page_id=46&lang=pt

⁵⁹

O rizoma não possui centro, nem ordenamento preestabelecido, ele é eminentemente heterogêneo, cada ponto do rizoma se conecta a partir dos afetos e potencialidades, e se produz, de forma imanente no caminhar do próprio usuário. Contrapõe-se a uma rede do tipo “arborescente”, que apresenta uma centralidade, preestabelecendo fluxos e percursos do usuário, com forte caráter ordenador, normativo, homogêneo, e pouco permeável aos afetos e ao território existencial do usuário. (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... até os fantasmas, inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não. (ROLNIK, 1989,).”

2.12 Cena 6: Tomada – 11: Elas por Elas - Nós por Nós: A reinvenção dos modos de (re)-existirem na comunidade/favela em tempos Pandêmicos

Uma das marcas geradas há décadas nas comunidades/favelas é a pluralidade nos modos de organização dos coletivos sociais da comunidade, bem como na sua produção de existências; infere-se um “re-existir” por meio da produção de mundos e dos diversos enfrentamentos às situações de extrema vulnerabilização a que estas comunidades são submetidas.

Á partir das lentes da própria comunidade e, através delas, possibilita-se narrar uma leitura das estratégias adotadas pelos moradores do Complexo do Alemão no mais desafiador enfrentamento que já tiveram ao enfrentarem a Covid-19, a partir de 2020. Neste enfoque, trago o trabalho do EDUCAP (Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção), procurando dar visibilidade aos possíveis impactos nos modos de viver e nos aspectos psicossociais que os cidadãos (ãs) enfrentam, neste território; finalmente, sintetizar as memórias dos acontecimentos e vivências narradas por aqueles(as) que vivenciaram este processo desde o início da Pandemia e identificar os sinais de “re-existências” que vão se configurando e reconfigurando, cotidianamente, por meio da produção de cuidados, das escutas e tensões, na contínua produção intensiva de vida, morte e sobrevivência.

As diversas mídias no final de dezembro de 2019 deram os primeiros sinais sobre os casos de pneumonia com etiologia desconhecida na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, China. No início de janeiro de 2020, pesquisadores chineses identificaram o novo vírus responsável por esta doença respiratória, provisoriamente denominada de 2019-nCoV e, posteriormente, Sars-Cov-19. No mesmo mês, na Tailândia, é registrada a confirmação do primeiro caso

de COVID-19 fora da China (nomeado, em inglês, de *Coronavirus Disease 2019*) (Martin et al., 2020).

O ano de 2020 inicia-se com avalanches de informações de uma Pandemia por COVID-19. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro e em março começa a ecoar a palavra “mitigação”; começou-se a entender do que se tratava, assim como a pôr em prática o isolamento social e o uso das máscaras além de compreender de um modo mais efetivo que tais ações eram ultra necessárias para atenuar o processo de transmissão do vírus; entretanto, alguns serviços essenciais deveriam continuar exequíveis, como os de suprimento alimentar e aqueles que compunham a linha de frente de combate ao novo e desconhecido vírus.

Frente ao contexto pandêmico, no final de março, o coletivo da Linha de Pesquisa em Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde / Micropolítica Instituições e Governo dos Vivos⁶⁰ organizou-se, remotamente, para dialogar e criar estratégias possíveis de modos de cuidado e formação de redes vivas de existência que pudessem alcançar a população mais vulnerável no enfrentamento à pandemia. Uma das frentes criadas foi o Comitê Covid da UFRJ, Campus Macaé, que se tornou importante para a região Norte Fluminense, bem como para os municípios de Macaé e Quissamã, dentre outros, que atuaram em consonância com o Comitê⁶¹. Os saberes atrelados às leituras, experimentações e experiências do vivido, foram criando uma tessitura, diálogos ativadores de produção do cuidado vivo em ato (Gomes & Merhy, 2014) e criaram-se modos remotos de alertas importantes para a população, utilizando transmissão ao vivo em debates sobre a pandemia, *podcasts* para orientações básicas de limpeza, do uso de máscara e álcool gel, dentre outras. A partir dessas trocas, outro ensaio cartográfico vai se desenrolar.

Caminhar de “mãos dadas”, ainda que remotamente, com viventes do Complexo do Alemão, com as informações produzidas por essas redes de cuidado, juntamente com e pelos coletivos da mídia local e dos profissionais de saúde, abriram a possibilidade de acompanhar e participar de algumas ações que a população criou para o enfrentamento da pandemia; seguindo estes sinais, fomos traçando uma cartografia da resistência do mundo do trabalho vivo em ato (Merhy,

⁶⁰ Plataforma de Inter inventividade a partir da Linha de Pesquisa Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde: <http://saudemicropolitica.blogspot.com>

⁶¹ GT COVID-19 UFRJ-Macaé propõe apoio aos municípios da Região

2002), de viventes com cabeças erguidas, mirando o ponto mais alto do morro atravessado por ruas, becos, escadarias e se esperando, como diria Paulo Freire (1992):

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir!

2.13 *Cena 6: Tomada 12 - A polifonia da pandemia ecoando nas favelas*

Com a velocidade das informações no mundo globalizado, a polifonia de informações chega numa velocidade incomensurável no cotidiano de milhares de cidadãos (ãs); jornais televisivos das redes abertas como Jornal Nacional, Jornal do SBT, Jornal da Band⁶², dentre outros, fixaram suas reportagens sobre a Covid-19 e o mesmo aconteceu nas redes sociais do *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, etc., causando grande comoção e medo perante um vírus, até então, desconhecido em sua dimensão de riscos à saúde e à vida.

Mas outras mídias também operam nos territórios precarizados e elas evocam os fatos de dentro para fora das comunidades, produzindo outras leituras do enfrentamento em ato pelos viventes desses lugares.

O Brasil enfrenta, durante a pandemia, uma das crises sanitárias mais graves das últimas décadas segundo pesquisa da FIOCRUZ (2020, v. 36, n. 5). A dificuldade de entender a realidade e compreender a letalidade do vírus foi agravada pela falta de informação e pelo negacionismo de muitos coletivos sociais de cunhos ideológicos e religiosos, assim como de várias esferas do governo federal, que atuaram como grupos de necroativismo sistêmico, ao minimizarem a gravidade da Covid-19, chegando ao cúmulo de tratá-la como “gripezinha”, como relatam diversas

⁶²: **Jornal Nacional** (também conhecido pela sigla **JN**) é um telejornal brasileiro produzido pela TV Globo, exibido desde 1º de setembro de 1969 no horário nobre, de segunda-feira a sábado: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_Nacional>. Jornal do SBT/CBS Telenotícias (1997-1998): https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_SBT>. **Jornal da Band** é um telejornal brasileiro produzido e apresentado pela Rede Bandeirantes, desde outubro de 1977: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_da_Band>.

matérias dos jornais “Voz da Comunidade”, “O Globo” e “Folha de São Paulo”, dentre outros.⁶³

O Complexo do Alemão, situado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, tem cerca de 100.000 habitantes e possui um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Município, segundo dados do último Censo de 2010 (IBGE/Censo 2010a). Problemas como pobreza, fome, falta de acesso a redes de água, esgoto, coleta de lixo, além da falta de escolas, creches, espaços de educação infantil, bem como a presença da violência policial, miliciana e do narcotráfico, que já eram sérios atravessamentos nos modos de existências destes (as) cidadãos (ãs), constituíam um contexto muito precário para a produção de vidas plenas e se somavam negativamente durante a pandemia da Covid-19, fazendo com que a vida destas pessoas se tornasse uma batalha dramática pela produção de si e pela sobrevivência, de qualquer jeito, inclusive porque o que havia de fato era a presença de muitos novos desafios além dos que já existiam na guerra diária estruturalmente já instalada, pois agora, havia um novo inimigo, o vírus, (Covid-19) mortal e invisível.

Segundo a pesquisa do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), em parceria com o “Juventudes em Movimento”, 48% dos registros das mortes violentas do Complexo do Alemão foram de homicídios “por oposição à intervenção policial”; em relação ao abastecimento de água, 62% dos moradores consideram que recebem água limpa e 33% que recebem água suja. Tomamos esses dados como relevantes, uma vez que, em tempos de pandemia, as violações de direitos básicos contribuem ao extermínio de populações vulnerabilizadas.

Contudo, a luta pela vida e o devir sujeito (Mbembe, 2018), opera modos de resistência contra a banalização da vida no Complexo e foi a partir dessas potências, aí geradas, que coletivos como a “Voz da Comunidade”, o “Instituto Raízes em Movimento”, o “Coletivo Papo Reto” e o EDUCAP (Espaço Democrático de União Convivência Aprendizagem e Prevenção) constituídos no Complexo, criaram o, então chamado, “Gabinete de Crise”, com a participação fundamental de Lúcia Cabral, assistente social, educadora e uma das mais importantes articuladoras

⁶³ <https://www.vozdascomunidades.com.br/coronavirus/opiniao-fica-em-casa/>
<https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm>
<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-24318910>

locais do território, que durante sua trajetória de vida desenvolveu vários trabalhos na Comunidade e que foram potencializados através da formação do EDUCAP.

As ações do gabinete organizaram entrega de cestas básicas, “quentinhas”, álcool em gel e visitas domiciliares de lideranças por todo o Complexo, para levantamento dos casos mais vulneráveis.

O EDUCAP⁶⁴ possui um vasto histórico de atuação no território, sediando vários projetos: CRAS⁶⁵ (Serviço de Convivência e Fortalecimento Familiar); PET⁶⁶ (Educação pelo Trabalho para a Saúde), em parceria com a UFRJ (Universidade Federal Rio do Janeiro); RAP⁶⁷ (Rede de Adolescentes Promotores de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro); defensoria pública em “Ação nas Favelas”; cursinho pré-vestibular “Construindo Caminhos”; ações de saúde com as “Clínicas da Família” do território; projeto “Acolher Mulher”; curso técnico de informática, gastronomia, dentre outros.

No decorrer desta escrita enfatizamos o projeto “Acolher Mulher”, entretanto, as ofertas no EDUCAP são de múltiplas ordens e vão ao encontro das necessidades dos (as) cidadãos (ãs) do território; abrindo várias possibilidades para jovens, mulheres e crianças. É um trabalho potente na construção rizomática de redes vivas de existências (Merhy et al, 2016) , como uma grande árvore de Samaúma, de troncos largos e ramificados, guardando água para si e distribuindo-a, com suas enormes raízes, para outras espécies. O EDUCAP opera na micropolítica do cuidado, ou seja, dentro para fora das redes instituídas, produzindo conexões entre saberes e revelando as potencialidades e forças que emanam desses territórios.

O Complexo do Alemão possui sete “Clínicas da Família” responsáveis pela atenção básica, sendo a “Clínica da Família Zilda Arns” uma das maiores,

⁶⁴ EDUCAP Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção. <https://ongeducap.com.br/>

⁶⁵ Centro de Referência de Assistência Social - Cras: <https://carioca.rio/servicos/cras-centro-de-referencia-de-assistencia-social/>

⁶⁶ O que é o PET-Saúde? O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde) é um programa dos Ministérios da Saúde e Educação do Brasil destinado a viabilizar o aperfeiçoamento e a especialização em serviço, bem como a iniciação ao trabalho, estágios e vivências, dirigidos, aos profissionais, estudantes da área da saúde e usuários de serviços de saúde, de acordo com as necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro: <https://www.educacioninterprofesional.org/pt/sobre-reip>

⁶⁷ O RAP da Saúde é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Saúde Rio de Janeiro (SMS-RJ). <https://elosdasaude.wordpress.com/rap-da-saude/>

atendendo cerca de 50.000 mil pessoas cadastradas com 14 equipes de saúde, 42 médicos, 23 enfermeiros e 16 técnicos.

O “Gabinete de Crise” articulou-se com a Clínica para organizar e dar suporte técnico aos moradores, mesmo no intercurso de um desmonte governamental⁶⁸ municipal das unidades de saúde na cidade do Rio de Janeiro. Onde a gestão do prefeito Marcelo Crivella ao meio de uma pandemia seguiu atuando com sua necropolítica, no desmonte da rede de saúde. Atrasando salários, não abastecendo as unidades de saúde com os insumos necessários, rescindindo o contrato com a Organização Social (OS) Viva Rio, forçando a Organização a dar aviso prévio aos 5.200 funcionários vinculados a entidade, o que afetou todo o serviço e diretamente a população mais necessitada, colocando toda essa população em risco. Algumas revistas como Abrasco – (Associação Brasileira de Saúde Coletiva)⁶⁹, Cebes – (Centro Brasileiro de Estudos de Saúde), a CTB (Central dos Trabalhadores e das Trabalhadoras do Brasil)⁷⁰, destacava a caótica situação que agravava o setor da saúde no Município do Rio de Janeiro. Esse desmonte agravava e vulnerabilizava ainda mais os cariocas no enfrentamento da pandemia.

Esse engajamento político entre a unidade e os coletivos visava minimizar o número de pessoas infectadas. As unidades de saúde são o único mecanismo territorializado que se articula dentro da comunidade, uma vez que as escolas municipais, estaduais e creches foram fechadas para reduzir aglomerações e, conseqüentemente, o risco de contágio (até porque, as escolas e creches operam com grande quantidade de alunos, chegando a ter, em média, de 30 a 40, por sala). O fechamento, por sua vez, ocasionou enorme impacto na segurança alimentar destas crianças e adolescentes que, em muitos casos, garantiam sua alimentação na unidade escolar.

Uma das críticas feita por uma profissional de saúde da clínica foi a desarticulação dos agentes comunitários em saúde (ACS) com o território social e existencial, o que pode ser ampliado, também, para a própria equipe, como

⁶⁸ <http://cebes.org.br/2020/03/prefeito-crivella-segure-com-o-desmonte-da-atencao-basica-no-rio-de-janeiro/>

⁶⁹ <https://www.abrasco.org.br/site/sobreaabrasco/>

⁷⁰ <https://ctb.org.br/sem-categoria/trabalhadoras-e-trabalhadores-da-saude-carioca-em-greve-contradesmonte-do-sus-por-crivella/#>

desarticulada territorialmente, focando sua estratégia para dentro dos muros da unidade.

As articulações foram feitas remotamente, através do *whatsapp*, como estratégia para alcançar e tirar dúvidas das pessoas na comunidade; essa ação foi importante, mas nem sempre alcançava todos(as) que pretendia; outro problema foram as *Fake News*, (falsas informações) veiculadas pelo *whatsapp* sobre a pandemia que, por vezes, continuava a ser tratada como uma "gripezinha" ou como se houvesse exagero da imprensa ao noticiá-la; as divulgações de notícias falsas e contrárias agravavam ainda mais a situação, sabotando orientações científicas sobre os cuidados fundamentais para evitar o contágio e realizar o tratamento. Neste sentido, alguns médicos passaram a gravar vídeos e *podcasts* sobre a importância de higienizar as mãos, usar máscara, limpar a casa, roupas, compras e calçados... Entretanto, em alguns territórios do Alemão, enfrentava-se outra grave crise, a da falta de água, que dificultava ainda mais o enfrentamento da pandemia.

A luta pela preservação da vida saltava nos corpos desses viventes (Mbembe, 2018) estabelecia-se o "nós por nós", como dizem alguns moradores da favela. A cada dia surgiam demandas urgentes, os casos de Covid-19 começaram a tomar grandes proporções de infectados no território, enfrentando o gargalo da testagem em massa, como dizia a manchete do jornal "El País"⁷¹, não havendo ainda testagem em massa no país, cada Estado e Município passaram a criar protocolos para testagem, sendo restrita a pacientes que apresentavam os sintomas mais graves, ou seja, apesar das unidades de saúde e pronto atendimento criarem acesso, isso não significava atendimento efetivo, criando-se mais uma barreira no cuidado (Gomes, 2014). Destacamos a matéria do jornal "El País", de 24 de março de 2020, que nos remete a *uma reflexão*:

A escolha de Sofia, para quem é a testagem? Para quem é o respirador, para quem é a vaga da UTI? Como opera essa necessidade de escolha? Como decidir quem pode ou não viver ou morrer? Quais os sinais que vem da rua? Leia-se que os sinais que aqui vamos discorrer, são sinais que operam nos encontros, nas vazões e subjetividades. (EL Pais)

⁷¹ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-24/com-gargalo-de-testes-para-coronavirus-brasil-ve-so-a-ponta-do-iceberg-com-seus-2201-casos-e-46-mortes.html>

“É essa rua que nos interessa. A rua que comporta alegrias, dores, dissabores, desafios. Preenchida por signos e diferentes sentidos, a rua é lugar de múltiplos sinais que acabam sendo naturalizados nos encontros com as alteridades. De muitas maneiras os sinais que vêm da rua nos invadem, (2014)⁷² (Merhy et al.).

Na comunidade, os sinais vão eclodindo: os agravamentos emergem com o acompanhamento das pessoas acamadas, as comorbidades, os deficientes... Os coletivos das favelas criam frentes de trabalho autogestionárias num cenário, que se repete em todas elas, uma rede rizomática para o “cuidar de si, cuidando do e com o outro”; vai surgindo uma espécie de bordado com vários fios - o coletivo do EDUCAP foi um deles - uma espécie de aranha fiandeira, tecendo redes vivas, redes estas que produzem diferentes movimentos, operando coletivamente com profissionais, moradores, não se restringindo apenas a equipamentos (Gomes, 2014), fazendo os percursos e deslocamentos de cada pedra, à medida que foram surgindo. Pedras estas que se tornaram pistas para criarem novos caminhos, a partir dos caminhos já trilhados (Caminhando com Tim-Tim)⁷³. É desse lugar, dos conhecimentos a partir da comunidade, que essa narrativa continuará.

2.14 Cena 7: Tomada 13- Cartografia do cuidado: Elas por Elas - Nós por nós.

No Complexo do Alemão o enfrentamento pela preservação da vida já acontece há décadas, desde 1990⁷⁴, com as famosas operações policiais, que levam às execuções de muitos jovens cidadãos, em sua maioria, negros e pobres, bem

⁷² Para melhor compreensão desses sinais sugiro a leitura do artigo “Redes Vivas: Multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde” em:

https://www.researchgate.net/publication/305808534_Redex_Vivas_multiplicidades_girando_as_existencias_sinais_da_rua_Implicacoes_para_a_producao_do_cuidado_e_a_producao_do_conhecimento_em_saude.

⁷³ Caminhando com Tim Tim, passa pelo sensível modo de olhar, de pesar os possíveis percursos, quando nos permitirmos ser guiados pela pesquisa, não cercear e nem nos deixarmos ser cerceados. Tim Tim, percorre seu caminho, atento aos amigos, às pedras, aos pés, ao sensível dentro do encontro. <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>

⁷⁴¹⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_policial_no_Complexo_do_Alem%C3%A3o#:~:text=A%20opera%C3%A7%C3%A3o%20policial%20no%20Complexo,For%C3%A7a%20Nacional%20de%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%BAblica

como às vítimas de “balas perdidas”; além disso, a ausência de equipamentos sociais, negados pelos poderes públicos, leva à falta de creches, escolas, centros culturais e esportivos, assim como à falta de saneamento básico, tudo isso compõe o que é viver numa favela em tempos de pandemia.

No Complexo, as poucas ofertas culturais existentes advêm dos coletivos e associações de moradores e as escolas e creches não são suficientes para suprir a população⁷⁵. Os equipamentos de saúde, ainda que operem na lógica centralizadora da doença sob a ótica da biomedicina mais restritiva possível e centralmente no campo das tecnologias duras e leve-duras (Merhy, 2002), são o único recurso público com que a população pode contar para suprir as demandas de cuidado e foi neste contexto que ela travou um de seus mais importantes enfrentamentos pela sobrevivência das últimas décadas.

Ao ser anunciado o isolamento social, uma parte da sociedade dita “classe média”, temeu o sofrimento da mitigação, mesmo tendo acesso a diversos equipamentos de cuidado e possuindo condições de moradia mais adequadas a sua realização (do isolamento); esta classe podia, também, realizar um cuidado mais efetivo em sua dimensão psicossocial, não havia dificuldade em processar suas reuniões com familiares por vídeo chamadas ou teleconferências, seus acessos remoto a espetáculos teatrais, musicais, circenses, shows de cantores (as), visitas a museus, dentre outros; - além da já citada a condição estrutural de vida que lhe dava boa garantia de alimentação e de moradia digna.

Assim, tinham espaços possíveis, para realizarem o isolamento. No entanto, para outra grande parte da sociedade a mitigação se apresentava como um grande problema e até constituía uma situação bem caótica.

Foi impressionante a velocidade com que começaram a produzir encontros remotos ao vivo (*lives*) e com que liberaram filmes, ainda em cartaz nos cinemas, espetáculos circenses, shows... Redes solidárias de artistas e produtores, ofertando a arte na produção do cuidado psicossocial. Entretanto, essas ações não alcançaram determinados grupos sociais, com acesso limitado à *internet* ou para os que têm apenas a rua como extensão de sua casa, o ponto de encontro para conversas e para as crianças brincarem, uma “varanda” dos acontecimentos e das horinhas de “felicidade”.

⁷⁵ <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/escolascreches-que-existem-dentro-do-complexo-do-alemao/>

Decretado o “fiquem em casa”, reverberou na comunidade a obscuridade do porvir que lhes batia a porta, o medo da fome, da falta de recursos básicos à sobrevivência. “E agora José?”, parafraseando Carlos Drummond de Andrade.

“E agora, José?”

*A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José? (...).*

A poesia de Drummond suscita o conflito de um José sem saídas, mas é na contra mão dessa perspectiva que vamos dialogar: os vários “José” e “Marias” do Alemão foram produzindo respostas aos sinais do “e agora?”.

Trazer a reflexão sobre a disparidade dos modos de viver e sobreviver para alguns moradores do Complexo do Alemão, se faz necessário para compreender a complexidade que permeia o instituído “fique em casa”. Ficar em casa como? Muitos daqueles moradores, por vezes, não têm sequer uma janela em suas moradias precárias e muitos vivem aglutinados em pequenos espaços com famílias de cinco ou mais pessoas, sendo que, muitas dessas famílias, tiram seu sustento do comércio informal, garantindo o “pão”, com o que ganham no dia, não podendo praticar o isolamento de maneira nenhuma.

Na contramão da realidade das favelas, reverberam os discursos de uma parte da classe média que, no ápice do egoísmo, não renuncia ao privilégio da mão de obra de mulheres, a maioria negras, que trabalham em suas casas, pois não estão dispostas a cuidar dos afazeres domésticos, como foi noticiado pelo Conselho Estadual de Saúde e o jornal o globo⁷⁶. A primeira morte por Covid-19 no Estado do Rio de Janeiro foi de uma empregada doméstica.

As questões psicossociais que permeiam e atravessam, desde a primeira infância até a velhice esses viventes de grupos sociais periférisados nas grandes cidades, pretos, pobres e favelados, suscitam uma disparidade dos modos de enfrentamento da pandemia e colocam em xeque quais vidas podem manter-se protegidos e quais não. (Mbembe, 2018).

As operações policiais no Complexo, desde 2007, passaram a produzir uma máquina de matar viventes, intensificando a política de necroativismo na comunidade, dada a proporção dos números de mortes em cada operação. Não foi diferente durante a pandemia: em 15 de maio 2020, mais uma operação acontece, a manchete do jornal Notícia Preta: “Em meio à pandemia, governo do Rio faz Operação Policial no Complexo do Alemão e deixa cinco corpos na entrada da favela”, outros jornais, Agência de Notícias das Favelas (ANF⁷⁷) e “Voz da Comunidade”⁷⁸ noticiam: “Operação Policial no Alemão. Mais um terror na

⁷⁶ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>
<http://www.conselhodesaude.rj.gov.br/noticias/941-apos-1-morte-casos-confirmados-de-coronavirus-chega-a-291-rio-tem-33-casos.html>

⁷⁷ <https://www.anf.org.br/fogo-cruzado-registra-um-dos-maiores-numeros-de-vitimas-de-tirroteios-no-rio/>

⁷⁸ A matéria relata o necroativismo do Estado, frente à pandemia:
<https://noticiapreta.com.br/em-meio-a-pandemia-governo-do-rio-faz-operacao-policial-no-complexo-do-alemao-e-deixa-cinco-corpos-na-entrada-da-favela/>
<https://www.portalfavelas.com/single-post/anf-e-voz-das-comunidades-operacao-policial-no-alemao-mais-um-terror-na-pandemia>

pandemia”. Em outra manchete, do jornal “Ponte Org”, lemos: “O Massacre que interrompeu a Quarentena no Complexo do Alemão: Favela carioca pedia alimento e calma, mas recebeu tiros que deixaram 13 mortos.”.

Para especialistas, operações avulsas e pontuais são usadas por grupos da polícia para aumentar o valor de propinas. Dadas as proporções do necroativismo, as lideranças comunitárias reivindicam cessar das operações policiais, uma vez que já não tinham acesso às mínimas garantias para o isolamento social. Diante da situação foi aprovado o Projeto de Lei Nº 2568/2020: “EMENTA: Determina a suspensão de operações policiais nas comunidades e periferias do Estado do Rio de Janeiro enquanto perdurarem os efeitos do bloqueio total (*Lockdown*).⁷⁹

Durante o isolamento social, outros sinais atravessavam o cotidiano; os noticiários passam a dar destaque ao crescimento de casos de violência contra mulher e feminicídio, como destacou o jornal “Brasil de Fato”: “Chamadas para 190 com casos de violência doméstica aumentam durante pandemia.” No “G1Globo”, outro destaque: “Casos de violência doméstica no RJ cresce 50% durante o confinamento”.

No Complexo, os sinais dessa violência começaram a emergir de todas as áreas. Cada um no seu contexto, era preciso fazer algo que pudesse dar suporte a essas mulheres: não havia escolha, era imperativo salvar vidas e a partir dessas inúmeras demandas que brotavam no território, o EDUCAP abriu suas portas para acolher um grupo de mulheres, com um olhar sensível aos movimentos e singularidades de cada território Vida.

A educadora e coordenadora do EDUCAP atuou em integração e articulação com o CAPS AD Miriam Makeba⁸⁰, com o Programa de Educação pelo

<https://ponte.org/o-massacre-que-interrompeu-a-quarentena-no-complexo-do-alemao/>

⁷⁹ Lei na íntegra:

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/>

[18c1dd68f96be3e7832566ec0018d833/70d46522955841b00325856100706408?](http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/18c1dd68f96be3e7832566ec0018d833/70d46522955841b00325856100706408?OpenDocument&Start=1.1.1.1)

[OpenDocument&Start=1.1.1.1](http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/18c1dd68f96be3e7832566ec0018d833/70d46522955841b00325856100706408?OpenDocument&Start=1.1.1.1)

⁸⁰ A importância de parcerias entre território e serviços de saúde: Centros de Atenção Psicossocial Álcool e drogas. https://web.facebook.com/capsadmakeba/?_rdc=1&_rdr. O Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPS AD) Miriam Makeba é um serviço da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial) e faz parte do SUS (Sistema Único de Saúde), sendo, por isso gratuito (não exige nenhum tipo de pagamento direto por parte do cidadão). É um serviço de saúde mental, voltado majoritariamente ao acompanhamento de pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas ou que tenham transtornos mentais decorrentes do uso destas substâncias. O CAPS AD Miriam Makeba atende a uma área específica do território do município do Rio de Janeiro, que corresponde aos bairros de Ramos, Bonsucesso, Penha, Olaria, Ilha do Governador, Complexo do Alemão, Maré, Manguinhos, Jardim América, Vigário Geral, Cordovil, Parada de Lucas, Penha Circular, Brás de Pina.

Trabalho para a Saúde (PET),⁸¹ com estudantes de vários cursos de graduação da UFRJ - Saúde/Interprofissionalidade, com uma psicóloga e uma jovem agente redutora de danos - ambas moradoras do território - dentre outras profissionais que possuem vínculos com a comunidade e, juntas, iniciaram a tessitura de um espaço seguro para a escuta de mulheres de várias faixas etárias. Começava ali um bordado, de diversas cores, linhas, sinais e partilhas.

As narrativas traziam diversos sofrimentos: a perda de pessoas queridas; as muitas formas de violências a que eram submetidas, as angústias de serem “mães solo”⁸²; a falta de trabalho e de assistência governamental; a dor das mães com filhos em regime prisional e o risco eminente de que estes contraíam Covid-19⁸³ na prisão... É certo que estas mães sofrem, também, pelo medo de perdê-los dentro do próprio sistema penitenciário - território de segregação, em que operam diversas naturezas de violências e violações de direitos-: a superlotação e a insalubridade, agravantes do risco de contaminação pela Covid-19, são novos medos que se sobrepõem aos antigos.

Ouvimos partilhas sobre as perdas de jovens mortos nas operações policiais, em meio ao caos sanitário, durante o qual as formas de despedida de seus entes eram feitas com restrições e tempo limitado... São muitos os atravessamentos de ordem psicossocial que operam no Complexo do Alemão. Neste cenário, o EDUCAP abre suas portas com todos os cuidados necessários ao encontro dessas mulheres e suas narrativas, singularidades, multiplicidades e seus modos de existência e “re-existência”. (Gomes, 2014), proporcionando vazão aos “nós” entalados em suas gargantas.

Os encontros do projeto “Acolher Mulher” começaram a acontecer em setembro de 2020, às sextas-feiras, a cada quinze dias. No início chegaram tímidas e apresentando apenas demandas de ordem assistencial, o que exigia um acolhimento e uma escuta apurada e, quando escrevemos acolhimento é no sentido mais amplo da palavra, ou seja, não é só fazer um cadastro ou dar um bom dia, mas é olhar nos olhos e se despir de uma roupagem de saberes, considerar essa outra,

⁸¹ <http://www.iesc.ufrj.br/noticias/institucional/257-programa-de-educacao-pelo-trabalho-para-a-saude-pet-saude-interprofissionalidade>.

⁸² O termo “mãe solo” é, hoje, amplamente utilizado para designar mulheres que são inteiramente responsáveis pela criação de seus pequenos, deixando o conceito de “mãe solteira” em desuso.

⁸³ <https://www.direitoprofissional.com/impacto-da-pandemia-no-sistema-penitenciario/>

abrir-se para dentro desse encontro, compor junto, diálogos, afetos e cuidado, é uma aposta na força e potência do outro.

No decorrer dos encontros emergiram demandas do campo dos afetos, das afetações, afecções, compondo narrativas do que cada uma carregava como fardo e das marcas de uma história na qual o Estado opera por meio de poderes e forças instituídas e produz máquinas estatais com uma perspectiva perversa em relação à vida destes (as) cidadãos(ãs) viventes nas favelas, perversidade, essa, que produz desde a exclusão até diversas violações de direitos humanos, vulnerabilizando suas vidas e infringindo os mais elementares direitos à vida, cuja garantia é prevista pela constituição brasileira.⁸⁴

Algumas dessas mulheres conseguiram o auxílio emergencial e outras não: algo incompreensível para a maioria delas. Como entender os critérios de vulnerabilidade que o governo utilizou para a liberação ou negação do auxílio emergencial⁸⁵, uma vez que todas que estavam ali reunidas atendiam às exigências - algumas cadastradas no “Programa Bolsa Família” e, outras, no “Cadastro Único”, o que indicava estarem dentro dos critérios exigidos pelo plano do governo federal.

A dúvida sobre como se manteriam financeiramente e quanto ao que estava por vir, persistia como um mar em fúria em suas cabeças. Como fazer isolamento social faltando alimentos básicos e com moradia precária? Dialogar sobre essas questões era urgente, criar redes de suporte foi imprescindível; neste sentido, a coordenação do EDUCAP criou uma agenda com participação de estagiárias do curso de Serviço Social possibilitando o acesso à internet e orientações de como acessar e preencher o aplicativo e página governamental do auxílio (vale esclarecer que muitas foram para análise, mas não conseguiram obter o auxílio emergencial).

Os encontros iniciavam-se com uma roda de conversas, guiados por uma pergunta chave: “Como vocês estão chegando aqui?” Os relatos eram diversos,

⁸⁴EMENDA CONSTITUCIONAL: N° 51, DE 2011 Art. 1° O parágrafo único do artigo 8° da Constituição do Estado do Rio de Janeiro passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 8° Todos têm o direito de viver com dignidade. **Parágrafo único.** É dever do Estado garantir a todos uma qualidade de vida compatível com a dignidade da pessoa humana, assegurando a educação, os serviços de saúde, a alimentação, a habitação, o transporte, o saneamento básico, o suprimento energético, a drenagem, o trabalho remunerado, o lazer, as atividades econômicas e a acessibilidade, devendo as dotações orçamentárias contemplar preferencialmente tais atividades, segundo planos e programas de governo.”

⁸⁵ <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/auxilio-emergencial/auxilio-emergencial-2020>

alguns inimagináveis; não que os demais tenham tido menor valor, mas esses eram marcados por uma peculiaridade que não pede passagem, simplesmente entram e evocam reflexões de modos de produção de vida e resistência. Dar visibilidade a essas questões e como foram se desenrolando contribui para pensarmos: o que chamamos de “re-invenção” da vida e cuidado com o outro? Como produzimos cuidado nos encontros?

As três sínteses aqui apresentadas são memórias produzidas em um diário de campo, não a partir de pessoas concretas, mas de “escritas”, de uma escuta sensível de narrativas de várias pessoas, em que foram emergindo afecções e afetações em nós. Aquelas linhas apresentavam mais do que simples anotações, nos instigaram a refletir e problematizar o que aquelas suscitaram e operaram em nossos corpos, em uma mistura entre a trabalhadora e seu duplo Borboleta. É um convite a refletir sobre a reinvenção de si e o cuidado nestes territórios.

Em meio a uma conversa após dinâmica sobre o que os corpos representam para cada uma e sobre quais marcas eles carregavam, surgiram várias questões que surpreenderam a todas, relacionada à experiência da violência doméstica em meio à pandemia, entretanto, agora sob uma outra vista do ponto de vista (Merhy, 2014).

Apesar de a pandemia ser algo ruim, ela foi, na vida de algumas mulheres, um “alívio”, uma solução para um problema que, até então, parecia insolúvel: ouvimos sobre histórias de violência doméstica vividas há muitos anos, sobre a dificuldade de largar os companheiros e, também, de compreender seus próprios sentimentos; relatos da falta de apoio e escuta familiar e do quanto era difícil enfrentar essa violência e pensar nos filhos, em moradia e na necessidade de traçar estratégias para viverem separadas, com esses companheiros morando perto.

Eram muitas as questões que produziam fragilidades e as paralisavam para uma tomada de decisão, afinal o que estava em jogo era a defesa de suas vidas. Entretanto com a pandemia da Covid 19, muitos destes casais ficaram desempregados e a única solução foi cada um ir morar com seus familiares, uma vez que as casas eram pequenas e não comportavam todos juntos, ou seja, as mulheres iam com seus filhos morar com suas mães e os companheiros com seus familiares, o que possibilitou criar estratégias para romper de uma vez com aqueles relacionamentos abusivos e violentos.

Esses relatos foram um importante dispositivo para outras mulheres refletirem sobre suas fragilidades e potências frente ao feminicídio, assim como sobre a solidariedade e o esperançar freiriano, que permeou aquele encontro. Surgiu, ainda, o velho dizer popular “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” e dialogamos sobre o machismo deste dizer, buscando desconstruí-lo, evocando forças que emanam de um lugar de potência que rompe amarras impostas por uma sociedade patriarcal e misógina.

Esses acontecimentos e trocas de experiências dão cores aos bordados narrativos dentro dos encontros, tornando-os mais leves e coloridos, como um ponto de bordado em vagonite: partindo de uma linha reta e simétrica, a linha percorre formas geométricas e contornos que dão leveza ao bordado.

Os encontros encerravam-se com a partilha de um lanche, rostos mais leves, abraços distantes, mas sentidos, numa acolhida que nutria o desejo e o gosto por um novo encontro. Aquelas sextas-feiras passaram a ser esperadas ansiosamente por todas que compunham o grupo e, a cada encontro, as dinâmicas abriam a possibilidade de ampliarmos escutas e diálogos.

O desemprego era outro problema grave que atravessava a vida das mulheres viventes deste território, entretanto, essa questão não surge por conta da pandemia: é um enfrentamento há décadas e surgiram narrativas que convidam à reflexão de como opera a construção do racismo, do preconceito e do necroativismo.

Diz o ditado: “Não dê o peixe, ensine a pescar.” É comum ouvir ditos como este na boca da burguesia, da classe média ou, até mesmo, de pessoas das comunidades, pois esta frase, com o passar do tempo, foi impregnando suas vidas e fez com que se acreditassem responsáveis pelo estado de miserabilidade em que vivem; um equívoco que torna urgente refletir sobre os impactos gerados por tais ditos, já que, como disse Pepe Mujica, em entrevista dada a seis de janeiro de 2014⁸⁶: *“Os setores proprietários dizem que não se deve dar o peixe, mas ensinar as pessoas a pescar, mas quando destroçamos seu barco, roubamos sua vara e tiramos seus anzóis, é preciso começar dando-lhes o peixe.”*

A partir dessa frase, podemos discordar do raciocínio de meritocracia, segundo o qual o sucesso depende apenas de esforço: mesmo estudando e

⁸⁶<https://umaincertaantropologia.org/tag/economia/page/4/> - Leia a transcrição da entrevista de José Mujica, presidente do Uruguai, participou de “Poder e Política”, programa da Folha e UOL conduzido pelo jornalista Fernando Rodrigues. A gravação ocorreu 17 jul. de 2014, na Embaixada do Uruguai em Brasília.

"preparando-se" para o mercado das vidas úteis (Krenak, 2020), dependendo do lugar onde se mora e da cor da pele ou etnia a que se pertence os (as) cidadãos (ãs) tornam-se descartáveis. Não à toa o número do comércio informal cresce em larga escala no país⁸⁷, segundo dados do IBGE.

Na conversa sobre as dificuldades que cada uma das mulheres estava atravessando, surgiram várias questões. Muitas estavam, há anos, buscando trabalho, entretanto, uma das maiores barreiras para elas era o CEP! Sim, leitores, o Código do Endereçamento Postal. As narrativas descreviam o quanto era sofrido, após o preenchimento do CEP, sentir em seus corpos a reverberação da perda da vaga; mesmo declarando-se moradoras de Bonsucesso, de nada adiantava: o tal do CEP agia como um X9, (leia-se delação ou na gíria, dedo duro); uma vez constatado que pertenciam ao Complexo do Alemão, eram descartadas, principalmente para possibilidade de boas vagas de trabalho. Era possível sentir o peso daquelas narrativas, o quanto o preconceito assombra suas vidas, invalidando seus esforços de estudos e sua própria existência “_Não somos o CEP!”- elucidaram. Como é possível pensar em novas possibilidades de construção de uma vida digna, quando até o endereço é uma barreira? Quanto essas mulheres cidadãs lutam por seus direitos básicos e são esbofeteadas, dia após dia, por uma estrutura preconceituosa? Como não se indignar com a brutalidade operada por uma máquina de guerra chamada “Estado”, aniquiladora da vida destas mulheres (MBEMBE, 2018), a serviço de uma camada social elitizada, branca ,machista e abusadora?

Os ouvidos atentos às falas de cada uma delas ofertavam uma polifonia afetuosa e solidária de umas com as outras, eram “elas por elas”. Essas mulheres, apesar de carregarem marcas pesadas em seus corpos, partem destas experiências do vivido e traçam estratégias de resiliência nos seus modos de (re)-existirem e se (re)-inventarem, ecoando, em suas vozes, “combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”, parafraseando Conceição Evaristo.

Junto com estas narrativas emergem, também, algumas estratégias possíveis de enfrentamento das barreiras do preconceito e do racismo; é importante esclarecer que não se tratava de aconselhamento, mas de escuta das experiências,

⁸⁷ <https://www.extraclasse.org.br/economia/2020/11/sintese-do-ibge-mostra-crescimento-do-trabalho-informal/#:~:text=Em%202019%2C%20a%20informalidade%20no,derrocada%20da%20economia%2C%20em%202016.>

de valorização de seus modos de existência frente à rigidez hegemônica do mundo branco, patriarcal e misógino.

“Do negror de maus oceanos a dor
submerge revisitada esfolando-me
a pele que se alevanta em sois e luas
marcantes de um tempo que aqui está”

Conceição Evaristo

Este grupo de mulheres demonstra quão potentes podem ser os encontros e os agires militantes que se tecem em seu vivido dentro das experiências frente às diversas avarias corporais e vivenciais (Cruz, 2016), agires estes que transbordam e as retroalimentam, possibilitando a ressignificação das relações afetivas e subjetivas, compondo com suas potências na produção de outros mundos possíveis, ofertando língua a essas produções de afetos, como diz Suely Rolnik em seu livro “Cartografia Sentimental”, evocando o cuidado consigo, com outras e outros, trilhando caminhos de novos sentidos para suas vidas, sendo elas as protagonistas de sua própria reinvenção e luta, transformadas por desejos e alteridade.

“Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem *pedigree*,
já a minha vontade de alegria,

sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.”

Adélia Prado

Foi justamente em função do “desdobrável” de Adélia, que essas mulheres produziram uma “dobra” dentro da proposta da dinâmica ofertada no último encontro do Acolher Mulher.

Em um ano de desencontro produziram encontros e reencontros, vivenciamos uma experiência dentro desta experimentação despretensiosa, que se apresentava de forma ingênua para muitas delas. Foram entregues balões de encher para cada uma das mulheres. A proposta era simples: que enchessem cada um desses balões depositando, de modo simbólico, todas suas angústias e dissabores e depois os estourassem, para, num segundo momento, encherem de novo depositando seus desejos. Até aquele momento, tratava-se apenas de uma dinâmica interessante, mas surgiu a reinvenção dentro da experimentação da dinâmica, pois algumas sugeriram que cada mulher enchesse seu balão depositando seus desejos para si e para o Complexo do Alemão e que, ao invés de estourá-los, todas os soltassem em direção ao vento; quando indagadas sobre os desejos que emergiram de seus pensamentos e corpos, surgiu uma lista de palavras como: Amor, Paz, Respeito, Solidariedade, Saúde, Cuidado, Trabalho, Direitos, Vida, Dignidade, Esperança, dentre outras. A cena ia se compondo aos poucos, num “ajuntamento”, com as mulheres indo para a rua em frente ao EDUCAP, com seus balões carregados de sonhos e desejos para si e para seus territórios e o vento, como se soubesse da grandeza da *autopoiese*, onde carregava a produção da governança de si e todo seu significado, gentilmente contribuiu levando os balões coloridos carregados de simbologias e afetos, anunciando uma intervenção de resistência em ato, de mulheres militantes do Complexo do Alemão.

Aqueles balões levavam e compartilhavam a força e a potência da comunidade como um megafone ecoando suas falas, misturadas com inspirações do enredo da Estação Primeira de Mangueira e letras musicais de Emicida: “Favela pega a visão, somos a “re-invenção” e a “re-existência” na defesa de nossas Vidas!” Nós por Nós! Elas por Elas!

3 . Boniteza da reinvenção: A boniteza da vida!

“Aos que alguma vez desconfiaram que esta vida morna e tola que nos é oferecida e alardeada como única possível, desejável e saudável esconde outras tantas. Cuja beleza e tentação nos cabe reinventar.” Peter Pál Pelbart

2.15 Cena 8: Tomada: 14 - Considerações

As cartografias e narrativas percorridas ao longo deste texto tecem não apenas histórias de vidas aqui contadas, ofertam também possibilidades de refletir sobre a re-invenção no processo do trabalho vivo em ato e como essa re-invenção pode subverter a ordem dos modos de cuidado, transgredindo esses processos através da arte, da palhaçaria, e da reinvenção de si de uma comunidade, nos quais o encontro torna-se a plataforma das possibilidades da emergência de novas intensidades-forças, criadoras de mais vidas nas vidas vividas.

Narrativas recolhidas e escritas num pequeno diário de campo revelaram sua potência e importância, pois são escritas a partir das afetações num corpo sensível produzidas em muitos encontros. Não se trata de um mero diário de registro, mas da produção de um vivido que foi se constituindo em experiências de si, com e nos outros e impressões em ato, que vão revelando a urgência em problematizar questões que há tempos são recorrentes nas favelas/comunidades cariocas e nas populações vulnerabilizadas pelos modos de viver neoliberal, hoje em dia.

Enfatizar histórias de encontros marcados por lutas, desafios e esperança na construção de um mundo outro, nos permitiu discorrer sobre narrativas de invenção de cuidado, de solidariedade, das potências no cuidado em ato, de si e do outro, sejam por conta das incursões militares, por falta de recursos básicos para sobreviver, ou por uma pandemia como a Covid 19; permeadas de incertezas e de medos de um vírus mortal ameaçando toda uma humanidade. Se para uma parte da população mais abastada trata-se de um enfrentamento, nos territórios favelizados, periféricos e pobres, onde vive grande parte da população vulnerabilizada pelas

faltas de políticas governamentais, é uma luta pela preservação da vida, desvelando as várias formas de operação da necropolítica nestes territórios.

Muitos foram e são os enfrentamentos dessa população marginalizada. Não são poucas as mazelas encaradas por cada cidadão encurralado pela fome, pelo desemprego, por diversas formas de violências e pela ausência de políticas públicas que os ampare em seus cotidianos e lhe possa garantir acessos a vida digna. Mesmo com todas estas condições desfavoráveis, nos deparamos com coletivos de cidadãos inventando e (re)inventando modos de existir e coexistir, enfrentando, de mãos dadas, as pelejas do dia a dia, numa busca incessante de uma vida com dignidade, sonhos, alegrias e devires. O devir – vida é o pilar desta construção através da política de solidariedade que opera na favela, por exemplo. Favela com suas bonitezas e pluralidades culturais e não reduzida a apenas um “aglomerado subnormal”, como classifica o IBGE: a favela que retratamos é como a fabulosa ave Fênix da mitologia grega, que renasce das próprias cinzas mais forte e com forças para lutar.

2.16 Cena 9: Tomada: 15 – Problema, o objeto e a pesquisa

Os acontecimentos (muitos!) – “a boniteza da vida” – narrados acima foi um convite a pesquisar os recolhimentos intensos e provocadores que a mescla pesquisadora e a palhaça Dra. Borboleta vivenciaram, uma convocatória nos diversos campos, do cuidado, da cognição, do sensível, da psicossociologia, da social, das experimentações, das experiências geradas nos encontros, das resistências e o modo se fazer pesquisa, no qual todas, todos e todes são pesquisadores o tempo todo, pois produzir é nuclear para viver.

Tomando como fontes principais as produções e experiências do vivido, o escutar de vozes, o registrar as vivências compartilhadas, recolhê-las, provocaram movimentos e um deslocamento necessário para compor novas aprendizagens, cada encontro propõe um despir-se do que já se tem elaborado para novas composições e elaborações, não se trata de abandonar os saberes já construídos dentro de outras experiências, mas estar aberta para viver outras intensidades produzidas que vão surgindo. Nenhum encontro é igual ao outro, ainda que possa ser parecido, nenhum improvisado é igual ao outro, tudo vai se compondo em ato. Ir se compondo como uma pesquisadora caminhante in-mundo, no sentido escrito por

(Cerqueira Gomes e Merhy, (2014). Permitir se in-mundizar no território da palhaçaria, da imprevisibilidade e na energia que emana do trabalho vivo em ato, e seus agenciamentos.

Os encontros com todos aqueles viventes e suas vivências evocaram elementos-chave para iniciar a construção e reflexões processuais desta pesquisa.

Nesta pesquisa, o objeto se funde entre as experimentações e os acontecimentos: o pesquisador e a pesquisa se in-mundam (Abraão ealt, Merhy,2014). Ambos são objetos e intercessores, ambos se deslocam na trajetória das descobertas, não há ensaio prévio para estabelecer os rumos destes encontros, há acontecimentos na produção que apontam para uma nova perspectiva de viver, sentir e realizar o cuidado.

Atuar nesses territórios violentos, miliciarizados instiga a fazer várias perguntas: Quais tensões acontecem entre vivências e experimentações no território da palhaçaria, que desorganizam o outro e o mundo do trabalho vivo em ato? Quais as relações que se estabelecem com os cuidados e as afetações nos encontros? Quais as possibilidades de formação de redes criativas vivas ao meio de guerras urbanas? Como desorganizar um corpo instituído, com suas marcas, abre a potência de agenciamentos de produção de mundos outros em si?

As narrativas relatadas nesta pesquisa foram possibilidade de procurar algumas respostas a essas questões, ainda que não esgotadas, como foi visto até este momento.

2.17 - Cena 10: Tomada: 16 - Narrativas teóricas: a curiosidade da pesquisa

Pensar as narrativas literárias que dialoguem com os acontecimentos e a proposta desta pesquisa exigiu uma andarilhagem, um engravidamento de palavras e sentimentos, conversas com: Adélia Prado, Ailton Krenak, Emerson Merhy ,Paula Cerqueira, Ermínia Silva, Kathleen Cruz, Bondiá, Foucault, Deleuze, Guattari, Daniel Lins, Suely Rolnik, José Pacheco, Walter Benjamim, Deligny , Marlon e tantos outros. Desafiou-me convidá-los para uma conversa e trocas dentro desta escrita.

Trazer essas vivências, encontros e experimentações se fez necessário, para refletir como as práticas e os discursos do cuidado estão sendo vivenciados nesses territórios de extrema violência, como elas existem, como operam e como

podem exercer uma relação de poder e força. Essas palavras foucaultianas auxiliaram a pensar sobre essas questões: "[...] as relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável [...]" (FOUCAULT, 2006, p. 232).

Os encontros borboletais e brincantes se deram de maneira sutil, no cume de um processo de violência. Iniciava-se ali uma cartografia para além do geográfico, para além dos mapas:

“Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa, representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.” (Rolnik,2006, p. 23).

As experimentações convocavam tanto a cartógrafa como os cartografados a comporem essas escritas, a registrarem os sentimentos que emergiam dos e nos corpos, a cada encontro brincante, sentindo, experimentando, possibilitando a expressão de suas afecções, afetações, o que tinham a dizer de si e em si sobre essas vivências, sobre essas cartografias, bem na linha de uma conversa com Deligny:

A cartografia como método de trabalho inverte assim a necessidade de uma reflexão prévia para em seguida agir; antes, ela impede e interdita essa necessidade. Ela é, desse modo, a forma mesma de uma prática que poderia se traduzir em campos políticos, sociais, estéticos e clínicos, mas a cada vez partindo de seu meio, desviando-os a priori e premissas; uma prática que, sem dúvida, parte da sua posição para assim poder entender a posição que o observador ocupa e enfim poder deslocá-la. (2015, p. 69).

O que o cartógrafo tem a dizer de si no campo das afecções e das afetabilidades? Esses atravessamentos eram e são uma constante neste processo de pesquisa, possibilitam olhar para dentro da cartografia sentindo-se cartografado. Isso é desafiador.

“O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (Rolnik, 2006, p. 63).”

Esta conversa foi imprescindível para refletir sobre as cartografias que não se atêm às coletas de dados do e sobre o outro ou às percepções dos viventes, mas à potência das produções cartográficas destas experimentações do vivido, pelos quais as vivem.

Outro aspecto a ser mencionado são os agenciamentos de enunciação que se produziam nos encontros e que operavam naqueles corpos sofridos. No entanto, também era possível operar outro enunciado dentro daqueles encontros borboletais, que possibilitavam produzir outros agenciamentos não inscritos naquele contexto, como incorpóreos, forças puras de afetabilidade. Os agenciamentos produzidos a cada encontro deslocavam-nos para um encontro mais leve, respeitando suas bagagens e os atravessamentos que são produzidos nesses territórios de violência.

Nos encontros, as pessoas traziam em suas bagagens, antes de tudo, os seus desejos e tinham a necessidade de falar e expressá-los em diversas configurações: desenhos, pinturas, prosas, músicas, desafetos, sorrisos. Se Deleuze

e Guattari pudessem experienciar aquelas vivências, nos aproximaríamos muito de um conversar sobre o que apontam no *Por uma literatura menor*.

É que a máquina é desejo, não porque o desejo seja desejo da máquina, mas porque o desejo não para de fazer máquina na máquina e de constituir uma nova engrenagem ao lado da engrenagem precedente, indefinidamente, mesmo se essas engrenagens têm ar de se opor ou de funcionar de maneira discordante. Falando com propriedade, o que faz máquina são as ligações, todas as conexões que levam à desmontagem.

Que a máquina técnica não seja senão uma peça num agenciamento social que ela supõe, e que mereça unicamente ser chamado «maquínico», isso prepara-nos o outro aspecto: o agenciamento maquínico de desejo também é um agenciamento colectivo de enunciação. (Deleuze e Guattari 2003, p. 138).

As narrativas e memórias desta incursão trazem histórias afetivas, do vivido, das resistências, de suas culturas, de conhecimentos tácitos. Cada movimento que começava a acontecer vinha carregado de memórias e recordações individuais, de uma memória social com diferentes passados dentro de um passado:

“A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (PORTELLI, 1996, p. 8), para serem vividas como possíveis experiências em comum.

A subjetividade da narrativa e a representatividade do lugar ou cena dos acontecimentos no cotidiano, produzem um intercâmbio por meio do qual toda vida vale ser narrada e ao ser narrada se agencia em mais vida na vida vivida.

Como não pensar no Benjamin, intercambiando as experiências, as descrições a partir do narrador e de onde ocorre a narrativa. “*O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros*” (BENJAMIN, p. 201).

Cada encontro carregava uma força de resistência e existência, éramos muitos compondo uma narrativa viva em ato.

Considerações derradeiras

Foram inúmeras as afetações que senti a cada escrita nesta pesquisa, por vezes senti no corpo os efeitos das narrativas cartografadas. Olhá-las por outro ângulo, sob outras lentes – as lentes das afetações, afecções, afetos, de um vivido intenso, de encontros e desencontros que produziam em mim o desejo de produzir outras formas de cuidado, foi um desafio extremo. Foi possível um encontro teórico, desorganizador e reorganizador que me trazia e produzia sentidos outros para cada experiência recolhida. Foi importante desaprender para aprender novas construções de saberes. Foram encontros que me reafirmaram o quanto precisamos ser radicais em si e com os outros, na defesa das vidas.

“ Borboleta, transversa o verso do amigo Manoel de Barros, para registrar que a mescla coisaram em todas essas escritas” (Dra.Borboleta)

Música: ÉTudoPraOntem

Emicida

Talvez seja bom partir do final Afinal, é um ano todo só
de sexta feira treze Cê também podia me ligar de vez em quando
Eu ando igual lagarta, triste, sem poder sair Aqui o mantra que nos
traz o centro Enquanto lavo um banheiro, uma louça, querendo
lavar a alma Na calma da semente que germina Que eu preciso
olhar minhas menina A folha amarela, igual comida Envelhece, é a
vida, acontece Com pessoa e documento É tão triste ter que vir
Coisa ruim pra nos unir E nem assim agora Mano, vamo embora a
tempo

Viver é partir

Voltar e repartir (é isso)

Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem)

Viver é partir

Voltar e repartir

Partir, voltar e repartir

Vi árvores a derramar suas flores para ninguém.

Tô zen no meu momento Coltrane anti-jazz
 Crianças tem o céu no alcance das mãos Irmão, será
 que há tempo de poder ser mais? Eu sei, caramba, nem estrelas
 são iguais

Tem mais, vitória agora é uma fresta de sol
 No fim das conta, Tetsuo é quem tinha razão
 Então todas areias da ampulheta, vão
 E as fotos amarelam, como os dentes
 As plantas, a gente, a chama A febre intermitente Vazia
 estrada, cheia caixa de entrada
 E de repente
 Uma luz quadrada quente, diz que

Viver é partir
 Voltar e repartir (é isso)
 Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem)
 Viver é partir Voltar e repartir Partir, voltar e repartir

O criador deixou a humanidade aqui na Terra e foi para
 algum outro lugar do cosmos Um dia ele se lembrou de nós e
 disse:

“Ah, eu deixei minhas criaturas lá na Terra, preciso ver
 o que elas se tornaram”

Mas enquanto fazia esse movimento incrível de vir até
 aqui nos ver, ele pensou: “E se eles tiverem se tornado algo pior do
 que eu posso conceber?”

O melhor seria não ter um encontro pessoal com eles.

Vou fazer o seguinte:

Vou me transformar em uma outro criatura para ver as
 minhas criaturas”

Ele se transformou num tamanduá e saiu pela campina

Em certo momento, um grupo de caçadores, munidos
 de bordunas e laços

Se encostaram numa paisagem, avançaram sobre ele,
 o prenderam

E levaram pro acampamento com a intenção óbvia de
 comê-lo

Duas crianças gêmeas, que observavam a cena, evitaram que ele fosse levado para a fogueira

Ele então se revelou para os meninos, que, antes que os adultos descobrissem, acobertaram a sua fuga

Do lado de uma colina, os meninos gritaram:

“Avô, avô, o que você achou da gente, das suas criaturas?”

E Deus respondeu: “Mais ou menos”

Viver é partir Voltar e repartir (morte é quando a tragédia vira um costume)

[#ÉTudoPraOntem](#)

Partir, voltar e repartir (pra diferença da qual ninguém tá imune)

Viver é partir

Voltar e repartir (mas ouça de alguém que nasceu num tapume)

Partir, voltar e repartir (é só na escuridão que se percebe os vagalumes)

Viver é partir

Voltar e repartir (é isso)

Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem)

Viver é partir Voltar e repartir Partir, voltar e repartir

Viver é partir

Voltar e repartir (é isso) Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem) Viver é partir Voltar e repartir

Partir, voltar e repartir

Emicida - É tudo pra ontem part. Gilberto Gil

Fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

ASSIS, J.M,M,; Frases de Machado de Assis p.: 2 (461 palavras) Publicado: 22 de março de 2014,disponivem em <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Frases-Machado-De-Assis/49214736.html>

ANDRADE, Carlos Drummond de E agora, José? In: <https://www.culturagenial.com/poema-e-agora-jose-carlos-drummond-de-andrade/>

BARROS, M. Memórias Inventadas: A Segunda Infância. São Paulo: Planeta, 2006.

BARROS, Manoel de. Concerto a céu aberto para solos de ave. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BARROS, Manoel de. O livro das Ignorças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record, 2002

BENJAMIN, Walter; O Narrador p.201

BENJAMIN, Walter. Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984

BONDIA, J.L.; Notas sobre a experiência e o saber de experiência, Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

CECCIM, R.B.; MERHY, E.E.; Intense micropolitical and pedagogical action: humanization between ties and perspectives. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.13, supl.1, p.531-42, 2009

RIO DE JANEIRO (RJ).; Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro Prefeitura. Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil. Coordenação de Saúde da Família. Protocolos de Enfermagem na atenção primária á saúde / Prefeitura, Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, Subsecretaria Geral Rio de Janeiro: Prefeitura, 2012.

LIMA, Cléo.; Crônicas de uma Dra. Borboleta : (Re)inventando a Saúde pelo Afeto – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015

CRUZ, kathleen Tereza.; (2016). Agires militantes, produção de territórios e modos de governar. Conversações sobre o governo de si e dos outros. Série:

Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde (9). (1.ed.) Porto Alegre: Rede Unida.

FREIRE, PAULO. (1992). Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DELEUZE, G. ESPINOSA – Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2002

DELEUZE, G; GUATTARI, F; Kafka para uma literatura menor. Edição 789, 2003

DELEUZE, G; GUATTARI.; Post-Scriptum, Sobre as Sociedades de Controle e Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-22

DELIGNY, Fernad.; Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 1º quadrimestre de 2015 – Vol. 8 – nº 1 – pp.57-71 –

FEUERWERKER,L.;C.;M.; BERTUSSI, MERHY: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde, livro V.2 : Surpreendendo o instituído nas redes-Rio de Janeiro, Hexis, 2016:

FOUCAULT, M. Estratégia, Saber, Poder. Editora Forense Universitária. 2ª edição, 2006

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder.

Gomes, Maria Paula Cerqueira e Merhy, Emerson Elias (orgs.). (2014). Pesquisador In-Mundo: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental. Porto Alegre: Rede Unida. <http://www.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-eo-cuidado-em-saude/pesquisadores-in-mundo-pdf/view>

IBGE 2010. https://censo2010.ibge.gov.br/noticias_-_censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2051&busca=&t=censo-2010-aprimorou-identificacao-aglomerados-subnormais

IBGE.2010. <https://www.scielo.br/j/urbe/a/jKnRbycQSskfHcnFyntN4kj/?lang=pt&format=pdf>

IBASE. (2020). Indicadores de Cidadania do Complexo do Alemão. Recuperado em: <https://ibase.br/pt/noticias/pesquisa-do-ibase-revela-indicadores-de-cidadania-do-complexo-do-alemao/>

IBASE. (2020). Projeto Juventudes em Movimento-Sistema de Indicadores de Cidadania-INCID Aplicados ao Complexo do

Alemão: https://ibase.br/pt/wp-content/uploads/dlm_uploads/2020/12/JuventudesEmMovimento-24NOV.pdf

HEIDEGGER, Martin, (1987). La esencia del habla. In: De camino al habla. Barcelona: Ediciones del Serbal.

KRENAK, Ailton. (2020). A vida não é útil. Pesquisa e org. Rita Careli. (1.ed.). São Paulo: Companhia da Letras.

MBEMBE, Achille. (2018). Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições.

MERHY E.E.; GOMES.; M.P.C.; Pesquisadores In-mundo – Um estudo da produção do acesso e barreiras em saúde mental. Porto Alegre, 2014: Rede Unida

MERHY E. E.; (2002). Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec.

MERHY E.E.; Avaliação compartilhada do cuidado em saúde, livro : surpreendendo o instituído nas redes-Rio de Janeiro, Hexis, 2016:

MERHY E. E.; A produção do medo e a constrição de corpos medrosos, disponível em: <http://www.semanaon.com.br/coluna/21/9496/a-producao-do-medo-e-a-onstrucao-de-corpos-rosos>

MERHY E. E.; O ato de cuidar, disponível em:

<https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/territorio/o-ato-de-cuidar.pdf>

MERHY,E.E.; Disponível em https://www.academia.edu/11629689/A_vista_do_ponto_de_vista

MERHY E. E.; et al. (2016). Avaliação Compartilhada em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. Rio de Janeiro: Hexys. Recuperado em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5798651/mod_resource/content/1/Avaliacao%20compartilhada%20do%20cuidado%20em%20saude%20vol2.pdf

MERHY E. E.; (2014). As vistas dos pontos de vista. Tensão dos programas de Saúde da Família que pedem medidas. Recuperado em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/artigo_emerson_merhy.pdf

MERHY, E. E. et al. (2014). REDES VIVAS: Multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde; https://www.researchgate.net/publication/305808534_Redes_Vivas_multiplicidades

[girando_as_existencias_sinais_da_rua_Implicacoes_para_a_producao_do_cuidado_e_a_producao_do_conhecimento_em_saude](#)

MERHY, E. E. et al. REDES VIVAS: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. In: Merhy et al. (Org.). **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2016. v. 1, p. 31-42.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PACHECO, J, *Inovar é Assumir um Compromisso Ético com Educação*, Editora Vozes, Petrópolis, 2019.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. *Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, vol. 1, nº 2, 1996.

SILVA, Ermínia, “O circo sempre esteve na moda”. In: Daniel Lins; Beatriz Furtado. (Org.). *Fazendo rizoma: pensamentos contemporâneos*. 1ed. Fortaleza: Hedra, 2008, v. 1, p. 90-97

MARTIN, Pollyanna da Silva et al. História e Epidemiologia da COVID-19. *Revista Ulakes*, v. 1, n. esp., p. 11-22, 2020.

PRADO, Adélia. (1976). *Com licença poética* In: *Bagagem*. Recuperado em: <https://www.culturagenial.com/poemas-adelia-prado/>

ROLNIK, S. (1989). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estações Liberdade.

WERNECK, Guilherme Loureiro ; CARVALHO, Marília Sá . A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00068820, Abr. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-cronica-de-uma-crise-sanitaria-anunciada>. acessos em 21 Jun.: 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00068820>.

MÚSICAS CITADAS:

David Bowie – Under Pressure: <https://www.youtube.com/watch?v=rkzcyszmeVrs>

Emicida - É tudo pra ontem part. Gilberto Gil:

<https://www.youtube.com/watch?v=qbQC60p5eZk>

Emicida & Drik Barbosa – Sementes :

[https://www.google.com/search?](https://www.google.com/search?q=musica+sementes+emicida&oq=musica+sementes+emicida+&aqs=chrome..69i57.8353j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

[q=musica+sementes+emicida&oq=musica+sementes+emicida+&aqs=chrome..69i57.8353j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=musica+sementes+emicida&oq=musica+sementes+emicida+&aqs=chrome..69i57.8353j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

Emicida - Principia part. Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q>

Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablio Vittar (Áudio oficial): <https://www.youtube.com/watch?v=uJcjV6g5mV8>

GONZAGUINHA.; O que é, o Que é? Série Retratos:

<https://www.youtube.com/watch?v=tHLdWLDyP8>

PALAVRA CANTADA: Criança não Trabalha:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZeByseNNEsk>

TOQUINHO & VINÍCIUS DE MORAIS.; Aquarela:

<https://www.youtube.com/watch?v=7xILB005PTQ>